Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

DOMINGO, 18 DE MARÇO DE 1973 — N.º 18043 — ANO 52.º — PREÇO 1$50

EDIÇÃO DE DOMINGO

"CIVIS" EM VEZ DE MILITARES

OS NOVOS AMERICANOS DO VIETNAME

. No momento em que abriu em Paris a conferência internacional sobre o Vietname, não deixa de ter interesse determinar as coordenadas sobre a retirada dos americanos deste país. Ou, mais precisamente, sobre a partida das tropas, pois, no mesmo momento, milhares de civis vindos dos Estados Unidos chegam ao sul do paralelo 17.

Desde o último ano, podem encontrar-se na imprensa americanos e no diário de língua inglesa «Saigon Post» anúncios deste género: **«A sociedade americana, formados por uma escola da Força Aérea americana (AFSC 32470 com experiência ISAN e IFF)** — «Saigon Post» de 1 de Fevereiro. Esta sociedade tem a sua sede no Hotel Majestic de Saigão, que pertence ao governo sul-vietnamita.

A Federação Electric Corporation, que pertence ao grupo ITT, procura, por seu lado **«um operador de rádio que tenha terminado os seus estudos civis ou militares. Experiência militar mínima desejável de pelo menos um ano na direcção de mísseis ou FAA»** («Boston Globe» de 4 de Fevereiro). A mesma sociedade publicou, também, no **The Los Angeles Times,** do mesmo dia, um pequeno anúncio, pedindo pessoal para um centro de comunicações: **«É motivo de preferência uma experiência de operações administrativas ou militares no decurso dos últimos doze meses»**, precisa o anúncio. Quanto à sede americana da companhia Page, que pertence ao grupo Northrop, tem necessidade de **«técnicos de radar com experiência militar»**, e anuncia que recrutará **«dentro de um próximo futuro outros técnicos (PMEL) que tenham já trabalhado na força aérea»** («Providence Independant», igualmente de 4 de Fevereiro). No mesmo dia, a NHA inc. procurava, através do **The Los Angeles Times,** pilotos de avião e de helicóptero para o Vietname, devendo este últimos saber pilotar UH-1 ou Bell-204, 205 e 206.

Em Janeiro, o Boletim da Base Aérea de Kelly, no Texas, anunciava que tinha na base de Bien-Hoa dez lugares para oficiais instrutores. A base procurava, também, cinquenta **«civis voluntários para uma missão temporária (ou TDY) no Vietname;** entre os lugares «civs» propostos, encontrava-se, por exemplo: superintendente para as reparações de armamento e de electrónica, especialistas de manutenção de veículos e de aviões, um especialista para pesquisa de informações (de qualificação GS-9 a 13), um empregado de escritório encarregado das mesmas actividades (G-5 ou 6)...

O general do Vietcong, Tran Van Tra acusou, numa conferência de imprensa, tida ontem, os Estados Unidos pela infiltração no Vietname do Sul de armas e reforços, violando o acordo de cessar-fogo «completamente destituído de bases». Atrás dele, pode ver-se uma bandeira vietcong, com as palavras «Determinados a Vencer» e um retrato de Ho Chi Minh

Há no Vietname milhares de especialistas «civis» deste género. Para não violar, na forma, os acordos de Paris, os técnicos militares que formam os soldados de Saigão, mantêm e reparam o material (sobretudo electrónico e de aviação), são substituídos por «civis» com contrato, que são, na maioria dos casos, antigos militares, às vezes desmobilizados localmente, no Vietname. Este plano, revelado ao Congresso americano pelo Pentágono desde 20 de Julho de 1972, muito antes do recomeço das negociações Kissinger-Le Duc Tho, deve ser aplicado dugante, pelo menos, dois anos; prevê o envio de dez mil pessoas, o que custará 150 milhões de dólares por ano. Cinco mil destes «civis» chegaram ao Vietname desde Dezembro do ano findo.

Para se ocupar destes novos «contratados»», na maioria das vezes pagos pelo Pentágono, a repartição dos adidos militares de embaixada americana em Saigão — que reúne uma centena de adidos e é dirigida

Continua na pag. 28

MAUS TRANSPORTES PARA OS ESTUDANTES DE LISBOA

Em muitas escolas de Lisboa os alunos estão a chegar atrasados ás aulas por causa da falta de transportes. Sabe-se que a Carris retirou da circulação cerca de cemautocarros nas carreiras das oito e das dezanove horas, que são precisamente as «horas de ponta». Vários estabelecimentos de ensino encaram soluções de tolerância de faltas de atrasos na classe das aulas das oito da manhã, mas isso não é solução para os prejuízos escolares sofridos pelos alunos. A Carris informou as Direcções das escolas que tem falta de algumas centenas de motoristas, não podendo por isocontinuar a garantir autocarros para as visitas de estudo, a partir das 17 horas. Com a retirada da Carris coincidiu um aumento de 50 por cento no aluguer de autocarros de outras empresas para visitas de estudo depois das 17 horas, aumento que só é explicado pela falta de concorrência.

Embora a deficiência de transportes ás oito horas seja mais sentida pelas escolas, não pode esquecer-se que os alunos dos turnos da tarde também são muito prejudicados pela falta de autocarros para o regresso a suas casas por voltas das 19 horas, perdendo tempo que lhes era preciso para a preparação das lições do dia seguinte.

Deste modo, além das grandes distâncias que a dispersão urbanística e o reduzido número de escolas obrigam a percorrer e além das demoras excessivas do trânsito de Lisboa, sobretudo nas horas de ponta, os alunos das escolas da área da capital lutam agora com a diminuição do número de autocarros.

O jazz em exposição

Está a decorrer na Livraria Opinião, uma Exposição sobre Jazz. Nela se reunem os discos editados em Portugal, livros, revistas «posters», fotografias, indicações bibliográficas, etc. Ou seja: uma amostragem tão completa quanto possível sobre a música dos negros norte-americanos e tudo o que a rodeia e a condiciona. Por isso falámos com José Duarte, o responsável pelo programa «5 Minutos de Jazz» que comemora neste momento, o seu sétimo aniversário. A exposição ora patente na Opinião é um dos acontecimentos que se inserem nas comemorações do aniversário da única rubrica de Jazz actualmente existente na rádio portuguesa **(pág. 19)**

MILLER GUERRA AO D.L.

"A perda do mandato é uma realidade"

A renúncia do deputado Miller Guerra à Assembleia Nacional, segundo parece, não chegou a ser considerada e, portanto, não foi submetida à aprovação do plenário daquele órgão, por o Presidente da Assembleia considerar que o pedido deveria ter sido formalizado, por escrito, à presidência, tendo-se negado consequentemente a aceitá-lo.

Contactado o professor Miller Guerra este recordou-nos que fizera publicamente o pedido de renúncia numa sessão plenária, a 6 de Fevereiro, e que entendia não ser necessário mais nada.

— **Tanto mais,** acrescentou **que não encontro no Regimento da Assembleia qualquer artigo que especifique ser preciso fazê-lo por escrito, embora o Presidente entenda que a declaração pública não é o suficiente. De qualquer modo, depois de quinze faltas não justificadas a perda do mandato é uma realidade. Nada mais tenho a dizer; foi uma atitude pública e voluntária.**

Leia hoje

. «Quotidiano Automóvel», carta do Brasil de Chianca de Garcia; «O Caso Polido Valente» (A Ciência e o Homem), por António M. Baptista: «A Grande Crise», comentário internacional de A. Villaverde Cabral; «As Consequências Económicas do Vulcão da Islândia»; «O Justicialismo na Argentina»; Reportagens; Regional; Espectáculos; Desporto, etc.

Leia amanhã

Em «EXCLUSIVO», a suplemento das segundas-feiras: «Ainda Há Índios nos Estados Unidos...», o que resta da «grande nação» sioux e o que se passa actualmente nas «reservas»; Os Estados Unidos estão Ameaçados de Falta de Combustível? Pelo Mundo.

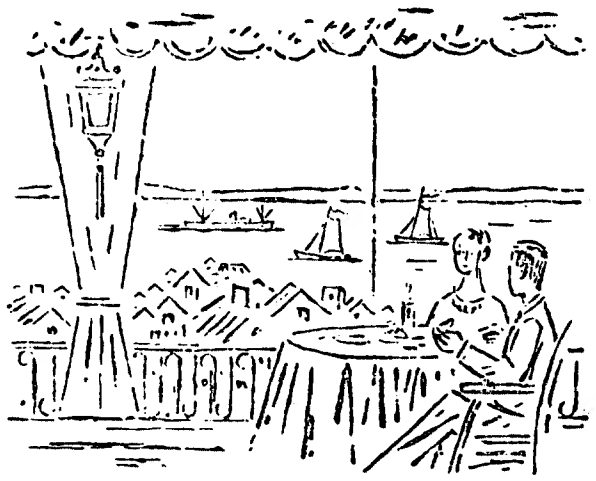
BOSCH, AS CRIANÇAS E OS "MONSTROS"

Das «Tentações de Santo Antão», de Jerónimo Bosch, aos «Monstros» pintados pelos alunos de uma escola primária de Lisboa, vai toda uma distância feita de tempo, experiência, amadurecimento, técnica, arte, génio. Mas há pontos comuns como imaginação, interpretação plástica de realidades, criação. Além do mais, tudo isso se encontra no Museu Nacional de Arte Antiga, às Janelas Verdes. Talvez seja uma boa altura para revisitar Bosh e ver a exposição de pintura infantil, que abre na próxima 5.ª feira. (Pág. 5).

HOJE: 28 PÁGINAS

restaurante

Varanda do Chanceler



REABRE DIA 20 TERÇA-FEIRA
TOTALMENTE REMODELADO
Largo do Chanceler, 7/A — ALFAMA
LISBOA

ATLANTICA LINE

Único serviço semanal com saídas em dias fixos (segundas-feiras) para os U.S.A./Canadá

«ATLANTICA LIVORNO» 26/3/73	NEW YORK / NORFOLK / / BALTIMORE/ST. JOHN/ / MONTREAL / TORONTO E HAMILTON
«ATLANTICA MONTREAL» 2/4/73	NEW YORK / NORFOLK / / BALTIMORE / BOSTON

Recebimento de carga em contentores (grupagem) todas as sextas-feiras.

OS AGENTES GERAIS:

SOCIEDADE COMERCIAL
OREY, ANTUNES & CIA LDA.
PRAÇA DUQUE DA TERCEIRA, 4 — TEL. 36 60 56/36 22 66
LISBOA 2 PORTUGAL

ESTENOGRAFIA

(SPEEDWRITING)

No CENTRO APERFEIÇOAMENTO PROFISSIONAL do SINDICATO NACIONAL PROFISSIONAIS ESCRITÓRIO DISTRITO LISBOA, decorre um curso intensivo que utiliza alfabeto usual em vez de símbolos. Inscrições, Av. Duque Loulé, 83-3.º, de 2.ª a 6.ª, das 18.30 às 23 h. Telef. 59993 e 45712.

EXPOSIÇÃO COMEMORATIVA
DO IV CENTENÁRIO DE «OS LUSÍADAS»
na Biblioteca Nacional de Lisboa
UMA EXPOSIÇÃO DE NÍVEL EUROPEU

REGIONAL

A UNIVERSIDADE DE ÉVORA ABRIRÁ EM OUTUBRO

Évora — Segundo apurámos, está assegurado o começo de funcionamento em Outubro do Instituto Universitário de Évora. Prossegue activamente a preparação das instalações, está bem encaminhado o recrutamento dos professores. O novo estabelecimento de ensino superior integrará as duas faculdades em que se transformarão os cursos do Instituto Económico e Social, fundado há dez anos graças aos donativos dos condes de Vilalva, e mantido, em grande parte, pela Fundação Eugénio de Almeida. Também farão parte do Instituto Universitário de Évora os novos cursos de agricultura, pecuária e direcção de empresas, que serão instalados na Escola de Regentes Agrícolas e que serão dirigidos pelo prof. Ario de Azevedo, catedrático do Instituto Superior de Agronomia. O novo instituto conferirá os graus académicos de cacharel e licenciado.

Prevê-se, também, a futura implantação em Évora de uma Faculdade de Letras, que deverá ser instalada no antigo edifício da Universidade de Évora, suprimida no século dezoito pelo marquês de Pombal, como resultado da expulsão dos jesuitas de Portugal. Aventa-se, também, a criação em Évora de uma Faculdade de Medicina.

Para já, Évora passará a dispor de cinco escolas superiores, o que lhe fará ocupar lugar de relevo na preparação dos quadros de que necessita o país, e muito em especial o Alentejo.

ESTREMOZ:

ARTESANATO ESQUECIDO

ESTREMOZ — Uma valiosa colecção de artesanato popular alentejano, destinada a figurar num museu desta cidade, espera, há mais de dois anos, por razões que só a burocracia conhecerá, o momento de ser exposta. As peças, muitas delas em barro, e ligadas às mais variadas actividades do povo alentejano, foram compradas ao eng. Reis Pereira, irmão do poeta José Régio, em cuja casa-museu estiveram para figurar. A compra foi efectuada pelo município de Estremoz que despendeu uma soma de 600 contos. As peças estão actualmente encerradas em caixotes, à espera que se decida o local de destino. Soore este assunto se prolongaram as discussões enquanto as peças de artesanato foram ficando votadas ao esquecimento e à deterioração. E até hoje, encaixotados nas instalações do museu do castelo da vila, os objectos esperam por quem se lembre deles.

Salreu: o trânsito é assim

ACESSOS A AVEIRO:

UMA LONGA «BICHA» COM MUITAS CABEÇAS

AVEIRO — Foi anunciada recentemente a construção da estrada Aveiro-Viseu, que virá solucionar uma série de problemas. Tais como: encurtar a distância entre as duas capitais do distrito, proporcionar um escoamento mais rápido das mercadorias chegadas ao porto de Aveiro, e ainda, pôr um ponto final à lamentável situação em que se encontram os habitantes de quase todas as freguesias que eram servidas pelo combóio do Vale do Vouga, com efeito, quando toda a gente pensava que entrariam ao serviço máquinas «Diesel», para evitar os fogos nas matas que marginavam a estrada de ferro, acabou-se pura e simplesmente com o combóio, substituindo-o pela camioneta, com todos os inconvenientes já sobejamente conhecidos.

Aveiro vê, assim a possibilidade do começo de solução para um dos seus grandes problemas: a ligação com outras cidades.

Entretanto, o tráfego para a Figueira da Foz, para o Porto e, principalmente, para Coimbra continua a fazer-se por estradas de piso e traçado, horríveis, dificultando muito o acesso à cidade e fazendo com que muitos desistam de a visitar. Ainda há pouco, quando à entrada da Malaposta se começaram umas obras de beneficiação da estrada, pensou-se que agora é que a coisa ia tomar outro aspecto. Mas não. Avançou-se umas centenas de metros e tudo ficou na mesma. Para ir à Figueira da Foz tem que se seguir por uma estrada que passa pelo meio de povoações e com um piso deplorável em alguns troços. Para ir ao Porto, tanto por Albergaria-a-Velha como por Espinho, nem é bom falar.

A foto junta tirada em Salreu, é mais elucidativa do que as nossas palavras. Nesta última localidade, procedeu-se há tanto tempo ao alargamento de um troço de estrada que, qualquer dia, acontece o que é habitual: quando acabarem as obras, já os troços novos estão a precisar de outro arranjo.

COOPERATIVA DO PESSOAL DA COMPANHIA COLONIAL DE NAVEGAÇÃO, S. C. R. L.

Rua do Instituto Virgílio Machado, 14 — LISBOA-2
Telefone: 87 03 00

CONVOCATÓRIA

Para cumprimento do disposto nos artigos 28.º e 30.º dos estatutos, convoco a assembleia geral ordinária da Cooperativa do Pessoal da Companhia Colonial de Navegação a reunir-se no próximo dia 31 do corrente, pelas 21 horas, na Rua do Instituto Virgílio Machado, 14, com a seguinte ordem de trabalhos:

1.º Discutir e votar as contas, pareceres e re órios dos corpos gerentes respeitantes a 1972;

2.º Eleição dos corpos gerentes para o biénio de 1973-1974.

Não havendo número legal de sócios presentes, a assembleia funcionará com qualquer número, às 21 horas e 30 minutos, no mesmo dia e local.

Lisboa, 13 de Março de 1973.

(José Manuel Rebelo de Andrade Barreto)
O Presidente da Assembleia

O TEJO SERÁ UM RIO MORTO DENTRO DE ALGUNS ANOS

VILA FRANCA DE XIRA — Apesar da publicação em Janeiro de um decreto-lei que estabeleceu novas normas para a actividade piscatória, continua a fazer-se no Tejo a pesca de arrasto, prossegue a utilização dos tapa-esteiros ou estacadas. Se não se proibir imediatamente a utilização destes métodos, dentro de alguns anos o Tejo será um rio sem peixe. Os linguadilhos já escasseiam, o sável tornou-se raro, quase desapareceram o enxárroco, a corvina, o cação, o camarão, e a azevia.

Os tapa-esteiros ou estacadas chegam a atingir quilómetros de comprimento. As redes, que podem ter centenas de metros, são armadas durante a maré vazia e são levantadas depois da maré cheia, quase na baixa-mar. Todo o peixe que cai nas redes, pequeno ou grande, não tem qualquer possibilidade de escapar. Milhares de peixes de tenra idade, morrem ao levantar das redes, o que impede a renovação das espécies.

O arrasto é constituído por uma rede comprida, com fundo falso, presa a um pau que se arrasta pelo leito do rio. Além do pau matar os peixes mais novos que procuram refugio no fundo do rio, as malhas apertadíssimas da rede não deixa escapar as espécies mais pequenas. Quando a rede é içada, os peixes de maior porte são retirados, os pequenos peixes são devolvidos às águas do Tejo. Vão servir de repasto às aves marinhas.

A estrada e o arrasto são, juntamente com o lançamento de detritos químicos nas águas do Tejo, as principais causas do desaparecimento do peixe. Passam-se meses, anos, sem que apareça qualquer autoridade marítima a fiscalizar os métodos de pesca. A continuar a situação actual, não tardará o dia em que o Tejo será um rio morto, o que privará de trabalho muitas centenas de pescadores.

MANUEL DOS SANTOS

MISSA DE 30.º DIA

Glória Elena Diez dos Santos e Manuel Jorge Diez dos Santos participam que amanhã, dia 19, pelas 19 e 30 horas na igreja do Sagrado Coração de Jesus «R.Cam. Castelo Branco» será celebrada missa de 30.º dia pelo eterno descanso de seu querido marido e pai, agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignem assistir a este piedoso acto.

ARTISTAS DE DOMINGO

No âmbito do Mercado da Primavera, vai realizar-se mais uma vez em Belém o «salão dos Artistas de Domingo», que nas versões anteriores reuniu centenas de pessoas dedicadas ás artes plasticas nas suas horas livres.

Os trabalhos concorrentes, num máximo de cino por cada artista, podem ser entregues até quart-feira, na Repartição de Artes Plasticas da Secretaria de Estado de Informação e Turismo, dentro das horas normais de expdiente.

"Quybyrycas" ou o humor épico

Quibíricas é um vocábulo derivado de Quibir ou Kibir, conforme nos elucida Jorge de Sena no seu eruditamente jocoso prefácio, escrito com inteligência e humor (até com bibliografia intencionalmente, criticamente, forjada), no mesmo tom que permitiu ao poeta moçambicano João Dias (heretónimo do pintor António Quadros) parodiar «Os Lusíadas», ou seja, compor este monumental **pastiche** de um poema heróico. É claro que, em seu subido exercício de retórica, além de exercitar a destreza no manejo do idioma e no da prosódia, não enjeitando nem o arcaísmo nem as figuras de estilo ao gosto clássico, Grabato Dias profetiza («sabei que as cousas têm nascimento/sempre em cousas passadas. Isto é lei»). Livro de sentidos primeiros e segundos, divertimento verbal cheio de conceitos irónicos, de reformulações satíricas, será de bom aviso lê-lo com atenção:

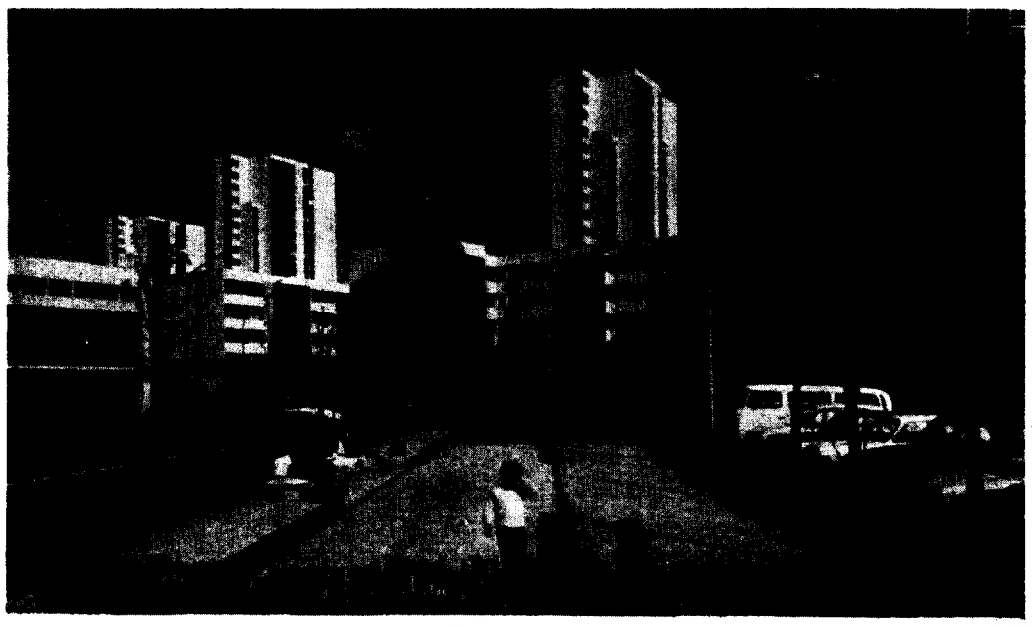
«Porque estarão mandando uns enquanto
os outros, por mandados, já se alheiam
da matéria mandada, num quebranto
de carácter e de modos? Que arreceiam
por si ou pelos seus, fugindo ao tanto
dever indeclinável que refreiam
nos próprios dentes pondo o vil bridão
toda a intenção mudando em sem tenção?»

Há neste livro (1), que brinca com a História, a reinventa, refaz o passado e o presente, extraordinários passos de criação verbal na melhor tradição barroca e escarninha do génio português. Assim:

«Mas Moluco balança na liteira
o frio corpo da severidade
onde o lábio cedendo à costumeira
relaxão da morte, tem a caridade
de deixar ao sorriso a rua inteira
empedrada dos dentes da verdade:
Se há um Deus Superior comum a tudo
é o deus da Ironia e do Entrudo!»

(1) Edição de J.P. Grabato D. — Lourenço Marques.

URBANO TAVARES RODRIGUES



O financiamento das novas cidades

Os governos que investem fundos na construção de cidades novas procuram descobrir os métodos de financiamento mais racionais. Uma comparação internacional das práticas seguidas pelos diferentes países, foi empreendida por um grupo de estudo, criado pela Comissão de Ambiente da OCDE. O artigo que se segue refere as experiências de países que aplicam métodos diferentes: os Estados Unidos, onde o fianciamento é privado, mas se processa em paralelo a uma experiência de organismo para-público; França, onde a colaboração entre o sector público e o sector privado assume formas muito diversas e Holanda, em que o sector público tem um papel predominante.

ESTADOS UNIDOS

Nos Estados Unidos o financiamento de cidades novas está, normalmente assegurado pelo sector privado. Um desses exemplos, apresentado ao grupo da OCDE é o de Columbia, cuja criação foi decidida em 1963, por um período de desenvolvimento fixado em quinze anos. O seu promotor é uma sociedade privada que se dirigiu a uma companhia de seguros para conseguir os fundos necessários. A cidade, cujo território se estende por 7.200 hectares (dos quais 1.300 urbanizados para parques e terrenos destinados a actividades para os tempos livres) está prevista para cerca de 140.000 habitantes, com 40.000 habitações e empregos. Perto de 850.000 metros quadrados cobertos estão reservados à indústria, 200.000 ao comércio e 100.000 para escritórios. A compra dos terrenos e a sua valorização ascendem a cerca de 100 milhões de dólares, ao que se acrese o custo da realização propriamente dita; nesta etapa o promotor reune os fundos para a construção de edifícios à medida que vão sendo necessários. Para a compra da primeira secção de terrenos fornecedor de fundos entregou ao promotor 22,5 milhões de dólares para que este operasse como entendesse apenas sob duas condições: o preço médio não deveria exceder os 3.750 francos por hectar e nenhuma compra por mais de 7.500 francos o hectar deveria ser feita. Foram comprados, em seis meses, 5.600 hectares e pagos em dinheiro ao preço médio de 3.600 francos.

Segundo o promotor, é importante conseguir uma certa maleabilidade na utilização das receitas para atingir desde o início a «massa crítica» que permite criar um efeito de atracção: as lojas abrem porque há pessoas que chegam para aí se instalar e as pessoas instalam-se por que há lojas que abrem... Entre outros princípios de base que permitem apreciar o valor de um acordo financeiro, o promotor nota que a experiência de Columbia confirmou os seguintes factos: obter um montante receitas conforme a um modelo económico estabelecido; equilibrar criteriosamente os reembolsos, segundo a cadência prevista pelo modelo económico; prever suficientemente os fundos para as estruturas comunitárias.

No contexto dos Estados Unidos, onde o sector privado assegura o financiamento das novas cidades, a criação pelo estado de Nova York, de um organismo para-público — a Sociedade de Desenvolvimento Urbano — apresenta uma excepção e uma experiência; ela permitirá avaliar das vantagens de uma colaboração entre os dois sectores. A sociedade, criada em 1968, tem por função reagrupar as energias privadas e públicas para contribuir assim para a renovação das cidades daquele estado e assegurar um crescimento ordenado das zonas urbanas. A sua competência permite-lhe mesmo ultrapassar os limites e os poderes dos municípios; ela tem o direito de expropriar de funcionar como promotor, de contrair empréstimos, de criar filiais. O seu programa para 1972 abarcou a construção de pelo menos 15.000 habitações e de equipamentos de toda a natureza, assim como o prosseguimento dos trabalhos em três novas cidades — Welfare Island, Lysander e Amherst, esta última ainda em projecto.

A ilha de Welfare, no East River, foi alugada por 99 anos à sociedade, pela cidade de Nova Iorque. Tornar-se-á numa cidade de 20.000 habitantes, onde será proibida a circulação automóvel, e compreenderá parques, escolas largamente disseminadas, um centro urbano com galerias cobertas, uma via para ciclistas e peões à volta da ilha, entre outras coisas. A nova cidade de Lysander, nascendo sobre uma superfície de cerca de 1.100 hectates, utilizada para a fabricação de munições durante a segunda guerra mundial, terá 5.000 habitações e 18.000 habitantes. O custo das operações será da ordem dos 300 milhões de dólares. Os custos das infra-estruturas serão recuperados pela sociedade através da venda de terrenos.

FRANÇA

Nove cidades estão a nascer em França: cinco na região de Paris e quatro na província. Para cada uma das cidades, uma missão de estudo e ordenamento assim como um organismo público de equipamento estão encarregados de estabelecer os esquemas directores de enquadramento e urbanismo que constituem as bases de desenvolvimento nas novas cida-

Continua na pag. 12

O nosso mundo

INDEPENDENTE

Não sei quem foi que disse que se há coisa falsa neste mundo é a imagem que fica de nós na lembrança da história. Ainda ontem ouvi de um homem publico, eminentemente político, verdades como punhos de um outro que começa a andar para aí desfigurado nas palavras dos críticos. Será que o autor do dito tem razão? O que sei é que aquele que eu escutei a dizer-me as tais verdades como punhos tinha na sua dicção a força de convencer fosse quem fosse. Para isso lá estavam os cabelos brancos a emoldurar-lhe as faces bondosas, nem que secas dos anos e da tarefas, aqueles olhos vivos que parecem espreitar o mundo para lá dos óculos de boa lente e aro de ouro, como se prescrutassem almas, e um raciocínio seguro e claro na cachimónia. Estou ainda a vê-lo, nas arribas de Morreira, ao lado do seu abade — barrigudinho e flácido nas carnes mas rijo de vontade — um daqueles curas que tanto merecem as meias vermelhas de deão ou mesmo o pluvial de bispo, como a ordem, simples de ensinar o catecismo às crianças, juntamente com o verbo político a servir o ideal patriótrico... O dr. Albino dos Reis enche-nos, ainda, as medidas, com a sua maneira fácil de contar as coisas e de fazer doutrina sobre as verdades da História! (...) O deputado Albino dos Reis so tem sido verdadeiramente **independente**. Ele nunca soube agarrar-se ao cargo triunfante da sua vida, sempre em ascensão: advogado, governador, ministro, conselheiro, parlamentar. Nem sequer fez do abade de U1 conego da Sé do Porto. E que bom deão ele dava! Tão bom, pelo menos, como o seu preclaro amigo conselheiro dava um banqueiro de categoria. (J. C. in **Correio do Minho**.)

SANTO AMARO (SOUSEL)

Reina o maior entusiasmo nesta freguesia, pelo bom ritmo em que estão a seguir as obras de electrificação de Santo Amaro, sem dúvida uma justíssima aspiração ha muitos anos acalentada por toda a população. Estamos em crer que ainda dentro do corrente ano se procederá à inauguração de tão importante melhoramento para a freguesia. Temos ainda conhecimento que a Câmara Municipal do nosso concelho está tambem animada da melhor boa vontade para levar a efeito outras importantes obras em Santo Amaro. Oxalá que tão desejados melhoramentos não se façam esperar, não só para satisfação desta laboriosa população, como ainda pela contribuição que eles terão, certamente, no progresso de Santo Amaro. (**Brados do Alentejo**.)

PAGÃOS

Os casais que se unem a margem da Igreja sem a graça do sacramento mostram por esse simples facto que têm um conceito pagão da vida, tornando-se por isso pecadores publicos. A Igreja assim os considera, por isso não os pode admitir como padrinhos do Baptismo, não têm direito a receber a visita pascal, nem se podem aproximar dos sacramentos. Se o fizerem, cometem um sacrilégio. Vivem em estado de revolta contra a lei divina, sendo considerados como dando escândalo público em virtude da situação em que se colocaram (...) O divorcio é uma chaga, um cancro no seio da sociedade, mesmo que, num ou noutro caso, possa ser apontado como remédio para certas uniões infelizes. O bem particular deve subordinar-se ao bem da comunidade. (P.S., in **Correio dos Açores**, transcrito de **Novidades**.)

TAVIRA

Enquanto se varrem os últimos confetis lançados no Entrudo, a Natureza, que vai tomando ares de Primavera, aponta-nos a Quaresma, quadra do silêncio e da meditação. Dos últimos assaltos, das últimas combustões restam as cinzas que mais uma vez nos atestam as leis da transformação. (...) São muito sérias as dificuldades que actualmente se têm de encarar para organizar com solenidade um cortejo religioso. Desde os que se encarregam da ornamentação dos andares aos que envrgam as opas para segurar nas insígnias, e da compostura das alas à banda de música para a abrilhantar vai por assim dizer um Himalaia de dificuldades a vencer. Tudo seria possível se houvesse, como já tambem alvitrámos, uma comissão organizadora para a realização de todas as procissões da quadra quaresmal com a colaboração das entidades, pois so assim seria possível manter essas tão lindas procissões de que Tavira tanto se orgulhava. (**Povo Algarvio**.)

Porque fecham ao trânsito as ruas em Cascais?

O Verão vem aí! A gravura mostra o aspecto de uma rua (?) de Cascais. Procede-se ali à construção de mais um imóvel. O lixo, a areia e a madeira acumula-se pelo chão. Trata-se de uma «paisagem» pouco convidativa para os turistas e pouco favorável ao desenvolvimento do turismo. O piso desta rua é péssimo. Será que o pavimento tem interesse histórico e não pode ser alterado? Será que as obras não estão terminadas em breve e então teremos este cartão de visita para os estrangeiros?

Por determinação da Câmara Municipal de Cascais, foi fechada ao trânsito, uma das ruas mais comerciais daquela vila: a Federico Arouca.

Imediatamente, os comerciantes protestaram. Sentiram-se prejudicados no seu negócio. Enviaram várias cartas para a Câmara. Pediram explicações. A resolução da edilidade local, porém, manteve-se inabalável: a rua continuaria fechada.

Àcerca deste problema, trocámos algumas opiniões com o vice-presidente da Câmara Comodoro Vieira Lopes. Disse-nos:

. — **Não há justificação para abrir a rua. Aliás, o assunto já foi convenientemente debatido e estudado. Não foi a primeira rua a ser encerrada ao trânsito e não será a última, pois num futuro mais ou menos próximo, tencionamos fazer o mesmo com outras.**

O trânsito em Cascais, um dos maiores centros turísticos do país, é um verdadeiro pandemónio. Segundo as palavras do nosso interlocutor **«só não há mais acidentes por os condutores e os peões, terem muita habilidade»**, atendendo ainda a que as ruas daquela vila, demasiado estreitas e não estão preparadas para suportar um tão grande movimento rodoviário.

Para que as pessoas pudessem fazer as suas compras descansadas, foi decidido fechar algumas das ruas. Vejamos, por exemplo. Como a gravura mostra, a Federico Arouca é bastante apertada e os passeios ainda mais estreitos; com a rua cheia de carros e as pessoas (muitas!) a movimentarem-se de lado para lado, era realmente uma **«aventura»** andar na Federico Auroca.

«Mas isto não irá prejudicar o negócio?» — alvitrámos. Segundo o ponto de vista do comodoro Viera Lopes isso não acontece. **«Em todo o mundo segundo o nosso interlocutor — os grandes centros comerciais, isto é, as grandes artérias de estabelecimentos, encontram-se vedadas ao trânsito. Os próprios comerciantes aproveitam isso, para fazer uma maior exposição dos seus artigos. As donas de casa podem levar tranquilamente os filhos (a gravura documenta) e deixá-los brincar à vontade, sem a preocupação constante de um acidente»**. Julgamos que os comerciantes da rua do Carmo não se sentiram prejudicados, quando no período de Natal, o trânsito foi fechado. Pelo contrário, era **«um mar de gente»!**

. Na verdade, as pessoas **ainda** não podem fazer as compras dentro de automóveis. Muitas pessoas preferem já deixar os carros em parques de estacionamento e deslocarem-se para as compras em transporte colectivos ou a pé. Mais prático, sem problemas de arrumação e sem o espectro das multas.

Duas ruas de Cascais estão fechadas ao trânsito. Outras vão seguir o mesmo destino. Pergunta-se agora: por onde vão circular os automóveis em Cascais?

A rua Federico Arouca fechou ao trânsito. As crianças brincam despreocupadas

Johnson's: bem-estar, suavidade, segurança

A ternura Johnson's começa de pequenino. Sente-se na pele desde que se nasce. Começa pela pureza das matérias primas. Continua através das mais modernas técnicas de fabrico. Passa pelo rigor de um controlo de qualidade digno de um grande nome em todo o mundo: JOHNSON'S. Concretiza-se em bem-estar, suavidade e **segurança**

a ternura Johnson's não tem idade

© (1973)

AP-BP-8

AVISO

CAIXA DE PREVIDÊNCIA E ABONO DE FAMÍLIA DO COMÉRCIO DO DISTRITO DE LISBOA

ALAMEDA D. AFONSO HENRIQUES, N.º 82 — LISBOA

COLÓNIAS DE FÉRIAS INFANTIS

Encontra-se aberta na sede desta Instituição, até 10 de Abril de 1973, a inscrição de filhos de beneficiários que desejem frequentar as colónias de férias infantis, conforme plano estabelecido pelo Instituto de Obras Sociais.

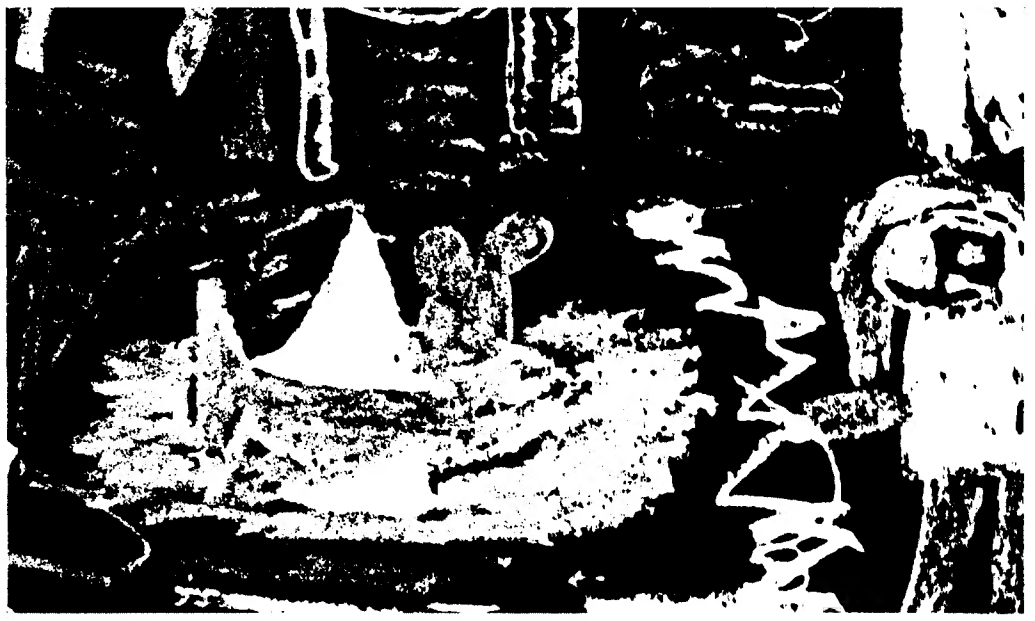
A inscrição só é permitida aos menores que tenham mais de 7 anos no acto da inscrição e menos de 11 em 1 de Junho do corrente ano.

Para qualquer esclarecimento sobre o assunto, podem os interessados dirigir-se a este Organismo.

Lisboa, 14 de Março de 1973.

O PRESIDENTE DA DIRECÇÃO

REPORTAGEM



Gravura do tríptico «As tentações de Santo Antão» de Jerónimo Bosch.

Cada um de nós tem os seus monstros dentro da cabeça. Mas poucos de nós lhes conseguem dar forma. Jerónimo Bosch soube fazê-lo como ninguém — para prová-lo, aí estão as «Tentações de Santo Antão», que toda a gente pode ver no Museu Nacional de Arte Antiga, depois dos trabalhos de restauro que, durante alguns meses, no Verão passado, retiveram o tríptico longe dos olhares do público. Mas foi por aí que tudo começou. Tudo, isto é, a história que o Museu vai contar, por imagens, a partir da próxima semana. Mas que o leitor pode, a partir de já, antever. Ela aí vai. Chama-se exposição infantil. Mas também lhe pode chamar «Os Monstros».

Bosch, as crianças e os "monstros" no museu das Janelas Verdes

Um dia, a professora da escola masculina n.º 124 (de Benfica) resolveu levar os alunos da 4.ª classe ao Museu das Janelas Verdes. Mas não se lembrara de que à 2.ª feira este se encontrava fechado ao público. Apesar disso, houve quem, lhes abrisse a porta. **«Que maçada»**, terá alguém desabafado. As salas estavam fechadas, sem luz. A ourivesaria era objecto de cuidadosa limpeza. O mesmo se passava com a pintura portuguesa. As colecções europeias e orientais, observadas durante uma semana seguida, estavam no seu «sétimo dia».

Que maçada: eles tinham vindo propositadamente de Benfica, numa longa viagem de autocarro! Foi então que alguém do museu se lembrou: **«As Tentações!»** O quadro acabava de ser restaurado. E estava numa sala onde havia luz. Há tanto tempo que ninguém «estranho» olhava para a obra de Jeronimo Bosch!

«Venham vê-lo!

O que mais impressionou os miúdos foram os monstros. As figuras semi-humanas os rostos desfigurados, as coisas sem nome, imagem de pesadelo.

Ficaram espantados. E o espanto é criativo.

«Porque não desenham os seus monstros?»

. Um frémito de entusiasmo. Voltaram para a escola a pensar naquilo. Depois, de noite, enquanto não vinha o sono, ou mesmo durante o sonho, imagens tomavam forma nas suas cabeças. No dia seguinte, já lá não cabiam. E transbordavam para o papel.

OS MONSTROS QUOTIDIANOS

«O primeiro monstro saiu com cara de homem, nariz de rinoceronte, pernas de elefante, rabo de cavalo, corpo de vaca, com riscas de zebra. Todos eles são variados porque têm um pouco de animal e de homem».

Nada foi feito individualmente. Os alunos juntaram-se aos pares. Nessa altura, já a professora estava entusiasmada com eles. Deixou-os trabalhar à vontade. Borraram as carteiras e os bibes, entornaram tintas, rasgaram dezenas de folhas de papel. Estavam febris, enquanto os monstros amadureciam nas suas cabeças. Ficavam libertos quanto os tornavam traços, forma, cor.

«Fiz uma árvore com uma mulher em cima. Fiz um boneco com uns corninhos, quatro patas, quatro braços e três mãos, que se chamava o monstro monstruoso.»

. As imagens do artista inspirador foram-se esbatendo a pouco e pouco. Ficou a ideia a pedir desenvolvimento, expressão criadora. Veio espontâneamente a experiência do dia a dia. As pessoas, as coisas, os sonhos, a guerra.

«Desenhei um bicho que era metade elefante e metade galinha. Desenhei um homem a combater só com cabeça, pernas e mãos, não tinha tronco. A este fiz-lhe uma cabeça de ferro. Há uma televisão com duas pernas, dois braços e uma cabeça fora dela.»

. Concluído o trabalho, apresentaram-no espontâneamente no Museu. **«Vejam os monstros que nós fizemos!»** Espalharam a bonecada no chão. Lá estavam algumas referências ao modelo, mas a que predominava eram elementos novos, extraídos da experiência e da imaginação dos garotos. A directora ia a passar: **«Mas isto dava para uma exposição!»**

. . O dr. José Luís Porfírio (conservador) e a dra. Madalena Cabral (directora dos Serviços Educativos) ouviram. E, em princípio, a exposição abre a meio da próxima semana. Logo à entrada do edifício, do lado da rua das Janelas Verdes, em frente do chafariz. Um salão que conterá os desenhos dos miúdos, os seus textos explicativos e as «Tentações». Toda a gente pode ver.

MUSEUS, PARA QUÊ?

Mas para que serve uma exposição? Para as pessoas contemplarem e no fim exclamarem muito satisfeitas que «é bonito»? Para que serve um museu? Para mostrar coisas bonitas?

. . Na mesma sala da exposição, vai ser improvisado um atelier, para que cada visitante possa dizer plasticamente o que ela lhe sugere. Podem gastar tintas à vontade. Que cada pessoas atire cá para fora os **seus monstros».**

Porque o museu quer servir para estimular a criatividade.

. . **«A capacidade de observação, o desenvolvimento da percepção, o desenvolvimento da sensibilidade têm, diante do objecto do Museu, amplas condições de realização. As qualidades humanas, vitais, de sensibilidade, imaginação, capacidade crítica, adaptação são estimuladas e aprofundadas; o seu desenvolvimento conduz os conhecimentos teóricos a uma fase de concretização real e prática. A observação de um objecto pode levar-nos à percepção do ambiente que lhe deu origem e das várias influências que o marcaram. O visitante curioso pode passar, naturalmente, a uma fase de contemplação, de criação e, quem sabe, até de investigação.»** (a)

. Um museu pode ter, também, um serviço educativo. Com o de Arte Antiga, assim acontece. Para que serve o Serviço Educativo do Museu? **«Para estimular o contacto activo entre o público e o Museu».** Os seus meios de actuação incluem a formação de monitores, a colaboração com as escolas e com os professores, as visitas guiadas, a oficina e a participação nos cursos de iniciação cultural.

Um museu pode também sair das suas portas e ir até às ruas circunvizinhas, às escolas, às sociedades de recreio. Pode colocar-se especialmente ao serviço dos vizinhos mais próximos. É o que tem sido feito nas Janelas Verdes, ao nível do atelier infantil. Miúdos das ruas vizinhas de todas as condições sociais, vão, durante o Verão, trabalhar para ali, criando as suas obras de arte entre as árvores do jardim. E pensa-se num atelier permanente. Para todos, crianças e adultos, vizinhos e afastados. Porque **«qualquer ser humano tem necessidade de se exprimir através dos meios habituais de comunicação. Para o desenvolvimento global dum indivíduo para o enriquecimento da sua personalidade, é urgente que ele encontre meios de realização, através de experiências diversas, entre as quais a expressão livre, gráfica e plástica, tem um lugar primacial»** (a).

E agora: para que serve um museu?

. . (A) Da brochura «Museu, porquê», editada pelo Museu Nacional de Arte Antiga.

REGINA LOURO

PESADELO

O primeiro monstro saiu com cara de homem, nariz de rinoceronte, pernas de elefante, rabo de cavalo, corpo de vaca com riscas de zebra. Todos eles são variados, porque têm um pouco de animal e de homem.

Tive a ideia de fazer um monstro de rabo comprido com uma seta na ponta das patas do leão, corpo de leoa e asas de águia, cabeça de pinto gigante, boca de lince e orelhas de elefante. Fiz também uma sereia a voar. Desenhei uma cabeça de leão que ficou parecida com a de um cavalo com uma coroa, porque me ficava melhor. Uma cabeça de homem com patas de cavalo.

Lisboa à noite ou "Lisbon by night"

..Com o começo da Primavera os turistas afluem mais ao nosso país, não sabemos se à procura do tão falado Abril em Portugal, que cada vez colabora menos, mostrando cariz de mau tempo, se no aliciamento da descoberta do nosso povo e das belezas da paisagem. A indústria do turismo, de recente criação no nosso país, vem a ser dotada daquilo a que normalmente se chamam «infraestruturas», tentando colmatar deficiências várias e parece que normais, numa terra pouco preparada para tal exploração.

Assim, num país que começou há uns tempos a investir no turismo, tornava-se necessário criar a profissão de guias-intérpretes, pessoal dotado de condições que o preparasse para dar a quem nos visita uma imagem de nós próprios, num aliciamento daquilo que por cá pode existir, em diferenciação com outros países, de trilho turístico internacional. O guia-turístico é, ou deve ser, o veículo de ligação entre o visitante e o visitado, porque fala diversas línguas, conhece a sua terra, tem noções básicas da história do país do qual faz o perfil, conhece a motivação que pode provocar o interesse do viajante, em curta ou longa permanência, deve ser um «public-relations» agradável, que não fatigue os seus convidados, mas os possa levar, na rotina dos «tours», a uma descoberta sempre diferente.

Uma destas noites, no acaso dessa descoberta, decidimo-nos a fazer um «tour» organizado por uma agência turística, que tinha como «slogan» Lisboa à noite, ou melhor dizendo «Lisbon by night».

Indicaram-nos, como ponto de partida, o Parque Eduardo VII ao cimo da Avenida da Liberdade, explicando-nos entretanto que o local dispunha duma óptima panorâmica, muito apreciada por quem nos visita.

Enfiados num autocarro confortável, propusemo-nos a «entrar no jogo» e colocámo-nos na posição dos dez ou quinze estrangeiros que alinhavam nessa viagem, de quase uma hora, pela nossa capital.

Começámos por saber que a «Avenida da Liberdade» são os «Campos Elísios Portugueses». Não sabíamos se os turistas que escutavam as indicações do guia, conheciam ou não os Campos Elísios. Duma maneira ou doutra, fomos, desde a Praça Marquês de Pombal até aos Restauradores, a ouvir falar do Primeiro ministro do senhor Rei D. Miguel, ao qual se devia a reconstrução da parte Baixa de Lisboa.

Chegados ao Rossio, descobrimos que as duas fontes são semelhantes à «Fontana de Trevi» e que a «Rua do Ouro» é a «Wall Street» portuguesa.. O autocarro sempre a rodar e aí estamos nós na beira-Tejo. Foi então que fomos informados, de que a parte industrial de todo o Portugal se encontra na parte Sul do Tejo e que, a partir daí, poucos metros à frente, entraríamos no bairro «mais pobre e mais típico de Lisboa: o Bairro de Alfama». Entretanto o nosso guia foi dizendo que «os táxis portugueses eram os mais baratos da Europa e que Lisboa estava muito bem iluminada nas partes baixas e mais ainda que os portugueses viviam em pequenos apartamentos de duas assoalhadas, com rendas altas e que o custo de vida em Portugal era dos mais elevados, tendo-se notado uma inflacção, sobretudo nos géneros alimentares (abrimos o parentesis para esclarecer que aqui estamos de acordo).

Subindo o «Bairro da Sé» os turistas ficaram a saber que «Santo António de Pádua nasceu em Lisboa, ao lado do fado do qual a Severa foi a percursora e Amália a divulgadora a nível internacional». Vimos de longe o Castelo dos Mouros, passámos ao lado do miradouro de «Santa Luzia» e subimos direitos à Graça, um bairro populoso com muito «carácter».

Para fazer uma pausa fomos convidados a descer no Miradouro da Senhora do Monte. Vislumbrámos o perfil da Ponte Salazar «um dos homens políticos mais influentes do sec. XX» Almada e a Lisnave e tornámos a entrar no autocarro. Fizemos o percurso, para um Restaurante onde se poderia apreciar um «Show» português, com direito a uma bebida, pelo «Bairro das Colónias».

— «Uma das maiores Avenidas portuguesas — a Avenida Almirante Reis — começa aqui a Lisboa Moderna», disse o guia.

E vimos, sempre em marcha, a Estefânea, em direcção à «Saldanha Square». Demos uma olhadela ao Monumental «uma das maiores salas de espectáculos» (que também é do senhor Vasco Morgado — as palavras são nossas) e entràmos na Avenida da República. — «Portugal é uma República e um país independente desde o sec. XII tendo conhecido quatro disnatias» — prosseguiu o guia.

E aí na mesma Avenida circundámos a Praça do Campo Pequeno «onde se fazem touradas sem touros de morte mas onde os homens vão para os cornos dos touros». Passámos em frente do «Luna Parque» de Lisboa (a Feira Popular), e dirigimo-nos ao Campo Grande, um dos parques mais encantadores da cidade. Foi-nos dito que ali próximo ficava a Universidade e que em todo o Portugal havia mais três: Porto, Coimbra e Braga. Os desportistas poderão ainda recordar que «Alvalade» é o nome de bairro mas é também conhecido como campo de futebol duma das maiores equipas portuguesas — o «Sporting» que não é, por acaso, o clube onde joga o Eusébio.»

E assim chegámos ao fim do «tour» que terminava com o tal «show» e dava direito a uma bebida de graça num restaurante folclórico para aqueles lados.

Foi nesta altura que descemos angustiados do autocarro. Respirámos o ar fresco da noite, não nos despedimos de ninguém e fomos de táxi para casa. Com a consolação de que os táxis portugueses são os mais baratos da Europa, de que não ficamos a dever nada a outros países do mundo pois temos uns «Campos Elísios», uma «Fonte Trevi», uma «Wall Street», quatro universidades... ainda um «Sporting», uma Amália, um Eusébio e «Touradas» em que ninguém morre mas onde o português valente se atira aos cornos dos bichos.

MARIA AURORA

De Lisboa a Londres e vice-versa

..As comemorações do sexto centenário da aliança luso-britânica, firmada em 1373 entre Fernando I de Portugal e Eduardo III de Inglaterra, ganharão especial relevo nos meses de Junho e Julho, para os quais estão, respectivamente, marcadas as visitas do príncipe Filipe a Lisboa e do prof. Marcello Caetano a Londres.

Sob o signo do aniversário já se fizeram os primeiros passos no sentido de um estreitamento de relações comerciais entre os dois países. Em retribuição da visita feita à capital inglesa pelo secretário de Estado da Indústria, dr. Hermes dos Santos, desloca-se também em Junho a Portugal o lorde Limerick, do ministério inglês do Comércio e Indústria. Ainda sob, o mesmo aspecto, a Associação Industrial Portuguesa e a Confederação das Indústrias Britânicas designarão uma comissão conjunta destinada a estudar formas de cooperação industrial entre empresários de cá e de lá. Além destes acontecimentos, outros, de índole cultural e artística integrarão o júbilo por esta «antiga amizade».

Um porto para o futuro

A construção do porto de Sines, cujas obras prosseguem dentro dos prazos esperados, levanta inúmeros problemas aos seus promotores, nomeadamente no que se refere ao reembolso dos custos do empreendimento e à sua capacidade de atracção de capitais para aplicação industrial. A construção do porto implicará a instalação, na área de Sines, de um importante complexo industrial que justifique a utilização ao máximo das potencialidades da obra.

A SEMANA

As eleições

As acções violentas de grupos revolucionários armados, foram assunto, sob a designação de terrorismo, de dois discursos, proferidos esta semana pelos ministros do Interior — no acto de posse do governador civil de Faro — e dos Negócios Estrangeiros — à sua chegada a Lisboa da visita à África do Sul. Cada um de seu modo repudiou o «terrorismo», tendo o dr. Gonçalves Rapazote, dadas as atribuições do seu cargo, preconizado medidas para o seu combate.

UMA FLOR DE PLÁSTICO

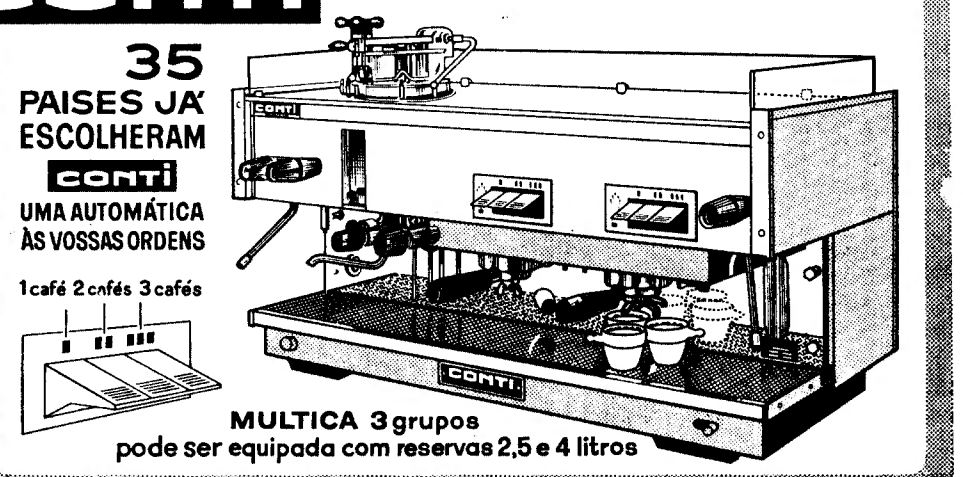
Depois de referir como base do prestígio do regime vigente o regular funcionamento das instituições e de condenar o pluralismo partidário o responsável pela administração e segurança civil e política afirmou: «Alguns intelectuais carregados de suficiência ou abençoados pelo progressismo, continuam a sorrir do anticomunismo sistemático, mas a brutal realidade dos factos teima em provar que os comunistas são os empreiteiros de todas as formas de luta, mostrando na mão direita, à moda francesa, uma flor carregade de misticismo e inocência, para esconder na mão esquerda a carga de plástico que é a forma acabada da monstruosidade do terrorismo. Aparecem floridos na propaganda das comissões democráticas e, paralelamente, fazem explodir engenhos nas instalações militares que sus-

CONTI

35 PAISES JÁ ESCOLHERAM CONTI

UMA AUTOMÁTICA ÀS VOSSAS ORDENS

1 café 2 cafés 3 cafés



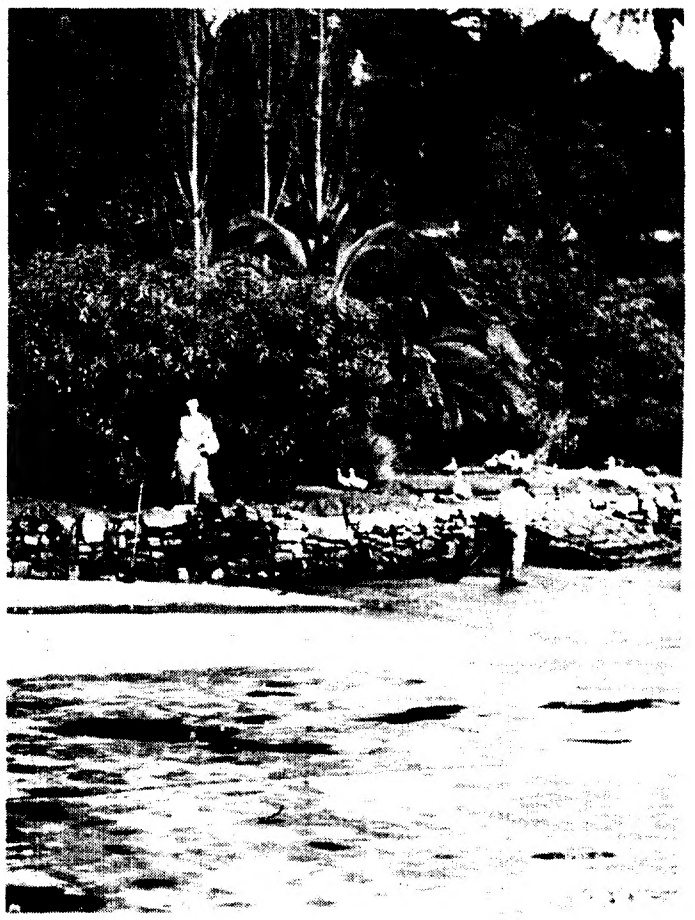
MULTICA 3 grupos pode ser equipada com reservas 2,5 e 4 litros

CONTI MULTICA

SOC. DE REPRESENTAÇÕES SIDA-SUECA, L.DA R. DE S. NICOLAU 15-17-TELEF. 369331-LISBOA

Patos em seco

Um pato fora de água é um pato triste, por muito manso que seja. Um ganso muito mais, que nem é animal de capoeira. Foi pois com uma certa tristeza que os palmípedes do Parque Eduardo VII viram esvaziar-se o lago onde vivem e que passaram a percorrer num andar desengonçado. O lago passou a ser dos jardineiros da Câmara que lhe fizeram a limpeza. Por higiene e turismo. Abril está já à porta e o parque vai-se enchendo de mirones e estrangeiros, pão e fotografias aos patos. Melhor que estes na água, só os peixes ou turistas em Lisboa.



tentam as linhas de defesa da integridade da Pátria». E continua. «O comando que promete e executa com fria determinação os planos da violência armada é o mesmo que constrói a chamada luta legal com o objectivo determinado de subverter a ordem que servimos e a autoridade que a sustenta».

Por isso que o dr. Gonçalves Rapazote dê o seguinte conselho: «não devemos conceder-lhes (aos «vários terrorismos») o espaço de liberdade que procuram para preparar a cobertura do mesmo terrorismo».

A ESCÓRIA

«O terrorismo é hoje um flagelo universal, serve potências e interesses estrangeiros e ataca com igual vigor, em todos os pontos do Mundo. Terroristas ao serviço de interesses estrangeiros, não só em África constituem a escória dos seus países e a escória da humanidade», afirmou, por sua vez, o dr. Rui Patrício, cuja alocução referiu a seguir «a condenação universal do terrorismo e do seu apoio ilegítimo por outros países estrangeiros» como única reacção que permite evitar o seu exercício. O ministro congratulou-se com o progresso dos territórios de África, factor que, segundo crê, deverá mostrar «como é absurda e sem sentido a acção do terrorismo e da subversão, e como é ilegítima e criminosa a actividade dos que a apoiam por qualquer forma». E terminou as suas palavras com os seguintes votos: «Angola e Moçambique continuarão a progredir com a mesma confiança no futuro, e nas próximas eleições legislativas demonstrarão, mais uma vez, onde está a vontade da maioria esmagadora das suas populações de todas as cores».

Segundo um comunicado difundido em Argel, pela Frente Patriótica de Libertação Nacional, a autoria do atentado bombista da semana passada a instalações militares, foi reivindicada pelas suas brigadas revolucionárias.

A Imprensa diária noticiou largamente as explosões registadas nas instalações militares. O vespertino «República» referia na passada quarta-feira, em editorial: **«... Os inimigos da Nação só podem ser os que querem a destruição desta ou o seu enfraquecimento, reduzindo-a a um corpo imóvel e sem projecção, levando-o à morte. São eles os que querem apoderar-se do poder, contra os seus direitos, para o exercerem em detrimento dos cidadãos.**

Corroborando as palavras do ministro Gonçalves Rapazote, o editorialista acrescentava: **«... Não se podem confundir com os adversários do regime, que podem muito bem querer conquistar o poder e têm direito a ele, tanto como os que o exercem, na luta constante do exercício da cidadania».**

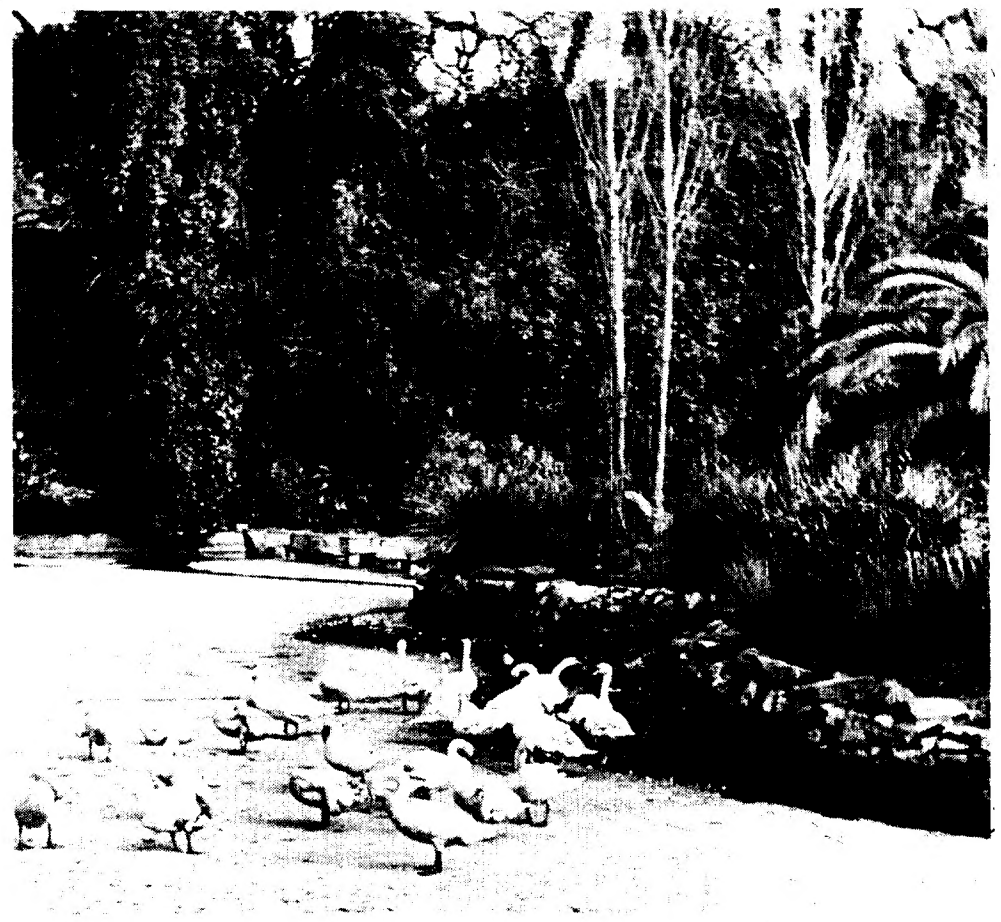
DIRIGIR O PESSOAL

De 24 a 28 de Junho vai decorrer em Lisboa, como foi noticiado, o 6.º Congresso da Associação Europeia para a Direcção do Pessoal, organizado pela Associação de Directores e Chefes de Pessoal. Além dos temas abordados pelos conferencistas, já oportunamente anunciados, estão os respectivos subtemas, a cargo de relatores, distribuídos por diversos países, da seguinte maneira:

. Inglaterra: «Concentração das Empresas e Políticas de Pessoal» — P. F. Barret; Alemanha: «Progresso Tecnológico e Políticas de Pessoal»; Itália: «Pressões Sociais e Políticas de Pessoal» — dr. Mario Unnia; Suécia: «Novas Tendências da Organização do Trabalho» — dr. Arne Cox; Suiça: «A Integração dos Trabalhadores Estrangeiros»; Noruega: «Novas Formas de Participação» — prof. Einar Thorsrud; Dinamarca: «A Função Pessoal na Europa do Futuro — Óptica de um País do Norte» — Bent Juul Soerensen; Espanha: «A Função Pessoal na Europa do Futuro — Óptica de País do Sul» — Juan Antonio Sagordoy Bengoechea; Holanda: «A Funcão Pessoal na Europa do Futuro — Óptima de um País do Centro»; Jugoslávia: «A Função Pessoal na Europa do Futuro — Óptica de um País de Leste»|Portugal: «O Director de Pessoal perante os problemas da Cultura» — dr. Júlio Dá Mesquita; Bélgica: «O Director de Pessoal e o «Management» — Louis Leerschool; França: «O Director de Pessoal e a sua Formação Profissional» — Georges Toupé.

O perigo "hippie"

..Os hippies são perigosos e constituem um perigoso elemento anti-social, mormente pela sua responsabilidade na divulgação do consumo de estupefacientes, segundo se crê na Assembleia, onde ultimamente os deputados têm manifestado a sua preocupação pelo problema. Também a música pop é responsabilizada pelo uso crescente de tais produtos. Para a repressão à droga muito se tem proposto, mas já que não é possível acabar com a música, chega-se a aconselhar a proibição da entrada em Portugal dos hippies desse mundo. Pede-se também o «controle» (?) do movimento que cá existe. Ao que parece o que há é liberdade a mais pois que nos «domínios de Mao» o problema da droga não existe. Apenas a droga.



NÚMEROS

HOMENS E MULHERES

Pondo de lado alguns casos, não muito relevantes, de igualdade salarial entre os trabalhadores de diferente sexo, e considerando em particular os trabalhadores rurais, há que reconhecer o forte desnível, algumas vezes da ordem dos 50 por cento, entre os salários médios de homens e mulheres. Os números que aqui se dão a conhecer referem-se ao ano passado e patenteiam bem a baixa compensação da mulher pela sua participação na actividade produtora de riqueza. As diferenças de vencimentos são mais acentuadas, naturalmente, entre o grupo etário acima dos 15 anos. Atendendo aos distritos, verifica-se que, para as mulheres adultas, os vencimentos diários em escudos mais elevados se registam no Porto (62$50), em Lisboa (60$00), Viana do Castelo (quase 59$00) e Braga (55$00), semelhantemente acontecendo com os trabalhadores masculinos — 125$00 em Lisboa, quase 105 em Leiria, cerca de 86$00 no Porto, 87$50 em Viana, 99$00 em Coimbra, 92$00 em Vila Real. Para ambos os sexos, o Alentejo apresenta remunerações normalmente mais baixas do que os outros distritos. No caso feminino, os salários menores registam-se em Portalegre, 39$00 diários, em Évora, 37$00, e em Beja, 42$50. Em relação aos homens, os vencimentos diários médios, eram de perto de 68$50 em Portalegre, 70$00 em Évora e cerca de 83$50 em Beja; Setúbal (78$00), Guarda (pouco mais de 75), Castelo Branco (71$00) e Braga (75) completam o quadro dos mais baixos pagamentos. Em Lisboa e em Leiria os ordenados masculinos eram superiores em cerca de 50 por cento ao das mulheres. Os maiores desníveis registam-se nos distritos de Coimbra, Faro, Beja, Vila Real e Bragança.

SOCIOLOGIA

SER VELHO EM PORTUGAL

..Em Portugal, o índice dos preços no consumidor subiu mais de 12 por cento durante o ano passado, segundo revela um estudo agora divulgado pelo Banco Pinto e Sotto Mayor. O agravamento do custo de vida aflige toda a população, mas afecta particularmente a população idosa. Os salários acompanham a progressão do custo de vida, embora muitas vezes com atrasos injustificados Não se passa o mesmo com as reformas pagas aos antigos servidores do Estado, civis e militares, e aos antigos servidores das empresas privadas. Acresce que a maioria dos homens e das mulheres que ultrapassaram os sessenta e cinco anos não dispõe de uma pensão que lhes assegure o mínimo necessário à subsistência. Uma parte importante continua a trabalhar, apesar dos achaques e da fadiga causados pelo passar dos anos. Os seus salários raro sofrem aumentos, a subida dos preços traduz-se por uma redução do seu nível de vida. Outros vivem pobremente das economias que amealharam, ainda outros graças à caridade dos filhos e de outros parentes.

Para se fazer uma ideia das condições em que vive a nossa população idosa, citemos os resultados de um inquérito por amostragem levado a efeito em 1970. Naquele ano, a população com sessenta e cinco ou mais anos, anrangia cerca de 864 400 habitantes. A aplicação das percentagens apuradas na amostra à totalidade da população idosa, mostra que viviam sós 192 000 velhos, homens e mulheres.

Se a velhice é um fenómeno inelutável, a verdade é que não afecta igualmente toda a população. E não se trata apenas de diferenças de nível de vida. Um estudo médico afirma que em relação aos membros das profissões liberais da mesma idade, os operáriosquinquagenários têm uma pressão arterial mais forte, um ritmo cardíaco mais rápido, uma força manual mais fraca, menor eficiência intelectual, pior memória O seu envelhecimento é mais rápido, morrerão mais cedo, muitas vezes antes de alcançarem a idade da reforma.

Os problemas da terceira idade, como já se chamou à velhíce, não se verificam apenas em Portugal. Os estudos publicados nos Estados Unidos, em França, na Grã-Bretanha, evidenciam as condições económicas difíceis em que vive a população idosa. A resolução deste problema exigirá redobrados esforços nos anos futuros, tanto mais que tende a agravar-se o peso da população idosa no conjunto da população portuguesa.

MULHER

A EMANCIPAÇÃO POSSÍVEL

...A integral emancipação da mulher não é realizável na presente estrutura socio-económica; no entanto, muito é possível fazer-se para melhorar a sua actual condição.

A estas conclusões chegaram os participantes no colóquio sobre «Problemas e situação da mulher», orientado pela advogada Fernanda Bernarda Gomes, assistente social Berta Monteiro e professor Santos Simões e realizado na sede do «Grupo dos Modestos», no âmbito das actividades da sua comissão cultural.

Mais de uma centena de pessoas assistiram ou participaram na discussão do assunto, discutindo os meios pelos quais importa lutar, para conseguir melhorar a situação da mulher

OS MEIOS

Importa, de imediato, que a mulher possa usufruir de verdadeiros tempos livres para aplicar na sua promoção socio-cultural. Para isso, é necessária a criação de uma rede oficial de creches, jardins de infância, escolas próprias para deficientes físicos e mentais e casas de repouso para velhos e inválidos — tudo a preços acessíveis a todas as famílias e com adequada assistência. A difusão de cantinas o acesso a electro-domésticos, são outros meios adequados para a prossecução daquele objectivo segundo exige melhoria de salários, prendendo-se, portanto, com a necessidade do livre exercício da profissão desejada e com a prática efectiva do salário igual para trabalho igual.

A correcta educação sexual, não só no âmbito das relações afectivas, mas também no das relações sociais, incluindo a estruturação, à escala nacional, das bases do planeamento familiar, bem como possibilidades, amplas e iguais, de acesso à cultura, foram outras tantas condições consideradas.

Mas importa igualmente a reestruturação dos Serviços da Previdência, com vista a uma protecção clínica e assistencial eficaz, designadamente no campo materno-infântil. Por fim, a existência de condições económicas e de cultura que permitam o conhecimento — e a sua aplicação — da importância da alimentação racional no desenvolvimento físico e mental do indivíduo, sobretudo enquanto criança, e uma melhoria da habitação.

OS DOIS NORTES CADA VEZ MAIS DISTANTES

Enquanto em certas zonas do País se concentram indústrias e serviços que, por sua vez, atraem mais indústrias e serviços, e populações de outras zonas, pois oferecem melhores condições de produção, mais empregos, condições de vida menos desagradáveis, salários mais altos e maiores possibilidades de promoção... outras zonas há que, inversamente, caminham para a estagnação, para a «desertificação».

Tomemos dois exemplos. A produção industrial dos três distritos mais ao Norte, Vila Real, Bragança e Viana do Castelo, é da ordem dos 2,5 por cento do total representado pelos dezoito distritos. Se tomarmos o **capital das sociedades** com sede nos **nove** distritos «mais pobres» (metade do continente), verificamos que não chega a atingir 5 por cento do capital social total do Continente. Lisboa e Porto concentram mais de 55 por cento desse montante. É isto o que caracteriza um «desenvolvimento polarizado»: concentração do crescimento num polo hipertrofiado, em detrimento de certas regiões ou certos sectores, cuja situação se deteriora em absoluto.

De há alguns anos para cá, vulgarizou-se o uso de expressões como «desequilíbrios regionais», «dualismo», «macrocentrismo», «assimetrias»... Estas expressões perderam um pouco do seu ar académico, quando os porta-vozes de interesses económicos de diversas regiões, ou das suas «forças vivas», as começaram a empunhar nos seus debates. É o caso recente da disputa Évora-Faro. Por detrás da concorrência de duas cidades, perfilam-se duas regiões em crise: um Alentejo em despovoamento, ainda sede do latifúndio mas já esperando o milagre de Sines; um Algarve pelo milagre turístico, a braços com uma situação de dependência. Será também o caso, muito diferente, do eixo Porto-Guimarães-Braga, que reivindica o direito de se tornar um polo industrial equivalente ao de Lisboa-Setúbal, como ainda há três dias frisou o deputado Almeida e Sousa — «O Porto, em termos de verdade a que não podemos fugir, é uma região onde vivem tantos habitantes como os que vivem na região de Lisboa e como tal tem de ser tratada»... «homens que só pedem para ser livres e responsáveis como o foram seus pais e não obedientes, embora bem pagos, servos da finança de Lisboa...»

UM POLO INDUSTRIAL

Diminuiu, dos anos cinquenta para cá, a parte do Norte na produção industrial. Entre 53 e 64 teria baixado de 30 para 27 por cento, registando-se um equivalente acréscimo na parte de Lisboa. No entanto é completamente ilusório tomar o Norte como um todo. Enquanto os distritos de Porto e Braga assentam na indústria, os de Viana, Vila Real e Bragança não têm, pura e simplesmente, o que se possa chamar indústria.

Braga e Porto estão ainda demasiado centrados no têxtil e vestuário: mais de 75 por cento da produção de Braga, quase 40 por cento na do Porto. A seguir a este ramo, produtos alimentares, papel, produtos metálicos, construção de máquinas e material eléctrico têm já lugar de relevo. Com a abertura de novos complexos, principalmente celulose e cimentos, esboça-se uma redifinição, ainda que muito relativa, da estrutura industrial da região. O ponto de vista dos empresários, no referente ás possibilidades e á linha de desenvolvimento nesta região, pode ser resumido numa intervenção (em 1969) do actual presidente do B.P.A., eng. Sobral Meireles: «O litoral constitui todavia uma região extremamente conveniente para o desenvolvimento de indústrias mais produtivas, produtoras de matérias-primas, bens de equipamento e de consumo duradouro. Para isso a zona Porto-Braga, Guimarães dispõe de centros urbanos razoàvelmente equipados, vias de comunicação que permitem uma circulação rápida das mercadorias e de um grande porto que assegura as ligações com o exterior. As novas iniciativas podem contar sobretudo nesta zona com um potencial substancial de mão-de-obra ao preço mais baixo...». Na mesma intervenção, assinala-se o papel que os mesmos sectores atribuem ao Norte interior: exploração do subsolo e agro-florestal, com alguma industrialização dos produtos primários.

OS «DISTRITOS POBRES»

A situação dos três distritos setentrionais é o resultado da crise das formas de producão anteriores, com base na agricultura, pecuária e artesanato, do correlativo despovoamento e da continuidade do vazio industrial; neste caso, a crise das formas de produção pré-capitalistas ou «tradicionais» não significa a substituição do artesanato e da pequena indústria pela grande indústria, ou da base agrária da economia pelo predomínio industrial. Sob diferentes formas, esta situação repetiu-se à escala do País, desencadeando uma emigração em massa.

A publicação de alguns **dados preliminares do recenseamento industrial de 1972**, ainda que sem elementos sobre os quantitativos de produção, pode ajudar a esboçar o «retrato da indústria numa região não industrializada».

Viana do Castelo — mil e quat r o c entos estabelecimentos com menos de quatro pessoas, nove com mais de cem: destes, três nos têxteis e vestuários e seis localizados em Viana. Em 1971, a aquisição de bens de capital em primeira mão (para todas as sociedades, de indústria, comércio, serviços... etc.) atingiu o montante de 257 mil contos.

Bragança — novecentos e trinta e um estabelecimentos com menos de quatro pessoas (sobretudo alimentação), dois com mais de cem (extractivas). Em 1971, compra de bens de capital no valor de 38 mil contos.

Vila Real — mil cento e oitenta e três estabelecimentos com menos de quatro pessoas, nove com mais de cem, quatro extractivas. Compra e bens de capital no valor de 44 mil contos.

ELEIÇÕES NO ULTRAMAR

HAMBURGO (DPA-ANI) — «As eleições que vão realizar-se para a semana nas províncias portuguesas da África não são necessariamente destituídas de sentido» — observa, em extensa crónica distribuída à imprensa alemã acerca das próximas eleições para as Assembleias Legislativas do Ultramar Português, o correspondente em Lisboa da agência noticiosa alemã DPA, Hans Reinhardt, que acrescenta poderem essas eleições ser consideradas «como um primeiro passo, uma oportunidade para o desenvolvimento de uma futura dinâmica interna».

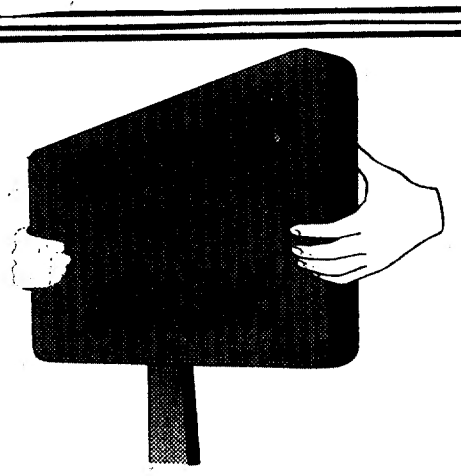
«Quando da promulgação em Lisboa dos textos das leis sobre a autonomia, houve deputados que denunciaram vigorosamente «os perigos» dessa evolução» — recorda o jornalista, para acentuar, em seguida:

. «O que era considerado um perigo não é, para os mais maleáveis, mais do que uma necessária evolução, plena de promessas. Estes últimos só encontram vantagens para Lisboa no facto de vir a ser cada vez maior a participação de elementos africanos na administração das províncias ultramarinas.

«Seja como for — concluiu o correspondente — seria sem dúvida uma antecipação julgar que nos encontramos no começo do processo da transformação do Império Português numa espécie de Commonwealth».

CONVITE
MARY QUANT
Venha descobrir tudo o que MARY QUANT criou para si na nova maquilhagem
PRIMAVERA-VERÃO 1973
Para a maquilhar e aconselhar CLAUDE LAWRENCE esteticista dos cosméticos MARY QUANT está à sua espera
de 19 a 24 de Março na PERFUMARIA ARMANDA R de St.ª Justa, 85

a casa que você deseja
ESTÁ EM



SITUAÇÃO PRIVILEGIADA, 2 KM APÓS LOURES A 15 KM DO MARQUÊS DE POMBAL.
3 AMPLAS ASSOALHADAS, HALL, COZINHA, ZONA DE LAVAR E CASA DE BANHO,
CAIXILHARIAS DE ALUMÍNIO, CÔMODOS ROUPEIROS, COZINHAS TIPO AMERICANO,
LOUÇAS ITALIANAS, AQUECIMENTO ELECTRICO, ALCATIFADAS, PAREDES FORRADAS
A PAPEL, INTEIRAMENTE A SEU GOSTO.

PLANO FINANCEIRO				
ANDARES	NO ACTO DO CONTRATO DE COMPRA E VENDA	NA ALTURA DA ENTREGA DAS CHAVES	35 PRESTAÇÕES MENSAIS SUCESSIVAS DE	36ª PRESTAÇÃO convertível em hipoteca
R/CHÃO	25.500.00	51.000.00	1.630.20	150.000.00
1º ANDAR	30.000.00	60.000.00	1.825.00	180.000.00
2º ANDAR	29.500.00	59.000.00	1817.20	175.000.00
3º ANDAR	28.500.00	57.000.00	1.754.30	170.000.00

VEJA NO LOCAL
O ANDAR MODELO

SPOC
SOCIEDADE PORTUGUESA DE OBRAS DE CONSTRUÇÃO, LDA
ROSSIO 74-3º TELFS 35438/36625735521 LISBOA

AMBIENTE
E
CONFORTO
Poderá V. obter, se confiar a decoração da sua casa aos nossos desenhadores, pois eles concebem móveis modernos ou de estilo, para tal.
GALERIA ACTUAL
MÓVEIS E DECORAÇÕES
AV. DA REPÚBLICA, 12
(Perto do Saldanha)

MINISTÉRIO DA SAÚDE E ASSISTÊNCIA

Escola de Enfermagem Psiquiátrica de Lisboa

Na Escola de Enfermagem Psiquiátrica de Lisboa, Rua José Carlos dos Santos, n.º 7-3.º, em Lisboa, Telefone 77 50 74, vão estar abertas as inscrições para o Curso de Auxiliares de Enfermagem Psiquiátrica de 15 de Março a 15 de Abril próximo.

Para a frequência do referido Curso são exigidas como habilitações literárias o 1.º Ciclo dos Liceus ou equivalente.

Lisboa, 14 de Março de 1973

O Presidente da Comissão Instaladora

Roberto Pegado

CÂMARA MUNICIPAL DO BARREIRO

Constituição do direito de superfície na propriedade municipal situada na freguesia do Lavradio, no Alto dos Loios, entre as ruas D. Luís Furtado de Albuquerque, José Malhoa, Grão Vasco e Cândido Manuel Pereira, para a construção e exploração de um supermercado

ANÚNCIO

Faz-se saber, de harmonia com a deliberação de 22 de Fevereiro findo, que no dia 19 de Abril próximo, pelas 15 horas, na Sala das Sessões deste Município, terá lugar o acto de abertura de propostas referentes ao concurso público em epígrafe.

A entrega das propostas deverá ser feita até às 21,30 horas do dia acima mencionado.

O programa e demais condições do concurso estão patentes, dentro das horas normais do expediente, na Secretaria desta Câmara.

Paços do Concelho do Barreiro, 13 de Março de 1973

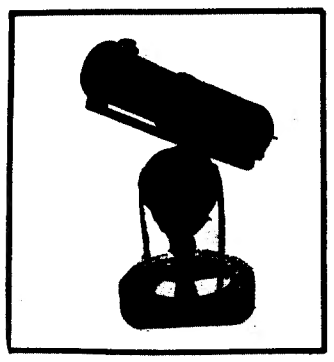
O Presidente da Câmara

Victor Rodrigues Adragão

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por José Matias — CERNACHE DE BONJARDIM

Compañia Trasatlántica Española, S. A.
MADRID
PARA:
SAN JUAN PUERTO RICO
NEW YORK
BALTIMORE
NORFOLK
Recebe Frigorífico, Carga Geral e Cortiça a moderna e rápida motonave espanhola
« GALEONA »
em 28 do corrente
Os Agentes Gerais
LLORET & XAVIER, LDA.
Largo do Corpo Santo, 21-1.º
LISBOA-2
Telef. 32 46 71 e 32 72 58 — Telex. 1416 LLOXAV

A CIÊNCIA E O HOMEM



Crítica censória e laudatória de uma figura notável da Medicina portuguesa: Polido Valente, ou da exacerbação doentia da erudição e das faculdades críticas.

O "CASO" POLIDO VALENTE

por ANTÓNIO BAPTISTA

Já por mais de uma vez pensámos em abordar este tema e outras tantas desistimos por um receio, talvez infundado, de se poderem infiltrar por entre as nossas palavras outros sentidos que elas, por si só, não autorizariam. Não se trata de certos respeitos humanos ou de ofender fiéis discípulos. Contamos até com eles pois, na medida em que a nossa posição difere possivelmente das suas, ou por carência de factos ou por incorrecta interpretação do seu significado, aí estarão para nos corrigir e aclarar o assunto. Se nos resolvemos, agora, a entrar nesta matéria é porque continua actual a questão do professor como informador e expositor crítico e do professor inspirador através da sua actividade como investigador científico. O «caso» Polido Valente tem uma importância tão grande no contexto da vida universitária que é quase um dever apreciá-lo e tentar extrair dele os ensinamentos possíveis e úteis.

O lugar de Polido Valente na Medicina portuguesa está claramente estabelecido. A lassidão tradicional do ensino da clínica médica no nosso país sofre rudes golpes deste poderoso lutador armado de armas não costumadas no nosso meio, de funda raíz germânica: luta contra o espírito de improvisação; exigência de uma preparação rigorosa; integração no mundo médico europeu (e lembremos que, nesse tempo, o centro de gravidade da Medicina se encontrava na Alemanha); integração dos métodos auxiliares de diagnóstico dentro de uma perspectiva fundamentalmente clínica. Enfim, o que Polido Valente tenta introduzir na nossa prática clínica é uma metodologia rigorosa, um profissionalismo, uma devoção à cultura médica fundamental a que o meio não estava acostumado. Daqui a sua influência e prestígio, baseados numa forte personalidade que leva alguns a falarem de uma «escola de Polido Valente».

Não discutimos que deverá sempre haver, no ensino superior, lugar para homens como Polido Valente, particularmente na clínica médica onde o objecto científico tem tantos exemplares diferentes quantos os doentes que recorrem ao médico. Tão difícil é encontrar a «norma», o consenso, sem o qual não há ciência, que se cede com facilidade, com demasiada pressa, à tentação da «querença natural» do homem impotente, proclamando que a Medicina é, fundamentalmente, uma arte, uma arte tão singular que a vida que E. M. Forster dizia ser como uma actuação em público de um violinista que vai aprendendo à medida que vai tocando. Mas, ai, as nossas dores não são as de um violino... Aquilo em que Polido Valente insiste é na «cientificação» dos diagnósticos que só são adivinhações quando se não percebe visivelmente a teia lógica onde se formam, lógica exercitada sobre dados positivos, laboratoriais e outros.

Pois com tudo isto não hesitamos em considerar nefasta do ponto **de vista** científico, no nosso país, o exemplo de Polido Valente: E não estamos sós.

Conta-se que Polido Valente, num momento de exaltação teria exclamado: «no meu serviço estão proibidas as descobertas científicas...» E quando alguns dos seus colaboradores ousava apontar para algo que lhe parecia ser um ponto de partida para um trabalho original, implacavelmente o professor apoiando-se na forte bengala da sua erudição, trabalhosamente adquirida e actualizada, e nas aceradas armas da sua mente crítica, procedia a derribar pedra a pedra qualquer veleidade para se construir um edifício novo. Desta forma conseguiu uma quase esterilidade científica no meio que o rodeou. Pode dizer-se sem exagero que Polido Valente, um dos homens mais inteligentes da sua geração, mais bem preparados, de espírito crítico mais afinado, foi, como cientista, quase nulo, sendo um notável preparador de médicos. Assim, como professor universitário, foi um reaccionário (o que não deixa de ser irónico...).

Na melhor das hipóteses, aos seus colaboradores exigia uma boa arrumação dos factos e a sua lógica classificação de acordo com os princípios estabelecidos e as doutrinas aceites e bem conhecidas. Enfim, uma metodologia excelente se posta ao serviço da imaginação creadora mas tristemente estéril se não é colocada ao serviço dessa imaginação. Em 1969 escreveu o notável biólogo André Lwoff, Prémio Nobel da Medicina:

«O cientista, muitas vezes, evita transformar-se num erudito pois que a erudição mata a imaginação».

Seguir as coisas guiadas pelas mãos de outros pode, à força de repetição, tornar impraticáveis os canais por onde, naturalmente, a imaginação tenderia a espraiar-se. Não chega ao professor comunicar conhecimentos, informar, e nem sequer basta que insista na ordenação crítica desses conhecimentos. O professor só começa a sê-lo, e a transformar os alunos em discípulos (a sua missão) quando os ensina a olhar para as coisas com olhos novos, quanso lhes transmite a confiança nos seus poderes de criarem o que se conhece com o que se descobre algo de novo, seja uma teoria, um método, uma técnica, uma relação.

Com todas as reservas prudentes não nos custa a aceitar que, como nos informaram, Polido Valente se tenha recusado a assinar um documento apoiando a candidatura de Egas Moniz ao Prémio Nobel de Medicina. Mesmo descontando quaisquer problemas pessoais que tenham existido entre os dois colegas, uma tal atitude estaria dentro da linha da sua actuação: são proibidas as descobertas, falta-nos saber o fundamental. Com efeito, Egas Moniz **não poderia** ter realizado qualquer descoberta científica importante pois não se tinha, de acordo com os padrões de Polido Valente, preparado para ela. Para ele a noção de imaginação criadora em ciência deveria ser quase uma ideia infantilmente romântica. Com efeito, o espírito crítico altamente desenvolvido e asceticamente cultivado pode ser um obstáculo para ceder à tentação de uma visão que surge entre os dados frios de um problema e que parece estabelecer, misteriosamente, uma harmonia entre eles. A visão, a inspiração, digamos, correndo certos riscos, é para homens como Polido Valente uma tentação a que, honestamente, a inteligência deve começar por resistir e que depois, fria e criticamente, deve destruir. Aqui são proibidas todas as descobertas, «vós que entrais...» Não sabemos o suficiente, não pensamos bastante. Bem diferente é escutar um Pasteur:

«Acompanhai sempre o entusiasmo com uma rígida severidade. Não proponhais nada que não possa ser provado simples e decisivamente. Cultivai a faculdade crítica. **Por si mesma não é uma fonte de ideias nem um estímulo para grandes coisas** (sublinhado nosso) mas sem ela nada fica bem assente».

Acompanhe-se a imaginação, discipline-se o entusiasmo com a crítica mas não os aperreemos de forma a que desista de ensaiar os seus voos. Só o entusiasmo da criação pode dar calor à inteligência. A inteligência que não cria, em geral destroi, e nisto se parece, assustadoramente, com a estupidez. Não. Em vez de se proclamar: aqui estão proibidas as descobertas, deveria antes encorajarem-se todos a realizá-las pois cada homem leva consigo a semente de algo, mesmo, que seja apenas a de uma pequena verdade que exige de todos nós uma oportunidade para se manifestar. Os que têm vocação científica pedem um terreno favorável para ela se desenvolver. Dizer que nunca estaremos preparados para descobrir é uma confissão de impotência. Um tal exemplo de um professor é a coisa mais triste de se ver, tão triste que nunca o deveríamos ver: pode haver um estranho orgulho do espírito em que se receie medir os produtos da inteligência com a ideia que temos da nossa inteligência e até aceitamos que, muitas vezes, o que de nós nasce nos é inferior. Em certa forma, por isso, a acção é a marca da modéstia de um espírito que, dessa forma, assume todas as **suas** responsabilidades.

Se vale a pena determo-nos perante o caso de Polido Valente que foi sem dúvida homem útil à nossa sociedade pela natureza do seu ensino, é porque o acto de humildade da criação a que se negou, ou para que foi impotente, não pôde ser exemplo quando a sua personalidade de tal forma se vincou no seu tempo e o marcou de tal forma que até pode ser citado como um exemplo por mediocridades de que não valerá a pena lamentar que sejam como são, pois não há esperança de que pudessem ser de outro modo. Queremos afirmar que numa Universidade seriamente estruturada terão sempre lugar homens como Polido Valente desde que a sua actividade se exerça num meio extraordinariamente criativo, explosivo de ideias, necessitado daquela «severa rigidez da faculdade crítica» de que falava Pasteur. Não foi culpa de Polido Valente que isso não tenha acontecido no seu tempo. Não lamentamos tanto o seu presente, como choramos o seu futuro...

INSTALAÇÃO DE UM NOVO TELESCÓPIO NA AUSTRÁLIA

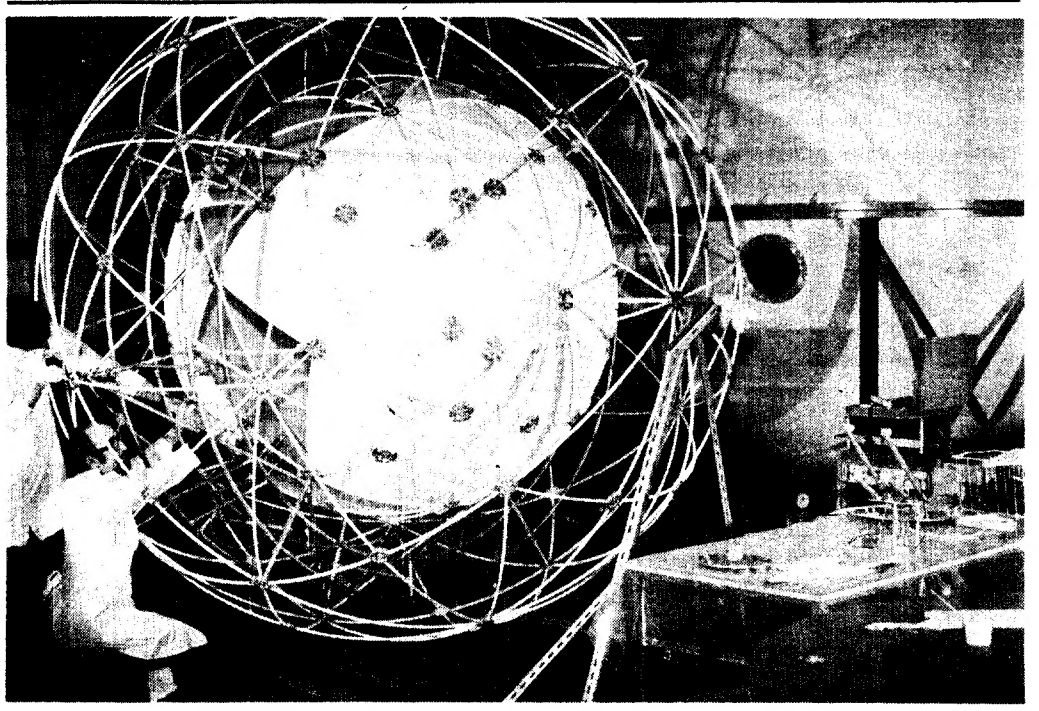
Na fábrica que a firma Sir Howard Grubb Parsons E co. Ltd tem na cidade inglesa de Newcastle upon Tyde, realizam-se os ensaios com um dos maiores telescópios astronómicos do Mundo que será instalado no Observatório de Siding Springs na Nova Gales do Sul, Austrália. No primeiro plano, à direita, vê-se a mesa de comando. A empresa conseguiu a encomenda por um preço de 420 mil libras num concurso internacional.

O novo telescópio, de 1,22 metros, estará ao serviço do Conselho Britânico de Investigações Científicas e será usado para se obter um mapa celestial do hemisfério austral.

O dr. Vicente Reddish, director do projecto do telescópio elogiou a firma construtora por esta ter conseguido construi-lo e instalá-lo em dois anos, menos de metade do tempo normalmente gasto em realizações semelhantes. Declarou que o telescópio permitirá que astrónomos estudem, pela primeira vez, uma galáxia de grandes dimensões e os resultados serão comunicados a todas as universidades britânicas e a astrónomos europeus e australianos. O dr. Reddish disse ainda: «Não existe um atlas do firmamento austral que possa comparar-se com os existentes para o hemisfério boreal».

Na elaboração do novo atlas empregar-se-ão mais de 400 mil fotografias. Para este trabalho empregar-se-á, pela primeira vez, uma emulsão Kodak, tipo 111a-J, mais sensível do que qualquer outra até agora utilizada, o que permitirá aos astrónomos fotografar estrelas até à 22.ª grandeza.

Espera-se descobrir novos objectos no hemisfério austral tais como asteroides, cometas e nebulosas, identicamente ao que se conseguiu, em 1950, na realização do atlas do hemisfério boreal.



ANTOLOGIA

Do famoso, temido e grande professor que foi H. Bouasse, um trecho extraído dum seu ensaio intitulado «Sobre o ensino das ciências aplicadas»:

«A ciência é una. Não existem duas ciências obedecendo a métodos distintos e perseguindo fins diferentes: a física da oficina não é mais do que a continuação, o desenvolvimento da física do laboratório.

Não se discute uma máquina a vapor de forma diferente dum espectroscópio; não se experimenta um aeroplano de forma diferente dum tubo capilar. O tamanho dos aparelhos difere; a forma intelectual de nos servirmos deles permanece.

A primeira ferramenta dum engenheiro é o cérebro; o estado de alma científico é essencialmente prático.

Consequentemente, um instituto técnico deve ser dirigido segundo os mesmos métodos dum instituto de ciência pura. Um laboratório de ensino técnico não é uma fábrica; quanto mais se macaqueia a fábrica mais nos afastamos dos verdadeiros princípios pedagógicos e das necessidades dos estudantes. Atordoar-se-á o burguês e o administrador igualmente incompetentes; mas os que sabem encolherão os ombros».

Colaboradores do Departamento de Física da Universidade de Bristol, na Inglaterra, preparam um detector de radiação cósmica. O enchimento do detector é feito com uma mistura de argon e azoto. A passagem de radiação nesse meio gasoso origina cintilações que são acusadas por células fotoeléctricas especiais (fotomultiplicadores). O detector esférico que a figura mostra é um dos maiores do seu tipo jamais construído e está ser montado na oficina de naves espaciais da British Aircraft Corporation. Será a Universidade de Bristol que o utilizará em estudos de radiação cósmica.

O detector tem 3 metros de diâmetro e ficará encerrado na esfera que se vê ao fundo. Será transportado brevemente para o Texas nos Estados Unidos onde, a bordo de um balão cheio com 312 mil metros cúbicos de hélio alcançará a altitude de 40 km aproximadamente.

Com este detector procurar-se-á colher mais elementos sobre os ainda misteriosos raios cósmicos, particularmente medir a abundância de elementos pesados nos raios cósmicos primários. Com efeito têm-se detectado, com emulsões fotográficas, elementos como o ferro e até urânio na radiação cósmica.

Os judeus portugueses celebram o Purim

. Os portugueses de religião judaica celebram hoje o Purim, festa tradicional essencialmente dedicada às crianças.

O Purim comemora a salvação do povo judaico da exterminação na Pérsia, no tempo do rei Assuero, a que os gregos chamaram Xerxes, há dois mil e quinhentos anos. Aman, o primeiro-ministro, maquinara o genocídio dos judeus. Ester, a imperatriz, impediu a morte dos judeus e fez enforcar Aman e os seus filhos.

Desde a Idade Média, a festa do Purim é tradicionalmente acompanhada da representação de pequenas peças teatrais, provavelmente inspiradas nos mistérios. Destinadas às crianças, e quase sempre representadas pelas próprias crianças, contam as malfeitorias do pérfido Aman e celebram a bondade de Ester, tudo entremeado de preceitos morais. A peça do Purim mais antiga que se conhece foi escrita em português por Samuel Usque, autor da célebre «Consolação às Tribulações de Israel», um dos muitos judeus portugueses que se refugiaram na Holanda para escapar às perseguições da Inquisição. Este texto teatral, antepassado distante do actual teatro infantil, é conservado nos arquivos de Amsterdam.

A festa do Purim iniciou-se ontem, ao princípio da noite, com a leitura da Meguilá na sinagoga Shaaré Tikva, na rua Alexandre Herculano. A Meguilá é o capítulo do livro de Ester, um dos livros da Bíblia, em que é cantada a miraculosa salvação do povo judaico. Depois da leitura da Meguilá, houve distribuição de doces e brinquedos às crianças.

Hoje, de manhã, houve nova leitura da Meguilá na sinagoga, serviço religioso que foi dirigido pelo rabino sr. Toledano. À tarde, a partir das 15 e 30, realiza-se no Centro Israelita Português, na rua Rosa Araújo, uma festa infantil, animada pelos palhaços Noel, Zéquinha e Companhia. Há ainda passagens de filmes, jogos e uma pequena feira de brinquedos. Muitas das crianças vêm mascaradas, algumas com trajos que recordam o episódio celebrado na festa do Purim.

Respeitando a tradição, cada judeu português ofereceu donativos pelo menos a dois necessitados, judeus ou não. E ofereceu a uma pessoa amiga um presente, constituído por iguarias, doces, frutas ou bebidas. Hoje, à noite, haverá um jantar de festa em cada lar judaico.

As celebrações do Purim terminam no próximo sábado, com a realização de um baile no Centro Israelita de Portugal. Será animado pelo conjunto «Os Sliers» e pelos artistas António dos Santos, cantor de baladas, Emília dos Reis, fadista, Tino Costa, acordeonista, e uma atracção internacional, cujo nome ainda é mantido secreto.

TAP
TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES

PRETENDE ADMITIR:

AJUDANTE DE DESPACHANTE

- Com o 2.º ciclo liceal ou equivalência oficial e bons conhecimentos das formalidades dos despachos de aviões e do processamento doutros despachos, tendo condições para ser nomeado, documentalmente, como Agente Aduaneiro.

OUTROS REQUISITOS:

- Nacionalidade portuguesa
- Serviço militar cumprido ou dele isento
- Menos de 36 anos de idade

OFERECE:

- Vencimento compatível
- Gratificação de Natal
- Subsídio de férias
- Salários diferidos
- Regalias sociais
- Viagens

Só serão consideradas as candidaturas que respondam inteiramente às exigências postas.

Resposta à Divisão do Planeamento do Pessoal até ao próximo dia 29 — Edifício 25-1.º andar — Aeroporto de Lisboa.

Dizem os leitores

Do nosso leitor Eduardo da Conceição dos Santos, morador em S. João do Estoril, recebemos a carta que a seguir transcrevemos:

. «Hábito um andar situado na Praça da Carreira, em S. João do Estoril. Nesse andar, resolvi fechar duas varandas que dão para as traseiras do prédio. Foram fechadas com caixilharia de duralumínio e vidro, como centenas de outras no mesmo local e como se vêem em todo o lado, mesmo por essa Lisboa fora, nas principais avenidas. O facto de as fechar não só beneficiou o andar, protegendo-a da chuva e do vento, tornando-o por isso mais acolhedor, como até o melhorou estèticamente. Entendo até que o seu fecho devia ser obrigatório e constar do projecto, como aliás se verifica no mesmo local, em vários prédios.

Acontece que no dia imediato apareceu um funcionário a perguntar pela licença, e dizendo-me que tinha de pagar multa, uma vez que a não tinha. Essa licença demora, segundo informações, imenso tempo a obter.

Mas não é o facto de ter de pagar a multa que está em causa. O que espanta é que logo no dia imediato tenha aparecido um funcionário pedindo a licença, o que faz supor que essa é a sua única missão e que se lhe paga só para isso. No entanto, no local há uma praceta onde o lixo abunda e onde só ao fim de cinco anos se plantaram arvores e uns cactos em locais que deveriam estar ajardinados desde o início, havendo muitos outros espaços, (quase todos) por ajardinar. Mas não é só na praceta que há lixo, pois este abunda em todas as ruas. Não seria melhor e mais proveitoso para todos que àquele funcionário fosse dada a missão de verificar a limpeza da zona? Ou, nem pedindo tanto, que acumulasse a de caça à multa com aquela.

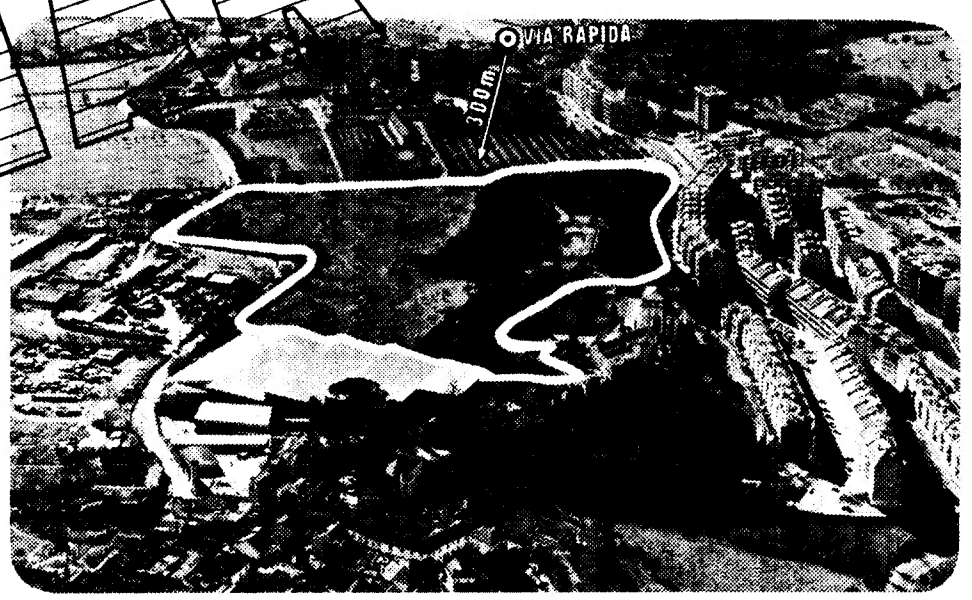
O nosso leitor Felisberto Pinto, morador em Odivelas, proprietário de um carro, contribuinte obrigatório, utente, pelo mesmo motivo, de determinada «estrada», enviou-nos a seguinte carta:

. Leitor do nosso jornal e sabendo que ele está sempre atento aos problemas que no dia a dia afectam as pessoas, trago mais um desses problemas a fim de que se tomem as devidas providências. É o trânsito, ou melhor aquilo sobre que se transita as estradas.

O troço de estradas que vai de Odivelas a Caneças, tem, desde há uns tempos para cá, vindo a deteriorar-se sem que as entidades competentes tenham tratado convenientemente dessa situação. O piso nunca foi bom, todo abaulado, cheio de lombas e irregular. O alcatrão já todo rebentado tem vindo e levantar-se constantemente abrindo diversos buracos. Há tempos os TLP abriram uma vala ao longo do percurso Odivelas-Ramada, pelo lado esquerdo no sentido ascendente, para colocarem calos telefónicos (se bem que eu tenha requesitado telefone para casa há três anos e ainda o não tenha) deixando diversas tampas metálicas à superfície bastante salientes.

Quando taparam a referida vala fizeram-no de qualquer forma, resultando, daí mais e maiores lombas. De vez em quando um carro da Junta Autónoma das Estradas (?) aparece deitando uma pázadas de alcatrão num ou noutro buraco, mas mal acaba a volta já o resto do piso está novamente a rebentar e haveria necessidade de recomeçar. Como certamente a sua actividade se estende a outros locais não o pode fazer e os buracos multiplicam-se. Os automobilistas, porque não tê «jeeps», quando por aí transitam vêem-se na necessidade de fazer uma ginástica tipo esqui para em pouco tempo não ficarem com a suspensão do carro escaqueirada. E sujeitam-se nessas manobras de fugir aos buracos, a ter um acidente. Cá por mim tenho que fazer todos os dias a dita «ginástica de esqui». Remendos já não resolvem o problema só uma cobertura total do piso com a respectiva operação de nivelamento e alinhamento. A via tem um trânsito razoável e não me parece justo que as coisas estejam nestas condições, como já por alguém foi dito «não somos suficientemente ricos para nos darmos ao luxo de termos estradas nestas condições. Ou somos?

NO LUMIAR



CUPÃO-PREFERÊNCIA
Assinale seguidamente o que deseja para a sua nova casa
— Quantas assoalhadas? ...
— Considerando imóveis de grande porte (mais de 7 pisos) em que piso? ...
Com: entrada de serviço? ... cozinha? ... kitchenette? ... fogão de sala? ... copa? ... arrecadação? ... garagem privativa? ... garagem comum? ...
— OUTRAS SUGESTÕES:
Nome:
Morada:
Localidade: Tel:

NA QUINTA DE Sta CLARA, JUNTO À RUA ALEXANDRE FERREIRA, A 300 M DA VIA RÁPIDA, A 2 PASSOS DO CENTRO DA CIDADE.

DIGA COMO PRETENDE A SUA CASA, E NÓS ACEITAREMOS A SUA SUGESTÃO.

NÓS VAMOS CONSTRUIR PARA SI!

SPOC Sociedade Portuguesa de Obras de Construção, Lda.
Rossio 74-3º telfs. 35438·35521·36657 LISBOA

Comércio belga

A Câmara de Comércio Belga em Portugal leva a efeito no dia 22, às 13 horas, no Hotel Fénix, um almoço a que assistirão, como convidados de honra, o secretário de Estado do Comérico e o Embaixador da Bélgica.

CARTA DO BRASIL

CHIANCA DE GARCIA

QUOTIDIANO DO AUTOMÓVEL

PRIMEIRA HISTÓRIA

Um dia, isto depois de encerrados os casinos, quando o meu nome crescera nos cartazes do teatro musicado, telefona-me um português propondo-se a vender-me um autêntico retrato de Sarah Bernhardt:

— Não sou colecionador, respondi.

Mostrou interesse em conversar comigo. Marquei-lhe encontro em minha casa, morava eu então na Avenida Atlântica. Apareceu. Ficou desapontado vendo o vazio monacal das minhas paredes. Disse-me que era antiquário. E confessou-se lisboeta, falando de pessoas que eu também conhecia. Enfim, acabei comprando-lhe uma colecção das gravuras de Debret. E explicou: — Todas pintadas por mim.

Felicitei-o. O colorido, era, na verdade, de uma suavidade e delicadeza, que excedia, na edição original, o trabalho do próprio autor.

Desde então ficou meu amigo. Hoje vive exclusivamente de pintar as gravuras a preto e branco das modernas edições de Debret, no caso, a japoneza. Tem encomendas em excesso, e isso o obriga a arranjar ajudantes que espalham os tons gerais, guardando para si as figuras e os pormenores. Todo aquele mundo pitoresco dos tempos de D. João VI, e de Pedro I.

Às vezes vou a casa dele. Gosto de o ouvir falar de Lisboa. Foi lá que recentemente conheci um jovem que fugira de Florianopólis, no Estado de Santa Catarina, brigado com o pai por causa da mãe, e brigado com a mãe por causa do pai. Este, abandonara a mulher e três filhos, indo viver com outra, enquanto a mãe, por sua vez, já dera dois filhos a um novo companheiro.

Então, naquela cidade de moral à moda antiga, a sua presença provocava sorrisos abafados, que o feriam e magoavam, muito embora o genitor, e a genitora, o considerassem um inadaptado incapaz de compreender a vida.

Humilhado, fugira. Agora, aqui no Rio de Janeiro, precisava ganhar dinheiro, muito dinheiro, para comprar um carro bacana, zero quilómetros, com que pudesse, de mãos no volante, tirar a forra dos vexames que sofrera, lá em Florianópolis...

— Pintando gravuras, não dá!

— Mas jogo toda a semana da Loteria Esportiva!

— Então a vingança que você quer tirar vai devê-la ao acaso, e não ao seu esforço de reabilitação moral.

Faz uma careta, e acendeu um cigarro. Semanas depois, porém, conseguiu fazer os ambicionados treze pontos. Por azar cerca de duas mil pessoas tinham vencido com ele.

Masmo assim deu para pagar a primeira prestação do carro, e conseguir uma aliás falsa, carteira de motorista. Despediu-se

— Vou mostrar em Florianópolis quem é Valmir Hansen, enjeitado de pai e mãe.

E partiu. Mas não foi longe. Em excesso de velocidade, na estrada Rio-São Paulo, morreu estraçalhado entre os ferros do seu sonho. Tinha dezoito anos.

SEGUNDA HISTÓRIA

Conhecem os leitores meu interesse pelos que têm, ou dizem ter, contacto com o sobrenatural. Frequento por isso vários centros exotéricos. Chego mesmo a manter intimidade com alguns desses «iluminados». Um deles, o sábio Kaluaná, assombra os mais incréus. Escuta os que o procuram numa sala toda forrada de negro, do chão é tecto. Ele está, envolto numa túnica branca, aparentemente suspenso a dois metros de altura, e aqueles que buscam o seu conselho ficam em baixo, no chão, sentados à moda oriental. Nada de signos, ou de símbolos. Nem de efeitos de luz, Apenas um indefinido luar se dissolve naquele palco sem horizontes.

É, — como ele próprio se considera, — um fornecedor de energia.

— Que espécie de energia? — perguntei-lhe um dia:

— Qualquer uma. Eu não pretendo converter ninguém. Cultivo a Virtude naqueles onde ela é apenas uma plantinha débil, como torno mais desenvolto o Pecado naqueles que o querem levar às últimas consequências. Nesta dubiedade, creio, sou único no mundo. A minha força astral serve, ao mesmo tempo, a dois amos: Deus e o Diabo.

É talvez por isso, penso eu, que, dos seus clientes, só recebe gratidão.

Ora, dias atrás, encontrei-o sozinho no chalé azul rodeado de árvores, em que vive em Jacarépaguá:

— Casa vazia? — indaguei. Que é que há?

— Meu caro. Estou enfrentando um problema terrível. Imagine você que veio aqui uma dona que chorou o tempo todo. Coitada. Como tem sofrido. Parece muito velha e tem apenas cinquenta anos. Os pais morreram num desastre de automóvel. Casou e teve três filhos. O marido, anos depois, faleceu no carro que dirigia, esmagado por um camião. O filho mais velho, morreu em França, dirigindo um carro de corridas. Um outro casou, e morreu com a mulher, tendo o carro em que seguiam na viagem de núpcias, capoteado na Argentina. O mais novo ao dirigir o carro de um amigo, morreu de encontro a uma árvore. Mas não é tudo. Ela própria, coitada, perdeu uma perna e um braço, atropelada por um automóvel, quando atravessava a rua para fazer compras num mercadinho...

— Puxa, e que quer ela, agora?

— Aí é que está. Coitada. Veio pedir-me, veja só! — para eu arrancar todas as estrelas do céu, metendo uma debaixo de cada carro, para que explodissem depois todas ao mesmo tempo...

— E agora?

— Que posso eu fazer, diga lá. Ou você não sabe que tanto o mal como o bem, estão metidos nesse negócio dos automóveis? Sim, que posso eu fazer se a sociedade de consumo vive no desenfreada ambição do automóvel?

TERCEIRA HISTÓRIA

Ia ter um carnaval maravilhoso! Aquilo sempre fora o seu sonho! Ser livre! Ser independente! Com o seu carro...

Começou, no sábado, pelo baile do «Copacabana», com três amigas. Todas de havaianas. Lá pelas duas da manhã, no entusiasmo folião, já nada tinham sobre os seios. Sairam. Recusaram vários convites:

— Não, eu tenho o meu carro lá fora. E acentuava o meu. Dois automóveis seguiram-nas. Foram tomar café com leite em São Conrado. Mesa comum para elas e os três rapazes que eram três pães. Depois dividiram-se. As duas foram bem acompanhadas. Com ela ficou o terceiro: um aviador, 27 anos. Voltaram devagar para a cidade: sim, é meu! Comprei-o ontem...

Nascia o sol. Era o segundo dia em que tinha um automóvel. Levou o aviador a casa. Ou foi mesmo para o apartamento dela? Já nem se lembrava.

Ao meio dia encontrou-se com as amigas. Subiram para Petropolis. Iam rindo e cantando, o radio ligado espalhando musiquinhas de carnaval. Como é bom correr pelas estradas:

— Cuidado!

Qual. Almoçaram. Seguiram para Teresópolis. No restaurante fizeram novas amizades. Voltaram para o Rio. Chovia. Chegaram a tempo de ver o início do desfile das escolas de Samba. Mas não ficaram. Era o seu terceiro dia de dona de um carro. O que ela queria era correr ao vento, à chuva, com o ponteirinho da velocidade marcando sessenta, oitenta, noventa...

— Chega!

Quando acordou estava na Barra da Tijuca, num quarto de hotel, ao lado de um americano loiro...

Saíu do quarto preocupada. Mas logo sorriu feliz. O carro lá estava, em baixo, lindo, luzidio, verde e prata. Voltou sozinha para o Rio. Encontrei-a no bar do Hotel Glória. Convidei-a para um drinque.

— E as amigas de você?

— Não sei, perdi-as. Vou ver se as encontro.

E lá partiu no carro, fazendo fumaça...

Esteve no baile do Municipal. No último dia cirandou do Sírio Libanez para o Monte Líbano. Saía. Entrava. Queria era estar com as mãos no volante. Levava estes e aqueles. Estas e aquelas.

— Pra onde vamos?

— Cabo Frio?

— Topo!

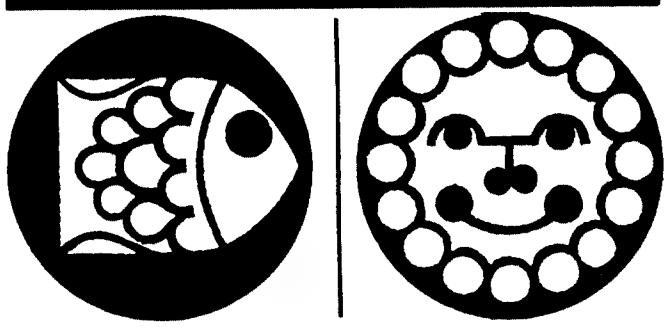
Como era bom ser livre. Independente, Ter o seu carro. Aquele era o melhor carnaval da sua vida. E já tinha vinte e quatro anos. Agora sentia-se realizada.

Chovia. Pôs a funcionar aquele negocinho que limpa os vidros. Era o quê? O seu quarto ou o seu quinto dia de dona de um automóvel? Já não se lembrava. Tinha de estar atenta por causa do nevoeiro. Os faróis dos carros que vinham em sentido, ofuscavam-lhe os olhos. Sentia-se exausta. Cançada. De repende, mal teve tempo de dar um g r i t o. Chegado o seu último dia de dona de um automóvel.

Março, 4.ª feira de cinzas, 1973

PARA CORRESPONDÊNCIA: Rua Fernando Mendes, 28-ap. 908 — COPACABANA G.B. — BRASIL

9/18 DE MARÇO
Nauticampo 7



HOJE: ÚLTIMO DIA

7173

DIAS ÚTEIS DAS 16 ÀS 23 H.
SÁBADOS E DOMINGOS DAS 15 ÀS 23 H.

NA FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA

EXPLOSÃO DEMOGRÁFICA E PROGRESSO SOCIAL

OS FACTOS

O excedente populacional — Quantos seres humanos pode alimentar o nosso planeta? Tudo depende da forma como conseguirmos tirar partido dos recursos naturais. Fala-se frequentemente em 15 biliões de pessoas; será que tal estimativa é baixa ou, pelo contrário, demasiado elevada? Ninguém o saberá dizer ao certo, mas uma coisa é certa: existe um limite, um limite em direcção ao qual nos dirigimos a grandes passos.

No princípio da nossa era, a terra deveria estar povoada por cerca de 250 milhões de habitantes; dezoito séculos mais tarde, nas vésperas da revolução industrial, a população mundial atingia um bilião. Mas no início do presente século, elevava-se já a 1650 milhões e, setenta anos mais tarde, havia ultrapassado o dobro (3632 milhões). Segundo o actual ritmo de crescimento esse número poderá atingir os seis biliões e meio, no ano 2 000.

A miséria — Os pobres são a maioria sobre a terra e é nos países em vias de desenvolvimento que eles estão mais concentrados. Em 1970, estes eram 2542, contra 1090 milhões nos países industrializados. Com base na taxa de expansão demográfica actual, verifica-se que no fim deste século será necessário o dobro de alimentos, de água e de energia — e também o dobro dos postos de trabalho — para manter simplesmente o actual nível de vida que, para a maioria dos homens é ja insuficiente.

O desemprego — Segundo uma estimativa levada a cabo pela Organização Internacional do Trabalho (OIT), a mão-de-obra mundial registará entre 1970 e 1985 um acréscimo de 30 por cento. Representa isto o aparecimento de mais 457 milhões de pessoas no mercado de trabalho, dos quais 289 milhões serão asiáticos, 55 milhões africanos e 42 milhões da América Latina. Para cada 100 pessoas à procura de trabalho em 1970, haverá em 1985, 141 em África, 134 na Ásia e 147 na América Latina. Mas na Europa ocidental esse aumento manter-se-á modesto, passando de 100 a 110.

PARA ONDE VAMOS?

Mesmo tendo em conta uma diminuição da taxa de natalidade, a distância populacional entre países em vias de desenvolvimento e países industrializados tomará proporções dramáticas, até ao ano 2000. E se o crescimento demográfico incontrolado é um fenómeno universal, os problemas que ele põe são particularmente sensíveis no terceiro mundo. O crescimento incontrolado da população de inumeros países em vias de desenvolvimento anulou — ou pouco falta para isso — os recentes progressos económicos. O aumento do volume do produto nacional bruto não tem qualquer significado se tem de cobrir as necessidades de uma população em contínuo crescimento.

Uma sempre maior procura de emprego — Nos países com um índice de nascimentos moderado, o mercado de trabalho encontra-se relativamente estável, dado que a chegada de jovens e a partida dos velhos se equilíbram. Já diferente é o caso dos países do terceiro mundo onde se registam elevados índices de natalidade: os jovens à procura de emprego são sempre mais numerosos e a taxa de partidas é baixa. Daqui resulta que, por vezes, dois terços dos jovens em idade de trabalhar tenham necessidade de criação de novos postos de trabalhos.

Os que deixam a escola — Nos países em vias de desenvolvimento, muitas são as crianças que deixam de ir à escola antes dos treze anos. Sem qualquer formação profissional, vão engrossar ainda mais os pletóricos contingentes de desempregados não especializados. Segundo as estimativas do BIT, o número de crianças com menos de 15 anos «economicamente activos» elevava-se, em 1970, a 54 milhões, vivendo na sua maior parte no terceiro mundo.

...e os que deixam a terra — Considerando que a população do globo duplicará até ao fim do século, há que lembrar que o aumento apenas será de 50 por cento nas zonas rurais, enquanto deverá atingir nas cidades os 250 por cento.

Os jovens deixam as aldeias que trocam pela cidade, em número cada vez maior. Dantes, muitas crianças morriam prematuramente. Já o mesmo não se passa hoje, o trabalho paternal — apenas suficiente para a alimentação familiar — desmembrado pela morte do pai, incitando irresistivelmente as crianças mais ambiciosas a partir para as cidades. Mas são raros os que aí chegam preparados para um ofício industrial e igualmente raros os que aí conseguem a formação necessária.

O problema urbano — Os efeitos nas cidades das migrações encontram-se resumidos num relatório apresentado, em 1970, á assembleia das Nações Unidas: «Enquanto que a população dos países em vias de desenvolvimento tem uma taxa-tipo de crescimento de 2 a 3 por cento anuais e que a população urbana aumenta segundo uma taxa superior a 6 por cento,

a que vive em casebres e em locais não regulamentados das zonas urbanas cresce geralmente segundo taxas de 12 por cento e, por vezes superiores mesmo a 20 por cento».

Esses casebres e bairros pobres, estendendo-se nas zonas urbanas dos países em vias de desenvolvimento, é, para muitos dos imigrantes rurais, o ponto do seu afluxo. Um abaixamento da taxa de natalidade atenuaria sensivelmente os problemas do êxodo rural e do desemprego dos recém-chegados.

Expansão e desemprego — Uma das hipóteses em que se baseava o I Decénio das Nações Unidas para o Desenvolvimento era a de que se as nações do terceiro mundo conseguissem uma taxa de elevada crescimento económico, o problema do desemprego perderia a sua acuidade. Ora, é precisamente o contrário que actualmente se verifica, enquanto esses países ultrapassam, um a seguir ao outro, a marca dos 5 por cento anuais de crescimento económico.

A explosão demográfica é muito mais do que um problema específico dos países em vias de desenvolvimento: é um problema verdadeiramente mundial que terá de ser resolvido se a humanidade quiser prosseguir a sua marcha.

PROGRESSO SOCIAL E FAMILIA

Em muitos países desenvolvidos, a taxa de natalidade diminuiu ao mesmo tempo que os progressos da medicina e da higiene tinham por fim reduzir a mortalidade infantil e aumentar a esperança de vida. Foi este o caso da Europa ocidental, onde as famílias numerosas, muito comuns no princípio do século, são agora raras.

Do mesmo modo, a mortalidade infantil no terceiro mundo diminuiu nos últimos vinte anos, enquanto aumentou a longevidade. Mas para a maior parte desses países o progresso social termina aí. As massas não participam ainda suficientemente na evolução económica do seu país para poderem tirar proveito dos serviços sociais existentes. Afora a ajuda familiar, os doentes ou idosos não podem contar com nenhuma espécie de assistência social.

Nos países industrializados, muitas são as mulheres que trabalham fora de casa e, se casam cedo, atrasam o momento da maternidade, o que reduz o numero dos seus filhos. Na maior parte dos países do terceiro mundo, pelo contrário, à excepção de uma ínfima minoria, as mulheres continuam a trabalhar em suas casas ou nos campos e o trabalho feminino em nada influi na idade para o casamento ou na dimensão da família.

É pois a queda da taxa de mortalidade (que geralmente não compensa um abaixamento da taxa de nascimento) que constitui a principal causa da sobrepopulação do terceiro mundo. Um desenvolvimento social que se estendesse a largas camadas populacionais, compreendendo a emancipação da mulher, seria, sem dúvida o único meio de reduzir o índice de fecundidade.

«Tres é suficiente», é o tema do cartaz indiano, a favor do planeamento familiar.

O FINANCIAMENTO DAS CIDADES NOVAS

Continuação da pag. 3

des. As despesas de estudo são cobertas pelo Ministério do Equipamento e da Habitação e as colectividades locais estão estreitamente associadas aos trabalhos.

O sector privado «traz o mercado» e responde às suas necessidades: compra ou aluga os terrenos necessários; prepara definitivamente os terrenos de modo a poderem ser montadas as estruturas previstas; assegura o financiamento, a construção e a comercialização de edifícios com diferentes funções (habitação, escritórios, comércio, indústria, etc.). O conjunto destas acções faz intervir numerosos participantes: gabinetes de estudo, arquitectos, organismos financeiros, construtores, industriais, comerciantes, promotores (particulares e públicos), particulares, etc.. Para tal foram aplicadas quatro fórmulas principais de associação entre o poder público e os promotores.

A venda de um terreno com um caderno de encargos a respeitar constitui a fórmula mais simples. Esta supõe a condição de ser realista e adaptada às condições do mercado.

O método das Zonas de Enquadramento Concertado (ZAC) foi instituído por uma lei de 1967; permite fixar por contrato as modalidades de cooperação entre o sector público e privado em função dé circunstâncias específicas e de realizações previstas. Um plano de enquadramento de zona fixando a afeição dos solos e do conjunto é um dos objectivos a elaborar por cada ZAC: um programa, um registo de letras, um saldo financeiro são igualmente estabelecidos. A quase totalidade das operações nas novas cidades são levadas a cabo pelas ZAC.

A associação dos criadores e dos realizadores desde o início dos estudos torna-se necessária em projectos importantes para conciliar ao máximo os objectivos dos responsáveis das cidades e as preocupações económicas dos seus construtores (realizadores). Por isso que, na região **parisiense, os promotores interessados** num sector da nova cidade de Marne-la-Vallée tenham constituído um grupo de interesse económico que cooperou com a missão de estudo, na concepção do esquema de enquadramento e na preparação de uma ZAC de 7.500 habitações, a construir até 1978. Em Saint-Quentin-en Yvelines, prevê-se que um centro urbano com cerca de 500 hectares disponha de 25.000 habitações, centros comerciais, escritórios, equipamentos públicos, etc. Para tanto, vários grupos financeiros constituíram em comum uma sociedade de estudos que, sob a **autoridade dos poderes públicos, contribui para os trabalhos.**

A fórmula dos concursos tem a vantagem de favorecer a qualidade e a imaginação. Foi, nomeadamente, aplicada no caso do centro comercial regional de Cergy-Pontoise, com 50.000 metros quadrados de superfície comercial. Os concorrentes tinham que obedecer a directrizes gerais de enquadramento, a elementos técnicos e económicos e a uma lista de encargos prevendo o pagamento ao organismo público competente de um montante anual, calculado em função dos negócios do centro comercial. **Foi seleccionado um promotor,** tendo sobretudo em conta a qualidade das suas propostas em matéria urbanística. Em Evry, foi igualmente aberto um concurso em que se interessaram importantes grupos franceses e estrangeiros. Diz respeito a todo um quarteirão da nova cidade e compreende habitações de diversas categorias e equipamentos.

HOLANDA

Na Holanda a nova cidade de Lelystad, concebida para 100 a 150.000 habitantes, encontra-se na sua primeira fase de desenvolvimento. As sociedades e os serviços existentes financiam e exploram serviços públicos como a electricidade, o gás ou o telefone; a construção das escolas está a cargo do organismo oficial competente.

Postas de parte estas duas excepções, a primeira parte da cidade é inteiramente financiada pela Autoridade de Desenvolvimento de Ijsselmeerpolders, organismo dependente do Ministério das Comunicações e dos Trabalhos Hidráulicos. Tem por missão cultivar as terras recuperadas ao mar que são propriedade do Estado, de criar quintas e aldeias, de proceder à alocação de terras e para aí instalar colonos. Tomada a decisão de **criar a cidade de Lelystad, é** á autoridade que compete estabelecer planos e assegurar **o financiamento e a realização,** uma vez que os trabalhos de **construção propriamente ditos são efectuados por empresas** privadas. Recaindo sobre a Autoridade os encargos do financiamento, o montante de fundos que lhe são atribuídos anualmente pelo governo comanda a taxa de crescimento.

Para o ano passado, o orçamento da Autoridade foi de 124 milhões de florins, dos quais cerca de 88 milhões foram destinados à construção. Neste momento, a construção de habitações faz-se ao ritmo de 600 por ano. A Autoridade esforça-se por realizar antes de 1975 o maior número possível dos trabalhos de infra-estrutura, elaborando planos complementares, que, uma vez remetidos para a municipalidade, têm força obrigatória.

Estragos em hospitais do Vietname do Norte

-Segundo médicos americanos

Dois médicos americanos que acabam de regressar de uma visita ao Vietname do Norte disseram numa conferência de Imprensa ter verificado ali consideráveis estragos em hospitais e outras instalações médicas.

O dr. Peter Wolf, da escola médica de Harvard, e o dr. John Pratt, de Filadélfia, disseram que o centro médico de Bach Mai, em Hanói, ficou completamente destruído e refutaram o depoimento feito no mês passado por um funcionário do Pentágono, Dennis Dollin, perante uma comissão do Congresso.

Segundo Dollin, os estragos causados em Bach Mai pelos bombardeamentos americanos teriam sido muito exagerados e dramatizados pelos norte-vietnamitas e na realidade o hospital ficou apenas com uma parte danificada.

«Eu não sei onde é que ele foi buscar essa informação. O facto é que o hospital deixou completamente de funcionar. Só resta o esqueleto. Algumas paredes de tijolo ainda estão de pé, mas o hospital terá de ser reconstruido totalmente», disse o dr. Wolf.

Os dois médicos deslocaram-se a Hanói como representantes de uma organização particular, «Medical aid to Indochina», que está a levar a cabo uma campanha que visa reunir três milhões de dólares para a reconstrução do hospital de Bach Mai e da escola médica anexa.

O dr. Pratt disse que um hospital com 500 camas existente na província de Tahi Binh foi totalmente destruído

Os dois médicos disseram ter visto importantes estragos feitos pelos bombardeamentos em zonas habitadas, mas os trabalhos de reconstrução começaram já e prosseguem em bom ritmo.

7 DIAS

1 DOMINGO Com uma votação inferior em 0,8 por cento ao bloco da esquerda, os actuais governantes franceses lograram obter a maioria absoluta na Assembleia Nacional. Dois resultados da votação a considerar: o enorme avanço da esquerda, que ficou a 3,2 por cento da metade, e a perda da maioria que a UDR detinha, sem o auxílio dos aliados, na Assembleia. Se o avanço da esquerda é de capital importância para o futuro da França, a perda da maioria pela UDR reveste-se de grande interesse imediato. Na verdade, o gaullismo verdadeiro deixou de poder ditar as suas leis aos aliados. Giscard d'Estaing tem agora uma posição multíssimo mais forte dentro do regime. Por isso se fala da possibilidade de ele vir a chefiar o próximo gabinete. A estabilidade da V República, aparentemente vencedora das eleições, já não é o que era. O gaullismo tem de ceder o passo aos republicanos independentes, ao centro democrático e até, talvez, ao centro reformador. Esta circunstância dará, a princípio pelo menos, uma certa parência de abertura ao governo, pois ver-se-ão caras novas nos ministérios, em substituição dos velhos gaullistas. Contudo, o resultado final, depois dos arranjos de início, será contrário aos interesses dos 46,8 por cento dos eleitores que votaram na esquerda. Isso não é de estranhar, é certo, mas as reformas, que se anunciam destinadas a ir de encontro aos desejos de mudança, acabarão por ter um sinal de direita, pois vêm influênciadas por homens como Giscard d'Estaing e Lecanuet. Em política externa ver-se-à provavelmente que a França se volta mais para os Estados Unidos. Essa decisão política acarretará, a dar-se, uma outra modificação, esta no sector monetário, deitando completamente por terra a velha política de independência do general.

2 SEGUNDA Hector Campora, o candidato do peronismo designado pelo antigo ditador da Argentina, foi proclamado vencedor das eleições. A sua votação ficou muito próxima da metade e mais um que necessitava para ganhar logo no primeiro escrutínio, mas é possível que se não faça uma segunda volta, pois a vitória de Campora é mais que certa. O programa da Frejuli (Frente Justicialista) é muito radical em alguns aspectos como a economia e os negócios estrangeiros. As nacionalizações de empresas estrangeiras é tida como certa. O controle pelo Estado do comércio externo também. Além disso, segundo o programa, será dada uma maior participação aos trabalhadores nas decisões económicas, sendo de esperar uma grande revitalização da vida sindical. No campo da política extterna, a Frejuli propõe-se fazer alinhar a Argentina com o resto do Terceiro Mundo na sua luta anti-imperialista, caminhando para uma neutralidade que se não tem verificado. Pelo contrário, Buenos Aires tem alinhado cada vez mais pela política externa dos EUA. Além das consequências óbvias e inevitáveis de uma tal política praticada pela Argentina — com o Brasil, um dos dois grandes da América do Sul — é importante sublinhar a capacidade mobilizadora do peronismo, 17 anos depois da queda do seu dirigente máximo, desde então no exílio. Alguns observadores atribuem esta popularidade do peronismo ao facto de Peron ter governado a Argentina durante a época das «vacas gordas», isto é, quando a Europa, desfalcada pela guerra, importava carne quase por qualquer preço e, em quantidades astronómicas. A situação económica do país era tal que os trabalhadores podiam auferir salários relativamente bons, sem que os patrões perdessem com isso alguma coisa. Pelo contrário, até.

3 TERÇA Uma comissão de auditoria revelou no Congresso americano que grande parte das armas do exército «yankee» na Alemanha Federal não estavam em condições de serem utilizadas. A notícia revelava que o tal exército — o que não é surpresa — é de uma ineficiência quase completa, tornando-se quase incapaz de combater, em caso de conflito. Na verdade, em caso de conflito com a União Soviética — é nessa perspectiva que elas se encontram na Europa — aquelas tropas americanas, há muito que se sabe, não poderiam resistir por muito tempo, mesmo em boas condições. Estes factos, que alarmam os mais tecnocratas, deixam perfeitamente indiferentes os políticos, pois todos eles sabem que a presença armada americana na Europa apenas tem o valor de uma presença. Elas mantêm-se devido a um muito complicado jogo de pressões. Por um lado os europeus mais temerosos de um ataque soviético receiam que os EUA, caso não houvesse vidas americanas em perigo, poderiam não intervir; por outro lado, os EUA servem-se das tropas para negociar sobre questões monetárias e de comércio. Há, por certo, ainda mais factores em jogo...

4 QUARTA A greve do pessoal não médico dos hospitais continuou. A greve de zelo dos empregados do gás ainda não se tinha resolvido. O Comité Económico do TUC (Trade Union Congress) reuniu para dar um parecer sobre o pedido de greve geral de protesto contra a política económica do governo conservador de Edward Heath Se se considerar ainda o caso da Irlanda, facilmente se compreende que a Grã-Bretanha não passa pelos seus melhores dias.

5 QUINTA O presidente Nixon agitou a ameaça de novos bombardeamentos contra o Vietname do Norte, caso a infiltração de homens e material continuasse no sentido do Norte para o Sul, segundo ele afirmou. Não falta aos EUA a capacidade para se lançarem num novo ataque deste género. Contudo, se se tiver em conta a experiência passada, pode prever-se que dificilmente Nixon tomará a decisão política de recomeçar os bombardeamentos, cuja impopularidade em todo o mundo é inevitável. Mas da Casa Branca tudo pode sair.

6 SEXTA O Governo filipino do presidente Ferdinando Marcos avisou os seus aliados — sem, por enquanto, lhees pedir auxílio — que se verificava no sul do país uma sublevação armada. Uma vez que o regime de Manila se deu ao trabalho de avisar os seus aliados, pode legitimamente concluir-se que a sublevação assume bastante importância, não se tratando de meros recontros esporádicos. Aliás esses recontros já se verificam desde há bastante tenpo. Aguardemos sem surpresa as declarações daquels que irão lembrar a «teoria do dominó» e, quem sabe, defender a intervenção americana nas Filipinas. Porém, è preciso lembrar que é a situação naquele arquipélago que está na origem da sublevação e não o fim da guerra do Vietname, com a consequente retirada americana.

7 SÁBADO O Conselho de Segurança das Nações Unidas está reunido no Panamá. Inevitavelmente, foi levantada a questão da dominação norte-americana a título perpétuo sobre a zona do canal. Significativamente, o general Omar Torrijos recebeu o apoio de Cuba e do Peru para as suas reivindicações nacionalistas. O próximo México, embora mais moderadamente, apoiou o regresso da administração da zona às mãos dos panamianos.

SENSACIONAL...

Sofás cama - Tipo Beiga	1800$00
Balanças - Casa de banho	150$00
Torradeiras	180$00
Frigoríficos 140, L.	1790$00
T. V. 2 canais	3390$00

FILIAL SUPERMANOS

ESTRADA DE BENFICA, 705

COMENTÁRIO INTERNACIONAL

A grande crise

«A grande crise» é o título de cobertura da reportagem do semanário francês «L'Express» sobre as actuais dificuldades monetárias dos países ocidentais. É, de facto, a grande crise. Tão grande como outras do passado, mas que, devido a factores estranhos ao processo económico normal, se tem mantido num estado crónico e não agudo, com eventuais e cada vez mais frequentes acessos de febre. A grande crise não é apenas monetária, antes abrangendo a economia quase toda, e arrasta-se desde há alguns anos.

Há dias, o Diário de Lisboa» publicou uma interpretação da crise monetária que merece ser meditada. Já ressaltada uma vez, as pistas que ela fornece justificam um novo aproveitamento, para que melhor se entendam estas crises que as pessoas em geral não entendem e, pior ainda, julgam nada ter a ver com elas.

A tal interpretação começava por citar o ministro francês da Economia e Finanças, Valery Giscard d'Estaing, o qual afirmara que «nas actuais discussões monetárias, incompreensíveis para o comum dos mortais, é o nível de vida e o emprego nos países parceiros comerciais dos Estados Unidos que estão directamente em jogo». Por aqui se vê, logo à partida, que as questões monetárias, que muitos tentam manter no complicado segredo dos deuses, afectam o dia-a-dia dos «parceiros comerciais» dos EUA, que o mesmo é dizer, de todo o mundo que funciona na órbita do dólar e do seu antigo protegido, o esterlino.

O comentador que decidimos seguir afirma para melhor ilucidar os leitores: «Com efeito, por detrás da «fixidez», da flexibilidade», ou da «flutuação» das moedas, dos processos de afastar a especulação, esconde-se o verdadeiro problema, político este, que é o da continuação ou não da hegemonia americana sobre as economias ocidentais».

Este trecho é muito importante. Em primeiro lugar note-se a naturalidade, verdadeira aliás, com que se fala da hegemonia americana sobre «as economias ocidentais». Na verdade, todas as economias ocidentais, entenda-se, de tipo oposto às socialistas as orientais — dependem mais ou menos acentuadamente dos Estados Unidos da América. Em segundo lugar, pergunte-se aos que se alheiam destas questões, se não será importante para vida de todas as pessoas a continuação, ou não, dessa tal hegemonia que alguma soberania rouba a todos os países sobre os quais se exerce?

Mas o comentador seguia dizendo que, «para os Estados Unidos, trata-se de conseguir que os seus colegas industrializados continuem a financiar um nível de vida nitidamente superior ao dos outros, nível que lhes permite ter uma semana de trabalho de quatro e às vezes de três dias». Os EUA, digo eu, pretendem isso, agora, dos «colegas industrializados» porque, por enquanto, têm a certeza de o poder ir obtendo dos não-industrializados, mais conhecidos por subdesenvolvidos. Novamente se pergunta: quem estará desinteressado do tamanho da semana de trabalho?

Mas, mesmo nos países em vias de desenvolvimento — outro eufemismo para designar os pobres e espoliados — os EUA vão já tendo as suas dificuldades «em tirar proveito das matérias primas» que eles produzem.

«Até há alguns anos — diz o nosso comentador, um jornalista da «agence France-Presse» — os Estados Unidos dispunham de uma avançada tecnologia e de uma produtividade tal que a sua balança comercial era largamente excedentária e compensava as despesas de «auxílio» ao estrangeiro. E, quanto ao resto, **o sistema monetário permitia acumular, de ano para ano, «deficits» externos** (sublinhado meu).

«Tudo isto era pago, na realidade, pelo trabalho nos países onde os dólares eram trocados por moedas nacionais». (sublinhado meu)

A estes factos, de tal modo ilucidativos que dispensam qualquer explicação, o comentário ainda juntava que o sistema permitia a exportação da inflação através das notas verdes (os dólares), moeda obrigatória, com o esterlino, nas transacções internacionais. Além disso, é bom não esquecer que a hegemonia americana se deve em grande parte ao facto das economias das outras grandes potências industriais terem sido quase completamente destruídas durante a segunda guerra mundial, o que não aconteceu com os EUA. Mais: a economia americana só levantou definitivamente cabeça, após o colapso de 1929, com a segunda guerra mundial. Estes anos todos de paz, interrompida é certo por algumas guerras em que os americanos, e mais nenhuma outra grande potência, andaram envolvidos, causaram graves perturbações à economia americana que, pelos vistos, não se aguenta bem no regime de concorrência de que os seus dirigentes são tão ardentes defensores.

Voltarei proximamente ao assunto que ainda promete.

A. VILLAVERDE CABRAL

AS CONSEQUÊNCIAS ECONÓMICAS DA ERUPÇÃO VULCÂ DE VESTMANNAEYJAR ISLÂNDIA

No passado dia 23 de Janeiro, verificou-se uma erupção vulcânica em Heimaey, na ilha de Vestmannaeyjar, nas proximidades de um importante posto de pesca. Esta localidade, de 5300 habitantes, foi quase completamente evacuada em algumas horas; só lá ficaram as equipas de salvamento e os funcionários municipais. Desde então, a erupção continua e é uma ameaça permanente para a cidade, para a sua infra-estrutura e para as riquezas que encerra.

Num sentido, esta catástrofe é um acontecimento para lá do que pode ser exprimido, escapa aos dados estatísticos. Apesar de tudo, uma primeira tentativa foi feita para avaliar as consequências económicas. De momento, é difícil fazer-se uma ideia do fenómeno geológico considerado em si-mesmo, isto é, saber se a erupção prosseguirá, e por quanto tempo, e até que ponto as cinzas, a lava e as outras matérias vulcânicas ejectadas se espalharão pela localidade. Acontece por isso que os números que se seguem são extremamente provisórios.

por JON SINGURDSSON director do Instituto de Pesquisas sobre o deenvolvimento económico em Reiquejavique

Podemos classificar em cinco categorias as consequências económicas da erupção:

. 1. O custo directo dos deslocamentos provocados;
. 2. A perda directa da existência (receitas de exportação em particular);
. 3. O custo directo das operações necessárias para proteger os bens e afastar as matérias vulcânicas;
. 4. A perda directa de bens e os custos de reconstrução;
. 5. Os efeitos indirectos.

1. O CUSTO DIRECTO DOS DESLOCAMENTOS PROVOCADOS

A convulsão vulcânica arrastou, já, terríveis perturbações para os habitantes de Vestmannaeyjar. A base dos seus meios de existência corre grande perigo. As operações de socorro, que felizmente permitiram evacuar a ilha, custaram preços elevadíssimos. As despesas de transportes já feitas e o custo das disposições preliminares destinadas a fornecer ao continente islandês os serviços sociais elementares, eleva-se a centenas de milhões de coroas islandesas. Mesmo se a erupção se acalmasse rapidamente, seria necessário construir alojamentos provisórios e diversos serviços colectivos, sanitários e escolares, pelo menos para alguns meses, em condições difíceis, fora dos lugares habituais, o que arrastaria necessariamente despesas importantes. A isso haveria que juntar a viagem de retorno à ilha a famílias inteiras. que mandaram para a Islândia tudo o que era possível (viaturas, móveis, etc...), não sem desgastes em numerosos casos e com todos os custos que isso faz supor.

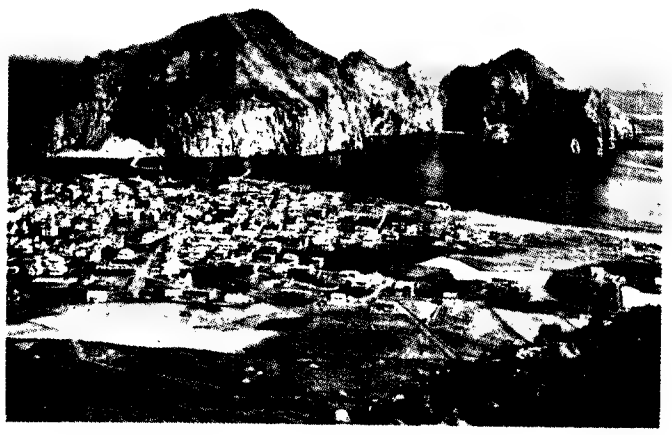
Por si só, o custo dos deslocamentos poderia atingir várias centenas de milhares de coroas. E estas não são, nem por sombras, mais que estimativas por alto.

2. A PERDA DIRECTA DAS EXISTÊNCIAS

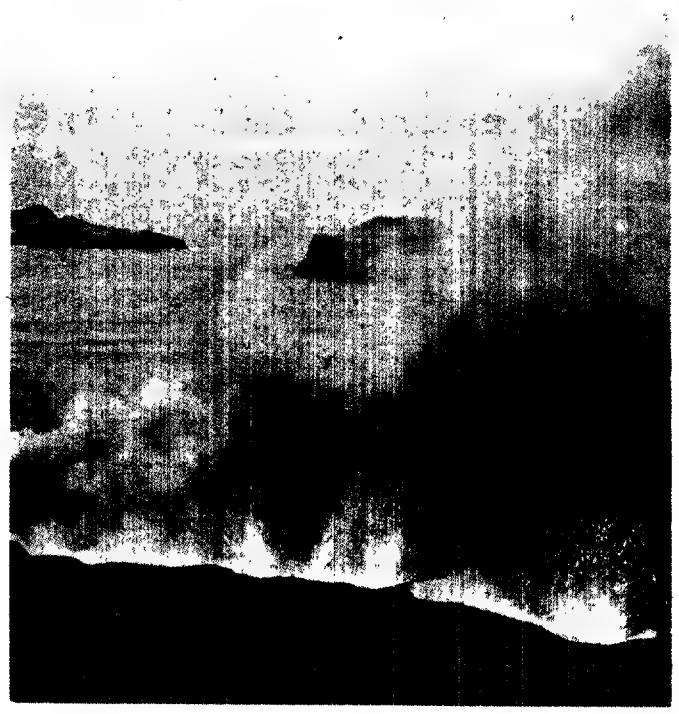
Vestmannaeyjar pode ser considerado como o mais importante porto de pesca islandês. Nos últimos anos foi-lhe atribuído 12 a 13 por cento da produção de pesca do país. Como os produtos desta actividade constituem aproximadamente 80 por cento das mercadorias exportadas pela Islândia, pode perceber-se qual a importância para a balança dos orçamentos. Segundo as previsões para 1973 — estabelecidas antes da erupção — a parte de Vestmannaeyjar, nas exportações, poderia atingir os dois milhões de coroas. Mesmo admitindo que a erupção terminaria em breve, nós não podemos, para já, imaginar que as fábricas de congelação recomeçariam a funcionar rapidamente durante a principal estação da pesca, ou seja de Janeiro a Maio. Os estabelecimentos onde se trata a carne e o óleo de peixe poderiam retomar uma actividade limitada, mas as perspectivas para um trabalho produtivo de alguma importância são fracas para o ano de 1973. Isso implicará, necessariamente, uma perda directa em matéria de receitas de exploração, mesmo se os 77 barcos de pesca de Vestmaennyjar pudessem operar a partir de outros portos. Na altura de mais trabalho da estação (Março e Abril), as fábricas de transformação do continente islandês não poderiam certamente satisfazer as necessidades. A capacidade dos outros portos também é limitada. A perda de receitas de exportação provocada pela catástrofe pode ser cifrada — estimativa provisória — em cerca de um milhão de coroas.

Na posição estratégica que ocupa, no meio de ricos bancos de peixe, ao largo da costa sul da Islândia, que é arenosa e não apresenta abrigos para as embarcações, a ilha de Vestmannaeyjar, oferecendo a segurança de um porto, é por sua vez um refúgio de importância vital e um grande centro de prestação de serviços para os barcos que vão chegando de todo o lado. Por outro lado, os seus estabelecimentos de transformação da carne e do óleo de peixe, fizeram dela uma importante base para a pesca do bacalhau da Terra Nova (mallotus villosus); ora, esta promete ser excepcional em 1973, porque se podiam prever excelentes pescarias e os preços de exportação são elevados. Assim, a erupção terá repercussões de muita duração para as possibilidades das pescarias no seu conjunto.

Evidentemente, a pesca é a base da formação de rendimentos em Vestmannyjar. A contribuição desta localidade do Produto Nacional Bruto islandês era de cerca de três por cento. Em 1973, o seu rendimento teria provavelmente atingido o montante de um milhão e 700 mil coroas, mas a catástrofe poderia provocar uma redução brutal destes rendimentos. Evidentemente que se fará todo o possível para encontrar trabalho para as pessoas da ilha, mas, qualquer que ele seja, é necessário aguardar, neste domínio, uma perda real atingindo talvez um terço muito provavelmente metade dos resultados previstos para este ano.



Vista parcial da cidade e do porto antes da erupção



Uma imagem da erupção do vulcão Helgafell

Não basta, em absoluto, dar números respeitantes, directamente, à produção local e respectivo conteúdo para esboçar um quadro completo do papel económico de Vestmannaeyjar. Com efeito, a actividade económica, está aí, naturalmente, estreitamente ligada à do conjunto do país e desempenha o seu papel no emprego e actividade doutras regiões e reciprocamente. Não seria por esta razão que os dados como os que mencionámos acima, não podem fornecer uma base mais que extremamente provisória e incompleta para avaliar a perda de rendimentos que poderia provocar a erupção. Além disso, é evidente que numerosas pessoas e uma grande quantidade de material serão retidos durante um certo tempo para os trabalhos de salvamento e de protecção e afastados assim da produção normal.

Efeitos indirectos deste género já se manifestaram nos fiordes do Este e do Oeste, sob a forma de penúrias diversas, porque os cargueiros e a companhia oficial de transportes marítimos são utilizados para operações de salvamento entre a ilha e o continente islandês. Os estrangulamentos serão inevitáveis, porque o auge da estação se aproxima. Já todas as possibilidades de armazenagem de bacalhau da Terra Nova foram utilizadas nos fiordes do Este. Como a pesca deste peixe não terminou ainda os bancos dirigem-se para o Oeste, ao longo das costas do Sudoeste e do Sul da Islândia, as pescas serão inevitavelmente limitadas para a capacidade de armazenamento e de tratar o peixe em terra.

3. O CUSTO DIRECTO DAS OPERAÇÕES NECESSÁRIAS . PARA PROTEGER OS BENS . E AFASTAR AS MATÉRIAS . VULCÂNICAS

Neste momento, foi feito tudo o que é possível para proteger os bens que se encontram na Ilha. Mas, na prática, não se pode calcular quanto custarão os trabalhos de protecção, tratando-se, contudo, certamente, de centenas de milhões de coroas. Estas operações compreendem, por um lado, o transporte para a Islândia de tudo o que pode ser deslocado e por outro a protecção «in loco» dos bens não susceptíveis de transporte, notoriamente contra os prejuízos que podem causar as matérias vulcânicas, o fogo e a lava. De momento, faz-se um esforço no sentido de proceder aos desaterros necessários por razões de protecção. Actualmente estas operações são as mais diversas: pode tratar-se, simplesmente, de limpar os tectos das matérias vulcânicas que os cobrem, ou esvaziar casas inteiras da mesma matéria. Calcula-se que mais de dois milhões de metros cúbicos de lava, pedra-pomes e cinzas cairam já sobre a localidade, segundo todas as probabilidades, os trabalhos de protecção e de desaterro completo destas matérias custarão algumas centenas de milhares de coroas.

4. A PERDA DIRECTA DE BENS

A erupção vulcânica representou uma grave ameaça para todos os bens imóveis de Vestmannaeyjar. É impossível, para já, calcular com alguma precisão o valor total destes bens trabalhos públicos compreen-

Um copo de boa disposição...

...para todo o dia!

Más disposições, azia, náuseas e enfartamentos provocados por excesso de comidas e bebidas são eliminados por um agradável e refrescante copo de «Samarin»

caixas com 36 carteiras individuais.

À venda nas Farmácias

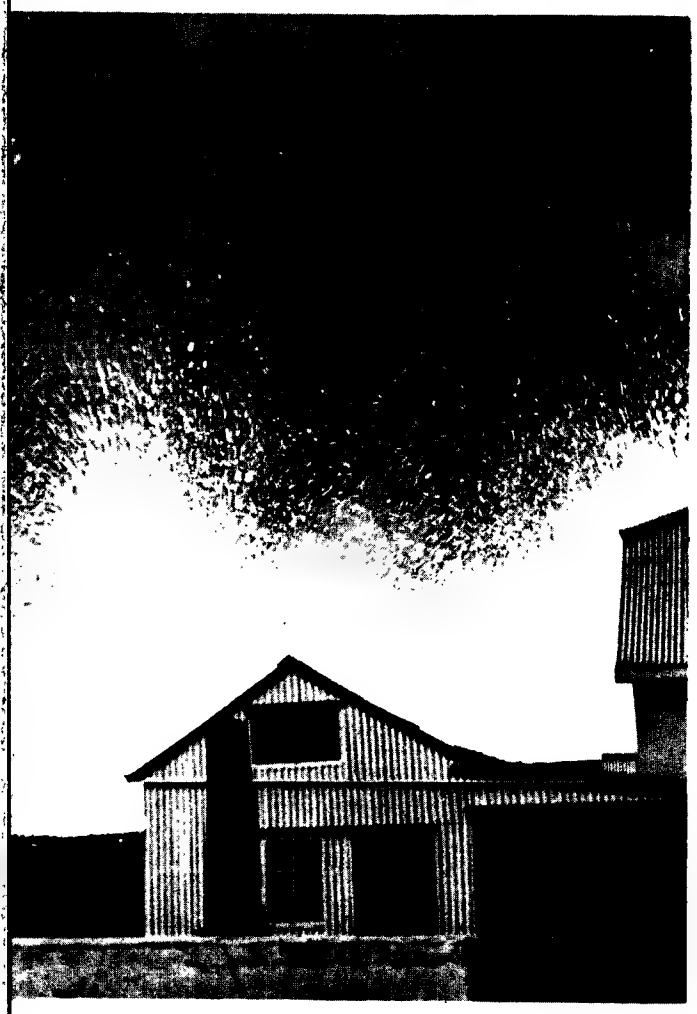
O maior sortido de ouro, pratas e artigos a preços de concorrência

GRANDE OURIVESARIA DA MODA

RUA DA PRATA, 257

DOSSIER
INTER[illegible]NAL

NICA



idos, ou de nos apercebermos
m que proporção se perderam
u foram prejudicados em con-
equência da catástrofe.

De acordo com uma ava-
ação provisória de todos os
ens imóveis da Ilha, a recons-
ução ou recondução deste
apital seria da ordem dos dez
il milhões de coroas. Compa-
hias de seguros procederam
uma avaliação, também pro-
isória, que dá, como valor se-
urado contra incêndios, uma
oma de alguns 5 mil milhões
e coroas para as casas, as
onstruções e as máquinas fi-
as. Sabe-se já que cerca de
ento e dez casas arderam ou
oram engulidas. Parece que
ão seria nada realista calcu-
ar que na situação actual se-
ão precisas menos de 600 a
00 milhões de coroas, ainda
urante este ano, para com-
ensar os prejuízos materiais
as perdas. Pode dizer-se,
liás, que esta estimativa se
evela demasiado baixa, quan-
o for possível proceder um
ômputo completo.

5. OS EFEITOS INDIRECTOS

Já mencionámos, de passa-
gem, alguns dos efeitos indi-
rectos que a erupção terá para
a economia, tais como o deslo-
camento inevitável dos barcos
de pesca, seja de Vestmann-
naeyjar, seja de outros portos
e a perturbação temporária
dos transportes para as diver-
sas regiões do país. Efeitos
deste género arrastam um des-
perdício de recursos, que se
vai propagando a uma baixa
de produção que não é directa-
mente perceptível; entretanto,
pela sua própria natureza, não
podem ser imediatamente
quantificados. Como já vimos,
o seu impacto será, certamen-
te, mais violento durante a
grande estação, em Março ou
Abril, logo que se torne neces-
sário dispor de toda a capaci-
dade de produção da indústria
da pesca. Importa, todavia, que
os efeitos não afectam unica-
mente a pesca.

RESUMO

As conclusões que se podem tirar desta avaliação provisória das dimensões do problema económico posto pela erupção vulcânica de Vestmannaeyjar são as seguintes: por um lado é indispensável, este ano ainda, arranjar alguns dois ou três mil milhões de coroas para fazer face aos gastos resultantes da catástrofe; por outro lado, as repercussões no conjunto da economia poderão arrastar uma baixa de quatro a cinco por cento da produção destinada à exportação, ao passo que o crescimento do produto nacional bruto poderia diminuir de 2 a 3 por cento. Consideradas numa perspectiva histórica, as flutuações desta dimensão, tratando-se de exportações e importações, não são excepcionais para a Islândia; no passado, com efeito, fortes variações nas pescarias e nos preços de exportação motivaram, por vezes, modificações comparáveis da produção de receitas de exportação. O que torna a situação actual sem exemplo, e poder de impacto, são os elementos humanos e sociais que entram em linha de conta e as enormes perdas de bens. Se o presente acontecimento é infinitamente mais grave que as dificuldades económicas normais, é, em primeiro lugar, a causa de todas as perturbações que implica, para o indivíduo e para a sociedade, a perda dos seus meios de existência e a sua habitação. Enfim, em consequência da catástrofe, uma parte extremamente preciosa da reserva de capital do país foi posta fora de circulação e não se pode tirar partido da localização tão favorável de Vestmannaeyjar, não para sempre, felizmente, mas certamente por um período apreciável e precisamente no momento do ano que, do ponto de vista económico, apresenta maior valor.

De Perón a Campora

O JUSTICIALISMO NA ARGENTINA

Dezassete anos e meio depois de derrubado por uma revolução de civis e militares, o Justicialismo começou na passada segunda-feira a retomar o poder, após a impressionante vitória nas eleições de domingo.

O «Justicialismo» nasceu em 17 de Outubro de 1945, debaixo das varandas da Casa Rosada, sede do governo argentino em Buenos Aires. Nesse dia, vários milhares de operários das instalações frigoríficas de Avellaneda (subúrbio industrial) desceram à rua para exigir do governo militar a libertação de Peron que, na chefia do secretariado do Trabalho, se tinha distinguido pelos seus esforços a favor das classes mais desfavorecidas.

Dirigidas pelo seu «caudillo» Cipriano Reyes — que, mais tarde, seria metido na prisão pelo regime peronista — os operários modificaram o curso da história argentina. Não só obtiveram a liberdade de Peron, como fizeram dele uma das mais célebres e das mais discutidas personalidades latino-americanas dos tempos modernos.

Uma vez no poder, o Partido Justicialista transformou-se numa poderosa estrutura monolítica. Tudo era feito na Argentina por intermédio do Partido, onde reinava a irresistível personalidade de Evita Duarte, segunda esposa de Peron.

Quando Juan Peron foi distituido em Setembro de 1955, as instalações do Justicialismo foram assaltadas e destruídas e os dirigentes encarcerados ou perseguidos. Mas o espírito justicialista manteve-se intacto. Os malogros sucessivos dos governos posteriores ao regime peronista contribuiram para lhe dar nova origem. Obrigado à clandestinidade, renovou os seus quadros graças à chegada de novas gerações que nele viam corporizado o sentimento de libertação nacional que os outros partidos não tinham sabido cristalizar.

Sem Peron, esse milagre de sobrevivência não se teria registado. Só o «caudillo» foi capaz de conduzir o seu Partido, através da tormenta com mão firme e hábil, evitando os obstáculos, reavivando a fé dos seus homens, voltando a cerrar as suas fileiras ameaçadas pela revolta dos neo-peronistas de Augusto Vandor, o dirigente metalúrgico que preconizava a instrução de um peronismo sem Peron».

Durante esses dezassete anos, procristo e afastado da vida política, o movimento justicialista sobreviveu, pesando enormemente na cena política nacional. Se a Argentina não conseguiu a estabilidade e o equilíbrio foi precisamente porque pretendia atingir esses objectivos à margem do «Justicialismo».

Foi necessário que o general Alejandro Lanusse alcançasse o poder em Março de 1971 para que o movimento peronista obtivesse as mesmas prerrogativas que as outras formações políticas. Jorge Paladino, o delegado pessoal de Peron na Argentina, homem ponderado, tinha conseguido dar do Partido uma imagem aceitável pelos sectores moderados e, especialmente, pelo governo. Mas essa imagem não corresponde aos desejos da grande massa. Acusado de conivência com o regime militar, Paladino é destituído de um momento para o outro por Peron que nomeia para secretario-geral do movimento Hector J. Campora, agora eleito presidente da República.

Nos últimos tempos, Peron concluira que o seu Partido devia ser renovado e dotado com quadros mais jovens. Assim, designou para secretário-geral Juan Abal Medina, talentoso advogado de 26 anos, irmão de um guerrilheiro peronista morto num recontro com a polícia e que tinha sido acusado de ser um dos raptores e assassinos do ex-presidente Pedro Aramburu.

Fortalecido pela vitória eleitoral, o movimento justicialista deve, no entanto, tornar mais firme a sua unidade abalada por dissenções internas. Será essa umas das principais preocupações de Juan Peron quando regressar ao país — garantem.

REMODELADA A TORRE DE LONDRES

A ponte levadiça da Torre de Londres, que os postais ilustrados ingleses levaram ao mundo inteiro, vai ser electrificada. E é possível que venha a ser uma das maiores atracções turísticas da capital britânica, dando acesso a um restaurante de muitas estrelas e a graciosas «boutiques» onde se vendam recordações de bom gosto, com a vantagem de oferecer ainda por cima um panorama espectacular e a fascinante revelação do que era a tecnologia vitoriana. E tudo Isto porque a «city» está firmemente determinada a não permitir que o histórico monumento venha a ter sorte idêntica à da «Ponte de Londres», comprada há anos por um milionário norte-americano e que serve agora de atractivo turístico, algures, no Arizona.

O primeiro passo para que a velha obra de arte deixe de ser aquele obsoleto maquinismo de gastar dinheiro em pura perda, para se transformar numa autêntica fábrica de boas libras esterlinas, é substituir o maquinismo a vapor que levanta os dois braços da ponte (chamam-lhes básculas) por um moderno maquinismo hidroeléctrico.

A mais simples operação aritmética explica a situação: O primogénito da rainha Vitória, então príncipe de Gales e que veio a ser o rei Eduardo VII, mandou instalar o mecanismo basculante na ponte da Torre em 1894. A mão-de-obra era então muito barata. E os numerosos navios que entravam e saíam do porto de Londres, obrigando a levantar as básculas da ponte uma boa dezena de vezes por dia, pagavam com largueza as despesas com a manutenção do engenho.

Actualmente, porém, o custo dos salários de cerca de cinquenta homens necessários para manter a velha ponte em funcionamento e para darem às máquinas a assistência indispensável é da ordem das 175.000 libras anuais, soma considerável que o movimento da ponte nem aproximadamente justifica. As básculas são levantadas talvez umas quatro vezes por semana.

A energia eléctrica pode assegurar o seu funcionamento por cerca de 25.000 libras anuais — afirma o eng.º Harold King, da City. E só a economia realizada cobrirá, dentro de muito pouco tempo, o custo da transformação, orçado em 650.000 libras.

Reconhecendo muito embora que a ponte da Torre não deve poder sobreviver muitas mais décadas ao crescente trânsito de veículos pesados — por isso mesmo está a ser planeada uma nova ponte ou até possivelmente um túnel nas proximidades — os partidários da preservação do monumento pretendem que seja mantido no seu lugar, com o seu perfil actual. O poeta Sir John Betjeman chefia um grupo de intelectuais que pedem que toda a estrutura seja classificada como «Museu de Arqueologia Industrial». Ora o município da «City» concordou, com evidente regozijo. E decidiu que os oito engenhos hidráulicos da ponte e as suas duas bombas a vapor devem ser conservadas como «espléndidos exemplos do nível atingido pela engenharia vitoriana.»

Prevê-se ainda que a ponte seja aberta ao público nas tardes de domingo e que ali sejam apresentados, à noite, espectáculos históricos de «som e luz».

Segundo os estudos realizados, a ponte da Torre de Londres poderá sobreviver por muito tempo ainda, electrificada, à sua utilização turística, tal como sobreviveu, até os nossos dias, a tantos outros acontecimentos.

SINTESES CRÍTICAS

Teatro

Carlos Porto

OH PAPÁ, POBRE PAPÁ, A MAMÃ PENDUROU-TE NO ARMÀRIO E EU ESTOU TÃO TRISTE...
de Arthur Kopit
Casa da Comédia

Uma mãe-baleia; o seu filho que naturalmente se chama Jonas e, afinal não é tão atrasado mental como parece; um comodoro que sofre de asma; uma pequena duas plantas carnívoras; uma piranha; uma fabulosa colecção de selos; uma fantástica colecção de moedas; uma biblioteca de livros que ninguém lê; valsas de Strauss; uma piranha; um morto no armário — um «cocktail» a que João Lourenço, na sua primeira encenação, deu a necessária carga explosiva. Fernanda Alves: sublime; uma revelaçãoJorge Valle. Você vai ver.

Cinema

Lauro António

O ÚLTIMO A RIR (Charles, Mort ou Vif), de Alain Tanner (Suiça, 1969) com Françoise Simon, Marc Robert, etc... (Cinema Satélite) — 5.ª semana. O cinema também nasce na Suíca dos relógios, do queijo e das contas bancárias. Alain Tanner, de câmara de 16 milimetros na mão, em cenários naturais, com reduzido orçamento, é um exemplo de inteligência, agressividade e talento. A não perder.

FIM DE SEMANA ALUCINANTE (Deliverance), de John Boorman (EUA), 1972 com John Voight Burt Reynolds, etc. (Cinema Roma).

À procura da «Natureza», quatro cidadãos americanos descem o curso de um rio. Da aventura à tragédia, esse fim de semana ficará memorável. Um filme de um realismo brutal que assinala o regresso de John Boorman. A não perder.

O GRANDE CONQUISTADOR (Pay It Again, Sam), de Herbert Ross (EUA, 1972) com Woody Allen, Dianne Keaton, etc. (Cinema Estúdio Apolo 70)-13.ª semana

Depois de **O Inimigo Público** e **Bananas,** eis Woody Allen de regresso, agora sob a batuta refreadora de Herbert Ross. Uma sátira à grande América, empreendida através de alguns dos seus mitos mais seguros. Woody Allen, genial! A não perder.

AMANTES DESCONHECIDOS (Such Good Friends), de Otto Perminger (EUA, 1972) com Dyan Cannon, James Coco, Jennifer O'Neil, etc.. (Cinema Vox) — 4.ª semana.

Uma instituição — o Hospital; uma sociedade americana. Estes são os alvos que se encontram sob a mira impiedosa desta comédia de humor negro e corrosivo que nos dá um Otto Preminger no melhor da sua forma. Uma história exemplar, exemplarmente descrita. A não perder.

CABARET (Cabaret), de Bob Fosse (EUA, 1972) com Liza Minelli, Joel Grey, etc, (Cinema Londres) — 17.ª semana

Berlim e o advento do nazismo, num **«musical»**. Decadência e degradação de uma sociedade que canta, despreocupadamente, o «nacional-socialismo». Revelação de Liza Minelli e de Joel Grey; confirmação de Bob Fosse. A não perder.

TRÊS IRMÃS (Three Sisters), de Laurence Olivier (Inglaterra, 1972) com Laurence Olivier, Alan Bates, etc. (Cinema Alvalade) — 2.ª semana

Uma obra-prima do teatro, posta em cinema pela austeridade e rigor de Laurence Olivier, através de uma representação impecável do elenco do Teatro Nacional da Grã-Bretanha. Um retrato íntimo secreto, pudico e atormentado da vida provinciana na Russa, em inícios do século XX. Não será «um grande filme», mas é «uma obra a não perder».

À ESPERA DE JULGAMENTO (Detenuto in Atesa de Giudizio), de Nanny Loi (Itália, 1971), com Alberto Sordi, Elga Anderson, etc. (Cinema Mundial) — 2.ª semana.

Denúncia de uma engrenagem judicial, cujas origens remontam ao período fascista, esta obra de Nanny Loi caracteriza-se por um certo desequílibrio formal e alguma ambiguidade de propósitos, mas permanece, ainda assim, um filme interessante a merecer discussão.

SENHORES CAÇADORES E ATIRADORES DE STAND A **PROPESCA** RECOMENDA A VOSSA VISITA AO SEU STAND NA **NAUTICAMPO** PARA APRECIAÇÃO DAS NOVAS ARMAS **DAIWA**

TELEVISÃO

'DOMINGO À NOITE":

Andeanne e os Diabos do Bombo salvam o programa

Com 25 minutos de atraso em relação ao horário previsto, o espectáculo realizado no teatro Maria Matos na passada quarta-feira para ser visto na noite de hoje teve dois grandes momentos, a avaliar pela reacção do público e de alguns entendidos na matéria exposta no palco: **«Os Diabos do Bombo» e Andeanne. De tal modo assim foi que, à saída, os comentários que se ouviam referiam-se às actuações de uns e de outra, como se nada mais se tivesse passado. E, contudo, estiveram perante as câmaras o duo «Elas», Branco de Oliveira, Florência, o «ballet» habitual, Florbela e Norberto de Sousa, Armando Guerreiro e o eng. Mota Maia, director do CITU**

OS DIABOS

Maria Margarida abriu, deu a deixa a Henrique Mendes e este anunciou mais uma sessão de «Nossos Artistas Nossas Canções» assim: **«um lugar certo para a música e para os artistas portugueses»**. Esses artistas foram: o duo **«Elas», que interpretou «Eu canto para ti»**, de Carlos Portugal, que poderia chamar-se, como se verá pelo decorrer da canção, «Eu canto para Ti-ti-ri-ri-ti-ri-ti-ri», **Branco de Oliveira**, que interpretou no **«género fado»**, a **«Canção da Felicidade»**, de António Nobre, e **Florência**, que veio do Porto para nos trazer uma novidade: o **«Alecrim aos molhos»**.

Florbela e **Norberto**, com um texto de autores diferentes (Paulo da Fonseca, Rogério Bracinha e César de Oliveira, conforme nos segredaram de fonte segura) estiveram melhor do que habitualmente, já que o texto era mais teatral. Mas fraco: ela de médica, ele de paciente, o paciente a dar receitas caseiras à médica, um final prematuramente denunciado.

Seguiram-se **«Os diabos do bombo» (Los diablos del bombo)**. Aqui tudo ficou mais fino: a garra dos sul-americanos posta ao serviço de danças tradicionais, o espectáculo vivo, verdadeiro, perfeito de sincronização de movimentos, muito bem ensaiado. Em suma: o grande êxito, que seria o único não fora a presença de Andeanne no final do programa.

ANDEANNE

Armando Guerreiro, cantor lírico que começou por cantar em coros de igreja e se estreou como primeiro cantor (tenor) há 23 anos, foi entrevistado por **Henrique Mendes**. Ficámos a saber que Guerreiro ganhou, em 1969, o prémio Tomaz Alcaide, tem no seu palmarés um prémio Guilhermina Suggia e recebeu, em 1957, o prémio da Imprensa. Aproveitou-se, da conversa, a chamada de atenção para as condições de trabalho do cantor lírico em Portugal, que trabalha de dia para ensaiar e cantar à noite. Depois, Armando Guerreiro, que também interpreta canções ligeiras, cantou dois trechos de ópera e uma canção muito ligeira que apresentou como a oitava maravilha do mundo e que se ficava, musicalmente, nas entrelinhas que medeiam entre o ligeiro e o lírico-erudito, não sendo carne nem peixe: não sendo nada. A letra (valha-me Deus!) tinha coisas como esta: **«Tremem no seu ninho as avezinhas» e «crescem, nos seus ninhos as andorinhas»**.

Voltou, a seguir, **Florbela**, no papel de uma senhora bondosa, que «faz o bem sem olhar a quem». Mal Florbela abandonou o palco, entrou **Luís Filipe Costa** para entrevistar o eng. **Mota Maia**, director do Centro de Intercâmbio e Turismo Universitário. Esta organização foi definida pelo seu director como sendo **«de e para a Juventude»**. Ficamos a saber que:

O CITU tem sete anos e tem trabalhado em todas as formas de turismo e intercâmbio para a juventude».

Que: **«Também desenvolve a correspondência entre jovens com interesses idênticos».**

(Aqui, Luis Filipe Costa interrompe: **«Literatura, selos...»**. Mota Maia concorda: Literatura e selos, claro, embora outras coisas, também).

O CITU, embora «universitário», abarca também estudantes do ensino secundário.

Ia longa a conversa, mas a espera justificava-se. Faltava **Andeanne**, de seu verdadeiro nome Anneke Konings, uma autora-intérprete holandesa que pede meças às estrelas que anteriormente estiveram em «Domingo à noite»: boa voz, bom sentido melódico nas suas composições, boa executante de viola. Andeanne valeria a espera. Entrevistada por Maria Margarida (**«ainda há contestatários na Holanda?»** E a holandesa a responder: **«Claro! Como em toda a parte!»**), Andeanne disse, por música: **«Sejamos felizes, sejamos livres/ nós sabemos que podemos mudar as coisas»**.

NUNO GOMES DOS SANTOS

ANDEANNE: "VOLTAREI PARA CONHECER PORTUGAL"

«Cantar é a minha maneira de ser feliz»

Andeanne, como seus onze irmãos, aprendeu a gostar de música desde sempre. Seu pai era professor de música e **«Toda a gente cantava lá em casa»**.

Autora de grande parte das canções que interpreta, vimo-la no «Festival dos Dois Mundos» há tempos realizado no S.Luiz e, desde essa latura, soubemo-la senhora de uma preocupação melódica e de letras muito acima das «vedetazinhas-com-sabor-a-mofo» que nos vão visitando regularmente. Para além disso, Andeanne toca bem viola. E gosta, sempre, mais das últimas coisas que faz:

«A canção que mais gosto é sempre a última que faço. Estamos em constante mudança e a última canção está, sempre, mais perto de mim».

Holandesa, Andeanne canta em inglês. Porquê?

«Porque, aqui, se eu cantar em inglês há algumas pessoas que percebem o que eu digo. Creio que, se cantasse em holandês, ninguém me entenderia. Na Holanda canto muito em holandês».

Quando não canta composições suas, Andeanne prefere as de Leonard Cohen e as de Don Rosenbaum, um holandês que **«é muito bom»**.

Quanto a Rosenbaum, ficamos na mesma, mas não se pode dizer que o fiquemos em relação a Cohen. Não é por acaso que ele é, talvez o melhor poeta vivo do Canadá.

Se Andeanne merece sem sombra de dúvida, nota positiva como autora-intérprete, como pessoa ainda o merece mais. Isso é importante, até porque «isto está tudo ligado». Ela partiu, já, para o seu país. Mas volta:

«Quero voltar. Quero conhecer o vosso país, conhecer as pessoas, ver com os meus próprios olhos o que, de longe, mal conheço».

Alguém se ofereceu para cicerone. Resposta pronta:

«Não! Não quero! Vocês só nos mostram o que vos interessa. Eu quero viver um pouco com as pessoas, quero conhecê-las. Não quero que arrumem a casa para receber a visita.»

CINEMA

"OS CAMISARDOS": A LUTA ENTRE O VELHO E O NOVO

. «Os Camisardos», filme de René Allio actualmente em exibição no Cinema Estúdio, é, antes de mais nada, um estudo sobre a liberdade de consciência, uma história sobre o eterno combate entre o Velho e o Novo. Pelo menos, esta é a ideia que o realizador transmitiu acerca da sua obra, quando entrevistado pela revista «Jeune Cinema», em Novembro de 1971. São estas as suas declarações:

. JC — O que é que o interessou na história dos Camisardos?

. **ALLIO — Não tanto o problema religioso, mas um determinado momento da História, em que uma comunidade de homens, uma minoria, sofreu uma opressão que pretendia desenraizá-la da sua própria cultura. Nessa época, a ideologia protestante jogou um papel revolucionário que colocava as premissas da revolução burguesa de 89. Porém, o comportamento dos Camisardos durante vinte anos de opressão — quer dizer, a necessidade de pegar em armas para defender a vida, a liberdade, o pensamento, a cultura — , é um processo mais antigo: a guerra dos Camisardos não é a primeira guerra popular, a primeira guerrilha. E esse mesmo processo descobre-se também em obras dos nossos dias; mesmo se os homens que se batem hoje, nas diversas partes do planeta onde existem combates semelhantes, o fazem por ideologias mais contemporâneas, eles incarnam, no entanto, o mesmo combate que foi o dos Camisardos no seu tempo, pois esta é uma guerra que nunca deixou de se dar no curso da História: o combate do Novo contra o Antigo. O processo que quer que toda a forma de opressão proteja os privilégios e seja justificada por uma ideologia mais conservadora do que a dos oprimidos. E é isto que nós vemos funcionar em cheio na guerra dos Camisardos. A este nível, ela parece-se, sob muitos aspectos, com a guerra do Vietname, mesmo se, aí, são outras as opressões e os privilégios a serem postos em causa.**

A GUERRA DOS CAMISARDOS

Deixando de lado, por um instante, a entrevista de René Allio, o que foi a Guerra dos Camisardos? A sua crónica pode ser resumida em poucas palavras: Em 1598, por meio do Édito de Nantes, o rei Henrique IV concedeu aos protestantes de França a liberdade de consciência, regulamentando as condições jurídicas do seu modo de vida no reino e, a partir daquele momento, na sua próspera comunidade.

Sem maiores problemas desde então, a vida corre tranquila para esta minoria religiosa até ao Século XVII, quando sobe ao trono de França o rei Luís XIV, que passa a incarnar uma tendência que já se registava no reino, ou seja, a da unidade. Por outras palavras, o pluralismo até então existente, passou a ser dominado por um pensamento oficial que logo tratou de unificar, sob a sua batuta, a arte, a religião, a política. E assim, no dia 18 de Outubro de 1685, Luís XIV revoga o Édito de Nantes.

Com esta medida a comunidade conhece o caos. Os protestantes devem renunciar ao seu culto, aos seus pastores ou abandonar o país. Os seus templos são destruídos. O chicote, as galeras, a forca e o confisco dos bens punem os recalcitrantes. E a França protestante faz-se católica. Opera-se o milagre da unânimidade.

Aqui, pode dizer-se, começa a epopeia dos Camisardos. Primeiro é a emigração: recusando-se a renegar a sua religião, e desejando escapar à perseguição, milhares de famílias deixam a França refugiando-se na Inglaterra, Holanda e Suiça. Porém, como em outros casos semelhantes, há os que ficam. As famílias Cévennes e Languedoc formam o núcleo dos que decidem permanecer e resistir. Passados os primeiros momentos da repressão, outras famílias juntam-se a eles, recusando não apenas abandonar o país, mas também regeitando aquilo que eles chamam de «a verdade papista».

Resistindo em nome da liberdade de pensamento (ou consciência), dedicam-se, na clandestinidade, ao seu culto. Surgem novos pastores e ministros que acabam, como hereges, na fogueira. Homens e mulheres abandonam as suas casas para irem viver, livres, nas montanhas. São perseguidos, presos e enviados para as galeras. Jovens profetas aparecem por toda a parte. São tratados como eram tratados, pela inquisição, os feiticeiros. Isto é, acabam na fogueira.

Essa situação dura dezassete anos, nos quais as duas posições se tornaram cada vez mais rígidas. De um lado, o rei, que recusa qualquer concessão. Do outro, as vítimas, que recusam renegar às sua religião. Síntese: fartos de serem vítimas e não vendo nenhuma possibilidade de recuperarem a liberdade perdida, os protestantes passam a massacrar os seus carrascos.

A guerra está a começar: no dia 24 de Julho de 1702, Gedeon Laporte, Abraham Mazel, Esprit Séguier e outros amotinados, matam o arcebispo de Cévennes, massacram os habitantes de um castelo, queimam duas igrejas e assassinam alguns padres. O capitão Poul, comandante da guarnição de Barre-des-Cévennes persegue-os. Pronto começou a guerra dos Camisardos.

E esta guerra vai durar cerca de três anos. Passados os primeiros combates, as forças do estabelecimento são obrigadas a mobilizar um exército cada vez mais numeroso, comandado por generais cada vez mais ilustres, como o conde de Broglie, o marechal de Montrevel ou o marechal de Villars.

Mas a guerra revolucionária continua. Explorando o terreno e as fraquezas dos seus adversários, apoiados pela população das montanhas e das aldeias, os protestantes colocam em prática as tácticas da luta travada, através dos tempos, entre os humildes e os seus opressores, onde a inteligência substitui o número e a força, onde a coragem se tornara aliada da paciência e da astúcia.

Contudo, nos primeiros meses, de Agosto a Outubro de 1702, esta guerra não mobiliza grandes forças. Na grandiosa paisagem de Cévennes, enfrentam-se alguns grupos de homens: de um lado os revoltosos, conduzidos por Gedeon Laporte, antigo soldado do rei, acompanhado pelo jovem e inspirado profeta Abraham Mazel, e um grupo de rapazes e raparigas, com idade média de 20 anos. Do outro, a reduzida guarnição de Barre-des-Cévennes, comandada pelo capitão Poul, um velho e experiente soldado, que antes havia corrido por todos os campos de batalha da Europa.

O filme conta a vida e a morte dos homens de Gedeon Laporte, o impacto causado pela sua acção na vida dos nobres da região e as intrigas que provocaram, além da luta propriamente dita, com as emboscadas e as batalhas além dos intervalos entre elas, ocasiões que os jovens revoltados aproveitavam para gozar, por breves instantes, a vida amena e livre pela qual lutavam:

E assim termina «Os Camisardos»: um dia, quase no fim de Outubro de 1702, ao atravessar a ponte de Anduze, Jacques Combassous passa diante das cabeças expostas dos vencidos de Thémelac e resolve juntar-se, nas montanhas, aos revolucionários que haviam decidido continuar a luta.

ESPÍRITO POLÍTICO

Dito o que, podemos voltar à entrevista de René Allio à revista **Jeune Cinema:**

JC — A utilização do diário dos Camisardos e de outros documentos da época influenciou a estrutura do seu filme?

. **ALLIO — Verdadeiramente, não. Tratei de seguir um caminho de pesquisa já presente nos meus filmes anteriores; a de um modo de narração que, através das minhas preocupações ideológicas quando falo da História, procura dar a cada instante ao espectador a sua liberdade de julgamento. Os meus filmes não são «espectáculos» e foi talvez este tipo de pesquisa que me conduziu a uma narrativa como a dos «Journaux Camisards», e não o contrário.**

JC — Fala-se muito nos Camisardos, mas no seu filme, é dado um grande lugar aos seus inimigos. Porquê?

. **ALLIO — Contar um combate sem mostrar quem é o inimigo não é senão falar por meios termos. Os realistas, inimigos dos Camisardos, incarnam precisamente o partido dos privilegiados, das pessoas que têm interesse em manter o «status quo», em forçar o regresso às situações anteriores e no desaparecimento dos protestantes.**

JC — Mas então estamos longe das preocupações plásticas de que nos falou há pouco.

ALLIO — Não o creio. As estruturas da narrativa de que falámos há momentos implicam uma certa organização das formas. Vou, talvez, contra aquilo que está na moda no cinema de hoje, mas quero mergulhar num património cultural que seja nosso. Em primeiro lugar, a língua do Séc. XVII ou do princípio do Séc. XVIII, que é a dos Camisardos, é uma língia muito diferente da que empregavam os nobres. A língua usada pela nobreza fez hoje lembrar o teatro, não porque fosse teatral, mas porque estamos agora habituados a ouvi-la nas peças de Marivaux e de Molière. A língua do Séc. XVII também faz referência a um património que não é propriamente literário, uma vez que não sobreviveu à língua francesa tal como ela nos é mostrada pela literatura da época. Depois há o património da pintura, em particular o dos pintores que retratavam os humildes: certamente Le Nain, que é o pintor que serve de referência ao filme, e depois Cardin e, por instantes, Brueghel. Há ainda uma paisagem francesa: nos filmes o nosso país, na maior parte das vezes, não é mostrado tal como ele realmente é. E uma revolta popular pertence também, creio eu, ao nosso património, porque existe a tradição francesa da luta popular.

ALLIO, UM REALIZADOR

Depois das suas palavras, uma pequena biografia de René Allio. Nasceu em 1924, em Marselha. Antes de iniciar-se no cinema dedicou-se á pintura, realizando exposições em Paris, em 1957 e 1962. Durante esse período, dedicou-se também ao teatro, primeiro em Paris, onde colaborou com algumas companhias de vanguarda e depois, na província, em diferentes Centros de Arte Dramática, concebendo cenários e figurinos para diferentes peças do repertório francês e estrangeiro, e para a criação de peças de Adamov, Vauthier, Ionesco e Alberti.

A partir de 1957, colabora regularmente com Roger Planchon, concebendo a cenografia de todos os espectáculos do Théatre de la Cité, durante vários anos, para peças de Adamov, Brecht, Shakespeare, Molière, Racine, Marivaux, Marlowe, Gogol e Planchon. Por essa mesma ocasião empresta a sua colaboração a alguns grupos teatrais estrangeiros. Em Londres, realiza para Laurence Olivier e William Gaskill a cenografia de vários espectáculos. Em Milão; trabalha com Luigi Squarzina, no Scalla, ocupando-se da cenografia do «Don Giovanni» de Mozart e, no Piccolo Teatro, com R. Maiello e M. Bellochio, para quem executa os cenários do «Marat-Sade» de Peter Weiss.

Através destas actividades, René Allio passa a interessar-se cada vez mais pelos problemas da arquitectura teatral moderna, ficando a pintura em segundo plano dentro das suas preocupações. Também é o teatro o grande responsável pela sua iniciação cinematográfica, forma de expressão que ele procurou por corresponder melhor à evolução das suas preocupações. O seu primeiro trabalho nesse campo foi um filme de animação concebido para a representação de uma obra de Gogol. Em seguida, Allio realiza uma curta-metragem com argumento da sua autoria, rodada em 1963. A partir deste instante, o realizador de «Os Camisardos» não mais deixará de trabalhar para o cinema, prosseguindo uma obra muito pessoal que desenvolve uma temática ligada à necessidade de mudanças sociais profundas na sociedade ocidental. Da sua filmografia constam as seguintes obras: «La Meule», (1963), «La Vielle Dame Indigne», (1965), «L'Une Et L'Autre», (1967) e «Pierre Et Paul», realizado em 1968.

LEIA
motor

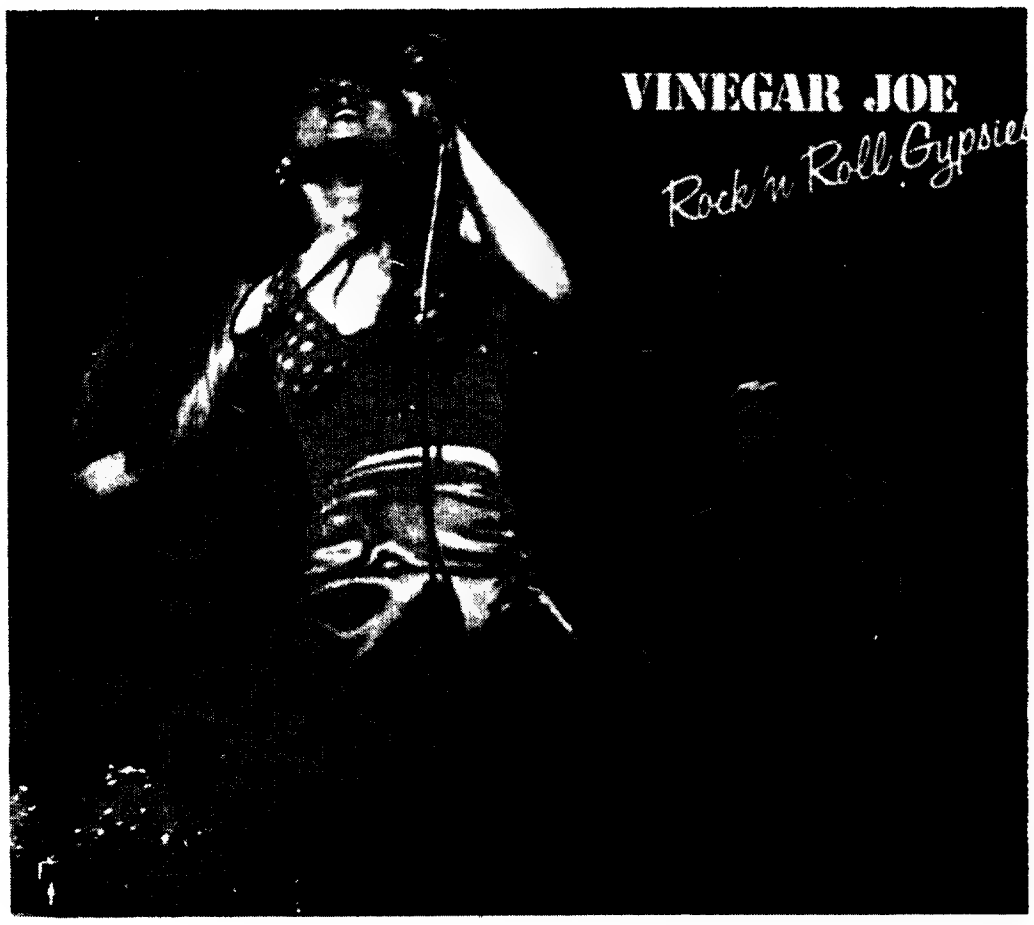
INSTITUTO NACIONAL DE INVESTIGAÇÃO INDUSTRIAL
2ª exposição de design português
até 22 de Março de 1973
dias úteis das 16 às 23 horas
sáb. e dom. das 15 às 23 horas
entrada livre
FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA
NUCLEO DE DESIGN INDUSTRIAL
Calçada de Santos, 3 - 2.º Dto
Lisboa 3
Telef 691340/674728

MÚSICA JOVEM

OS 10 MAIS

Esta é uma semana de surpresas nos «Dez Mais» de Lisboa. Como estava previsto, as musicas que concorreram no recente festival da RTP, deviam aparecer entre as preferidas. Tal não aconteceu. Das dez concorrentes, apenas «Tourada» e «É Por Isso Que Eu Vivo», as duas primeiras colocadas, caíram no gosto popular. De resto, no segundo posto, aparece «Montanha», do brasileiro Roberto Carlos. Enfim, da consulta que fizemos nas discotecas Universal, Carlo, Vapedrone, Melodia, Sassetti e Valentim de Carvalho, pudemos elaborar o seguinte quadro:

1	**«Tourada»** (9) Fernando Tordo	6	**«Hello my Love»** (-) Theo Vanes
2	**«Montanha»** (-) Roberto Carlos	7	**«Morning Has Broken»** (-) Cat Stevens
3	**«Crocodile Rock»** (4) Elton John	8	**«Clair** (-) Gilbert O'Sullivan
4	**«E por isso que eu vivo»** (3) Paco Bandeira	9	**«We belive in Tomorrow** (-) Freddy Breck
5	**«You Are so Vain»** (-) Carly Simon	10	**«Paroles... Paroles»** (-) Dalida e Alain Delon



POESIA & ROCK

. 1. «Ary Por Si Mesmo»: eis um disco diferente, lançado na passada sexta-feira no auditório da Sassetti. Aqui, o poeta diz os seus próprios poemas, que nos aparecem, portanto, com toda a carga emocional e poética do autor de «Retrato do Povo de Lisboa», com toda a verdade do «Auto-retrato».

. .Muito bem encenado, musicalmente, por Manuel Jorge Veloso, que soube compreender até às últimas consequências a intenção do poeta, «Ary Por Si Mesmo» vem pôr os pontos nos «ii» em relação a uma qualidade que «certas pessoas» fazem questão de não considerar. Eis um trabalho a não perder.

. .2. «Rock'n Roll Gypsies», o «LP» dos «Vinegar Joe», chegou agora a Portugal. Trata-se de um bom trabalho do grupo que recentemente nos visitou e que obteve invulgar êxito na sua apresentação no Monumental. Neste álbum revemos aquela actuação mas, desta feita, em condições óptimas de som, as quais estiveram longe de se verificar no espectáculo ao vivo. Bastante equilibrado, o «LP» tem os seus pontos mais altos no conhecido «So Long», em «Rock'n Roll Gypsies» e em «Angel», a célebre composição de Jimmy Hendrix, também já gravada por Rod Stewart.

. .A qualidade deste disco é francamente positiva.

No estrangeiro

. LONDRES — Dois dos nomes de maior prestígio no panorama britânico da **Pop-Music**, Slade e T. Rex, acham-se firmemente entrincheirados esta semana no topo dos «Dez Mais» de Londres.

Prontos a desafiá-los encontram-se dois astros americanos com uma fama formidável — **Roberta Flack e Donny Osmond.**

«Cum On Feel The Noize», de Slade, continua a ocupar a posição cimeira em Londres e T. Rex, com «20th Century Boy» apareceu na semana passada, vindo não se sabe de onde, para conquistar o segundo lugar.

Os dois maiores rivais dos Estados Unidos aproximam-se suavemente. Donny Osmond revive uma balada que foi um sucesso tremendo há anos, «The Twelfth Of Never», enquanto Roberta Flack confia no seu êxito «Killing Me Softly With His Song», que a levou já ao primeiro lugar da tabela de Nova York.

Os Moody Blues são o último conjunto britânico a surgir na tabela de classificação dos Estados Unidos, com o seu novo disco «I'm Just A Singer In A Rock And Roll Band».

Contudo, uma jovem que os podia vencer na luta para chegar ao topo é Gladys Knight, que tem obtido recentemente alguns sucessos bem merecidos. O seu último disco é «Neither One Of Us».

A seguir, os **Top-Ten»** da semana em centros mundiais escolhidos, com a classificação da semana passada entre parêntesis:

LONDRES

1 (1) . «Cum On Feel The Noize»: Slade
2 (__) . «20th Century Boy»: T. Rex
3 (9) . «Feel The Need In Me»: Detroit Emeralds
4 (3) . «Cindy Incidentally»: Faces
5 (10) . «Hello Hurray»: Alice Cooper
6 (2) . «Part Of The Union»: Strawbs
7 (__) . «Killing Me Softly With His Song»: Roberta Flack
8 (__) . «The Twelfth Of Never»: Donny Osmond
9 (7) . «Baby I Love You»: Dave Edmunds
10 (4) . «Blockbuster»: Sweet

NOVA YORK

1 (1) . «Killing Me Softly With His Song»: Roberta Flack
2 (3) . «Love Train»: O'Jays
3 (4) . «Last Song»: Edward Bear
4 (2) . «Dueling Banjos»: Deliverance Soundtrack
5 (6) . «Also Sprach Zarathustra»: Deodata
6 (9) . «The Cover Of Rolling Stone»: Dr. Hook And The Medicine Show
7 (8) . «Daddy's Home»: Jermaine Jackson
8 (__) . «I'm Just A Singer In A Rock And Roll Band»: Moody Blues
9 (__) . «Neither Of Us»: Gladys Knight And Pips
10 (__«Danny's Song»: Anne Murray

HONG-KONG

1 (1) . «I Won't Last A Day Without You»: The Carpenters
2 (6) . «You're So Vain»: Carly Simon
3 (7) . «Relay»: The Who
4 (2) . «Sweet Surrender»: Bread
5 (3) . «Dreidel»: Don McLean
6 (4) . «Alive»: The Bee Gees
7 (__) . «It Never Rains In Southern California»: Albert Hammond
8 (5) . «I Never Said Goodbye»: Engelbert Humperdinck
9 (__) . «Magic Woman Touch»: The Hollies
10 (8) . «A Brand New Song»: Cliff Richard

BONA

1 (1) . «Blockbuster»: Sweet
2 (__) . «Dreams Are Ten Penny»: Kincade
3 (2) . «Crocodile Rock»: Elton John
4 (3) . «Rock Me Baby»: David Cassidy
5 (6) . «Mein Schatz Du Bist»: Chris Roberts
6 (7) . «You're So Vain»: Carly Simon
7 (10) . «Ein Festival Der Liebe»: Juergen Marcus
8 (4) . «Delta Queen»: Ricky Shayne
9 (__) . «Mama Loo»: Les Humphries Singers
10 (5) «Solid Gold Easy Action» T. Rex

AMSTERDÃO

1 (1) . «Go Like Elijah»: Chi Coltrane
2 (2) . «Yellow Boomrang»: Middle Of The Road
3 (__) . «Down By The Lazy River»: The Osmonds
4 (__) . «Killing Me Softly With His Song»: Roberta Flack
5 (8) . «Maybe Tomorrow, Maybe Tonight»: Earth And Fire
6 (3) . «Bianca»: Freddy Breck
7 (4) . «Do You Wanna Touch Me»: Gary Glitter
8 (7) . «The Jean Genie»: David Bowie
9 (__) . «My Girl Donna»: Buffoons
10 (__) . «Cum On Feel The Noize»: Slade

ESTOCOLMO

1 (1) . «Ring Ring»: Bjoern And Benny
2 (3) . «Mexico»: Les Humphries Singers
3 (__) . «Cotton Jenny»: Jerry Williams And Alarm
4 (2) . «Crocodile Rock»: Elton John
5 (7) . «Haala Du Gamla Indian»: Jigs
6 (6) . «Sofia Dansar Go-Go»: Stefan Ruden
7 (9) . «Jambalaya»: The Blue Ridge Rangers
8 (5) . «Hi, Hi,Hi»: Wings
9 (8) . «Sixteen Tons»: C.C.S.
10 (4) . «Feliz Navidad»: José Feliciano

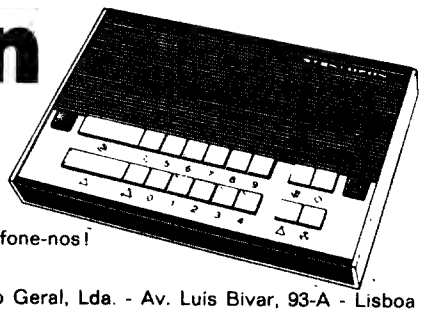
a Scotland Yard, o Rádio Luxembourg e a Companhia de Seguros Fidelidade, resolveram os seus probemas de intercomunicação

- de uma vez para sempre!

Lisboa 42124 713470 Porto 483598 Faro 24338 Portimão 22954

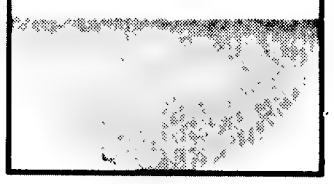
Stentofon
Sistemas de intercomunicação

Os nossos clientes compararam preços, qualidade e possibilidades e resolveram o seu problema de intercomunicação com o custo de uma chamada telefónica. Telefone-nos!



POLIPRODUTOS, Representações e Comércio Geral, Lda. - Av. Luís Bivar, 93-A - Lisboa

MÚSICA



JAZZ EM EXPOSIÇÃO

..**«Eu sempre defendi que a divulgação do Jazz não deve ser feita apenas ao nivel do som».**

José Duarte, um homem de parabéns: sete anos de Jazz distribuidos diáriamente por cinco minutos na programação de Rádio Renascença. Mentalmente cantamos «parabens a você», sincopado como convém, e deixamo-lo continuar:

..**«Durante muito tempo o Jazz foi, apenas, divulgado entre nós através da rádio. Esporádicamente, apareciam coisas na imprensa. Quando começaram a haver concertos, aí a divulgação do Jazz começou a ser francamente positiva. Parece-me que, para se ter uma apreensão total do que é o fenómeno do Jazz, se deve ter a possibilidade de recorrer a vários tipos de informação, nomeadamente bibliografia e imagem. Não só exclusivamente de Jazz, mas de tudo o que o enquadra, nos aspectos sociais».**

Começámos a entrar directamente no assunto motor da nossa conversa: a Exposição sobre Jazz que decorre na Galeria Opinião e que é um dos acontecimentos desta comemoração do sétimo aniversário das emissões dos «5 Minutos de Jazz».

«Saber-se, por exemplo, como os negros chegaram à América e o que estão lá a fazer há mais de um século é muito importante para a compreensão do fenómeno Jazz», continua José Duarte. **«Quem são as pessoas que fazem o Jazz, onde vivem, como vivem. O conhecimento, a tomada de contacto com estes problemas pode fazer-se através do tipo de documento visual que se utiliza na Exposição da Opinião».**

Um concerto e a exposição que agora decorre assinalam os sete anos de Jazz a (mais de) cinco minutos. A Sassetti, a Rádio Renascença e a Livraria Opinião associam-se ao aniversário da única rubrica de Jazz actualmente existente na rádio portuguesa.

«A exposição procura, portanto, colocar, de certo modo, o Jazz rodeado daquilo que lhe diz respeito. Consta, por isso, de discos, fotografias, livros, revistas, indicações discográficas e bibliográficas. Há, por exemplo, uma parte dedicada ao «Ghetto»: as pessoas compreendem melhor a música que os negros fazem se conhecerem o local onde os negros habitam. Na exposição referem-se factos relacionados com a mesma luta de sempre dos negros americanos, que foi revestindo, através dos tempos, características diferentes, como, por exemplo, nos Jogos Olímpicos do México, a atitude de alguns atletas negros. Tudo isto tem muito a ver com o Jazz, com uma cultura que produz esse tipo de música. Há que evitar a cultura especializada, ou melhor compartimentada e, portanto, coxa».

A finalizar, José Duarte ainda nos disse:

. **«Está a acontecer, efectivamente, um verdadeiro clube de Jazz. Pena é que só dure enquanto houver exposição».**

Tordo: dez mil discos numa semana

O êxito da Tourada (canção de Ary dos Santos e Fernando Tordo) está a aferir-se, totalmente, muito para além do primeiro lugar no Festival da Televisão. Agora são as estações de rádio a consagrá-la e, o que é mais significativo, a procura dos compradores de discos.

Só na primeira semana de vendas (de 5 a 12 do corrente) o disco de Fernando Tordo vendeu 10.000 exemplares. Em tão curto espaço de tempo e para um só acetato estes números começam a assemelhar-se a um «record».

A tal ponto a procura foi intensa que os discos com a «Tourada» e «Carta de Longe» se esgotaram em muitas discotecas. A produtora continua a fabricar e distribuir mais uns milhares de exemplares sendo crível que até ao Festival da Eurovisão atinja os vinte mil tranquilamente.

CORREIOS E TELECOMUNICAÇÕES DE PORTUGAL

RETIRADA DA CIRCULAÇÃO DE SELOS POSTAIS DE VÁRIAS EMISSÕES E TAXAS

Pela Portaria n.º 48/73, publicada no «Diário do Governo» n.º 19-1.ª Série, de 23 de Janeiro findo, foi fixada a data de 31 de Março de 1973 como último dia de validade postal dos seguintes selos postais:

- *VI Congresso Internacional para a Defesa da Civilização Cristã:* 1$00 — 3$30 — 5$00.
- *40.º Aniversário da Revolução Nacional:* 1$00 — 3$50 — 4$00.
- *VIII Centenário da Reconquista da Cidade de Évora:* 1$00 — 8$00.
- *Ponte Salazar:* 1$00 — 2$50 — 2$80 — 4$30.
- *Europa-66:* 1$00 — 3$50 — 4$30.
- *Cientistas Portugueses:* $20 — $50 — 1$00 — 1$50 — 2$00 — 2$50 — 2$80 e 4$30.
- *II Centenário do Nascimento de Bocage:* 1$00 — 2$00 — 6$00.
- *Europa-67:* 1$00 — 3$50 — 4$30.
- *Cinquentenário das Aparições de Fátima:* 1$00 — 2$80 — 3$50 — 4$00.
- *Novo Código Civil Português:* 1$00 — 2$50 — 4$30.
- *Novo Estaleiro Naval de Lisboa (Margueira):* 1$00 — 2$80 — 3$50 — 4$30.
- *VI Congresso Europeu de Reumatologia:* 1$00 — 2$00 — 5$00.
- *EFTA:* 1$00 — 3$50 — 4$30.
- *Centenário da Abolição da Pena de Morte em Portugal:* 1$00 — 2$00 — 5$00.

Desta forma, os referidos selos nenhum valor postal terão se forem afixados depois daquela data, daí resultando que as correspondências ou encomendas postais que os exibirem serão consideradas como não franquiadas.

Chama-se, portanto, a atenção do público para os inconvenientes que daí podem resultar.

Lembra-se ainda que os mesmos selos podem ser trocados por outros que estejam em vigor, desde que se não verifique qualquer dos impedimentos cominados no parágrafo 2.º do Art.º 40.º do Decreto-Lei N.º 42417 de 7 de Julho de 1959, nas Estações dos CTT do Terreiro do Paço, em Lisboa, Município, no Porto, Coimbra, Funchal e Castelo Branco e nas Tesourarias da Fazenda Pública dos restantes concelhos até 31 de Outubro de 1973.

VÁ AO TEATRO !!!

VASCO MORGADO recomenda os seus espectáculos

TEATRO Tel. 32 60 17

VARIEDADES

32.ª SEMANA

Grupo C M/ 14 anos

com **JOSÉ VIANA**

no protagonista

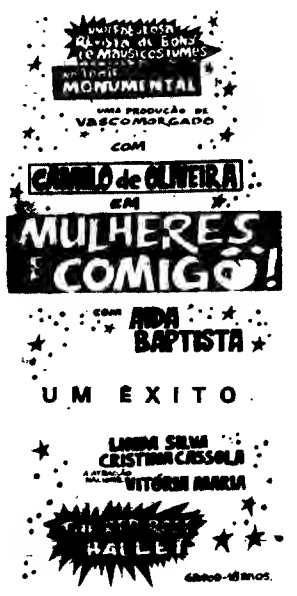
com

DORA LEAL (revelação da temporada 72-73), Henrique Viana, Luís Santos, Manuela Cassola, Maria Otília, Vítor de Sousa, Luís Pinhão, Cândido Mota, Carlos Rosa, Joaquim Miranda, António Semedo, Ana Le Mattre, Jorge Nascimento e a colaboração de MARIA PAULA

2.ª e 4.ª feira: 21.45 h.
5.ª, 6.ª e Sábado: 2 sessões: 20.45 e 23 h.
Domingo: 16 e 21.45 h.

HOJE

2 Sessões: às 20.45 e às 23 h.
Telefone do teatro: 55 51 33



DOMINGO «matinée» às 16 horas

TEATRO Tel. 32 74 93

CAPITÓLIO

12.ª SEMANA

Grupo D M/ 18 anos

Uma comédia inglesa com FLORBELA QUEIROS

Sexo, nunca! somos britânicos...

No elenco
IRENE ISIDRO
Carlos Duarte, Jorge de Sousa Costa, Norberto de Sousa, Fernanda Franco, Mariano, Fátima Miranda e, pela primeira vez em comédia OCTÁVIO DE MATOS

Encenação de Maria Helena Matos

2.as, 3.as, 5.as e 6.as feiras: 21.45
4.ª feira: Descanso da C.ª
SÁBADOS, 2 SESSÕES: 20.45 e 23 H.
DOMINGO: «matinée» às 16 h. e à noite, 21.45 h.

ARMANDO FERNANDES AGRADECE A TODOS OS SEUS CLIENTES E AMIGOS O ABRAÇO E APOIO QUE LHE DERAM NO SEU NOVO ESTABELECIMENTO **RAIO DE SOL,** NO LARGO D. ESTEFÂNIA, N.º 12-D E, COMO TAL, ATÉ AO FIM DO MÊS, VENDE!...

TELEVISORES desde 2.500$00

(oferta de antenas para os 2 canais)

ESQUENTADORES desde 990$00

MÁQUINAS DE LAVAR desde 4.500$00

RAIO DE SOL (DO GRUPO JOVICA)

LARGO DE D. ESTEFÂNIA, 12-D — LISBOA

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

Sede: Calçada do Duque, 20 LISBOA

ADMINISTRAÇÃO

PAGAMENTO DO JURO DE OBRIGAÇÕES RELATIVO AO SEMESTRE DECORRIDO DE 1 DE OUTUBRO DE 1972 A 31 DE MARÇO DE 1973

São avisados os portadores das seguintes obrigações de que o pagamento do juro relativo ao semestre decorrido de 1 de Outubro de 1972 a 31 de Março de 1973, será efectuado a partir de 1 de Abril p.º f.º, aos seguintes preços:

Emissão C. P. 4,5% — 1965
Esc. 22$50 — para os títulos ao portador e nominativos

Emissão C. P. 4,5% — 1966
Esc. 22$50 — para os títulos ao portador e nominativos

Emissão C. P. 5,5% — 1967
Esc. 27$50 — para os títulos ao portador e nominativos

O pagamento efectuar-se-á:

para os títulos ao portador (cupão)

na Sede da Companhia
no Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa
no Banco Fonsecas & Burnay, em Lisboa e Porto
no Banco Totta & Açores, em Lisboa e Porto
no Banco Pinto & Sotto Mayor

para os títulos nominativos

na Sede da Companhia
na Filial do Banco Fonsecas & Burnay, no Porto

O pagamento na Sede da Companhia, **efectua-se todos os dias úteis, desde as 10 horas às 13 horas e aos sábados das 10 às 11 horas.**

Lisboa, 8 de Março 1973

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

ENGENHEIRO

ALBERTO PEDROSO DE MELLO SANTOS

MISSA DO 7.º DIA

Dona Luciana Fernandes Ferro de Mello Santos e mais família, participam que será celebrada missa pelo seu eterno descanso, amanhã, dia 19, pelas 18,30 na Igreja de S. Sebastião da Pedreira, agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignem assistir a este piedoso acto.

GRUPO D
18 ANOS

abril em portugal

RUA DAS TAIPAS, 6 - 8

Anuncia a sua abertura, com nova gerência e totalmente remodelado, no

DIA 20 (terça-feira)

FADO E FOLCLORE EM NOVA DIMENSÃO
numa casa inédita em Portugal

ADA DE CASTRO

ALCINDO DE CARVALHO e JOÃO QUEIRÓS (fado de Coimbra), conjunto folclórico sob a direcção de «TONI»

À guitarra, PARREIRA
À viola, GONÇALVES

Esmerado serviço de restaurante
Pratos regionais

ROSA MARIA

TEATRO MUNICIPAL DE SÃO LUIZ

TEMPORADA DE CONCERTOS 1972/73 — 3.º TRIMESTRE

ORQUESTRA FILARMÓNICA DE LISBOA

5.ª-feira, 12 de Abril 21,45 h.
Domingo, 15 de Abril 16 h.
ABERTURA ELEONORE
Beethoven
CONCERTO PARA VIOLONCELO
Elgar
SINFONIA n.º 2
Brahms
Maestro: Richard Schumaker
Violoncelo: Clélia Vital

5.-feira, 26 de Abril 21,45 h.
Domingo, 29 de Abril 16 h.
MAGNIFICAD EM RÉ
Bach
GLÓRIA
Poulenc
Maestro: Manuel Ivo Cruz
Soprano: Elsa Saque
Coro Gulbenkian

6.ª-feira, 11 de Maio 21,45 h.
Domingo, 13 de Maio 16 h.
ABERTURA DE «As Bodas de Figaro»
Mozart
CONCERTO
Schumann
SINFONIA n.º 8 (Inglesa)
Dvorak
Maestro: Roman Dostal
Piano: Maria João Pires

5.ª-feira, 24 de Maio 21,45 h.
Domingo, 27 de Maio 16 h.
SINFONIA n.º 1
Shostakovitch
CONCERTO KV 466
Mozart
CONCERTO EM SOL MAIOR
Ravel
Maestro: Jacques Singer
Piano: Roland Keller

5.ª-feira, 7 de Junho 21,45 h.
Domingo, 10 de Junho 16 h.
ABERTURA
Silva Pereira
2.º CONCERTO
Chopin
SINFONIA n.º 4
Schumann
Maestro: Manuel Ivo Cruz
Piano: Tania Achot

5.ª-feira, 21 de Junho 21,45 h.
Domingo, 24 de Junho 16 h.
SINFONIA JUPITER
Mozart
SINFONIA n.º 2
Beethoven
CONCERTO PARA 2 PIANOS
Poulenc
Maestro: Gerhard Wimberger
Piano: Teresa Vieira e Fernanda Salema

5.ª-feira, 29 de Março 21,45 h.
Domingo, 1 de Abril 16 h.
CONCERTO REVELAÇÃO

ASSINATURAS: de 19 a 23 de Março
VENDA AVULSO: a partir de 24 de Março
Tarde: Grupo A — M/ 6 anos
Noite: Grupo B — M/ 10 anos

1.º Quinzena de Maio: ESPECTÁCULOS EXTRAORDINÁRIOS
GRUPO DE BAILADO DE ANNA MÁSCOLO

Festival do filme turístico: mais um

Lauro António

Entre 9 e 13 do corrente, na Sala de cinema do Palácio Foz, assistiu-se à projecção das obras em concurso que participaram no IV Festival Internacional do Filme Turístico, uma organização do jornal **Publituris**, com o patrocínio da Direcção Geral do Turismo, Direcção Geral da Cultura Popular e Espectáculos e da Câmara Municipal de Lisboa, bem assim como com a colaboração da Cinemateca Nacional.

Entre os filmes exibidos a concurso, contavam-se cerca de quarenta obras, das quais oito de origem portuguesa e as restantes com diversas proveniências: Grécia, Itália, Filipinas, Suécia, Austria, Escócia, Canadá, Estados Unidos da América, França, Israel, Inglaterra, Suíça, Alemanha Federal, Espanha, Africa do Sul, Bélgica e Austrália. Foram, todavia, muito poucos os filmes apresentados a concurso que se fizessem notar pela sua originalidade, pelo talento da sua realização ou pelo anticonformismo dos propósitos, o que parece demonstrar que certames como este só assumem interesse particular para os profissionais, e sobretudo para as entidades promotoras do turismo.

Da produção nacional nada de muito brilhante haverá a salientar. Para lá dos lugares comuns próprios ao cinema garrido e «folclórico» de Francisco Saalfeld (que concorreu com **Bago de Ouro** e **Museu Nacional dos Coches**), para lá de obras de compromisso, como o são **Estoril** — Costa do Sol, de Fernando Matos Silva ou **Quiçama** — **Natureza e Fauna**, de Elso Roque (primeiro trabalho como realizador), para lá do atestado de adestramento técnico que constituíem películas como **Angola**, de António Escudeiro ou **Cenas de Caça no Baixo Alentejo**, de António Macedo, para lá da competência oficial dos filmes de publicidade (representados por **Torralta-Turismo** e **Torralta** — **Sincopado**, ambos de João Mendes), para lá de tudo isto, cinema português que valesse a pena só o vimos na sessão de encerramento, onde foi projectado, extraconcurso, um belo documentário de cinema directo, filmado em 16 milímetros, por António Campos — **A Almandraba Atuneira**, rodado na ilha da Abóbora, no Algarve, acompanhando a vida e a actividade dos pescadores do atum. De Março a Setembro, os barcos saem para o mar, arrecadando o pescado, num estilo de **companha** que, hoje em dia, quase desapareceu. O filme, datado de 1962, foi produzido a expensas do seu autor, sem qualquer subsídio, que viveu largos meses entre os pescadores da ilha, com eles convivendo e deles colhendo imagens que respiram serenidade e luta, documentando esforço por vezes epopaico (mas nunca demagógico) que António Campos consegue captar com grande humildade, perante o material filmado, e um enorme respeito. Aqui e ali, a lição de Eisenstein é por demais evidente. Um belo filme que, curiosamente, foi exibido **extra concurso.** Um dos poucos filmes, todavia, que poderia cumprir, a preceito, a definição adoptada para filme de «propaganda turística»: **«Filme de propaganda turística: qualquer filme especialmente concebido e realizado para tornar conhecidos os diferentes aspectos e atracções da vida de um país, de uma cidade, ou de uma região, inspirando-o nas suas belezas naturais e no seu património artístico, folclórico e cultural. (...) Um filme de propaganda turística deve ser, simultâneamente, característico, autêntico e verídico. Deve possuir suficientes qualidades técnicas para assegurar a sua melhor utilização nos circuitos cinematográficos privados e comerciais.»** **A Almadraba Atuneira** é cinema autêntico, verídico, característico, profundamente inspirado no património cultural, etnográfico e humano de uma região. Assim fossem, sem metira, nem falsa ostentação, todos os filmes ditos «turísticos».

Entretanto (e deixando de lado uma dúzia de outros filmes considerados **informativos,** que pouco ofereceram, num plano cinematográfico), retira-se o aspecto mais importante deste IV Festival Internacional do Filme Turístico e que foi, globalmente, a sua secção **retrospectiva,** onde este ano se homenageou John Grierson (1929-1972), apresentado uma retrospectiva de alguns dos seus trabalhos, quer como realizador, quer como produtor. Viram-se assim meia dúzia de obras que são hoje consideradas **clássicos** do documentarismo, entre elas **Drifters** (1929), do próprio Grierson; **Mail** (1936), de Basil Wright e Harry Watt; **Song of Ceylon**, (1943) de Brasil Wright e **Colour Box**, (1935), de Len Lye. Outras películas do período em que Grierson esteve à frente do Nacional Film Board, do Canadá, documentam outra etapa da actividade deste importante cineasta.

Extremamente sugestiva e ampla mostra das potencialidades presentes da animação britânica foi ainda facultada ao público que ocorreu às sessões do Palácio Foz. Filmes de Richard Williams (**A Chrismas Carol**), de Goerge Dunning (**Damon the Nower**), de Joy Batchelor e John Halas (**Linear Programming** e **Wotdot**), de Vera Linnecar (**Trendstter**, **A Cat is a Cat, I'mm Glad You Asked that Question**), de Tony Cattaneo (**The Fairy Story** e **I Love You**) e de George Borzyskowki (**Cristal** e **Square**) constituíram óptimo panorama dos caminhos actuais da animação inglesa.

Também o documentarismo belga esteve presente, não de forma tão brilhante como no ano passado, mas ainda com obras de certo interesse. Importante foi ainda a projecção de **Alleman**, do holandês Bert Haanstra.

O juri, desfalcado de um elemento, foi composto pelos ingleses Forsythh Hardy e Marlena Frick, pelo belga Francis Bolen e pelo português José Carrasco e atribuiu os seguintes prémios:

«Sol de Ouro», a **«À Paris»**, do francês Robert Menegoz; **«Sol de Prata»** a **Angola**, de António Escudeiro; **«Sol de Bronze»**, à película italiana **De Costa a Costa** de Guido Guerrasio. Entre as diversas **menções honrosas** que couberam a filmes da Suécia, Canadá, Escócia, Itália, Austria e Estados Unidos, mais duas obras portuguesas: **Quicama**, de Elso Roque e **Cenas de Caça no Baixo Alentejo**, de António Macedo. **Torralta-Sincopado** (Portugal) e **Mosaico de Canciones** (Espanha) alcançaram ainda os prémios especiais dos jornais **Publituris** e **What's on in Lisbon**.

Pintura de Maluda

Um novo caminho

Maluda era uma retratista: aasinalável pelo desenho e pelo colorido voluptuosos, pela delicadeza e pela alegria, por um certo ritmo e dinamismo que desde logo a apartavam dos pintores de «brio» puramente aristocrático, produzindo apenas para uma alta finança atrasada no gosto. Os tempos mudaram, ainda que só à superfície, e Maluda, que tornou a Moçambique, sua terra, andou por Paris, por Londres, pelo Mundo, como diria o António Nobre, e que possui um olhar curioso, inteligente, atento às coisas, aparece-nos agora como metamorfoseada, com um inesperado sentido do mágico no mais depurado, rigoroso, paisagismo abstracto.

Os quadros que em breve vai expôr numa das principais galerias de Lisboa são, à primeira vista, panoramas de telhados, trechos de casario (em tons geralmente neutros: verdes, amarelos ácidos, tijolo, vermelho telha, azuis frios), com alguns ligeiros, apontamentos de rio, de barcos, mas na linha do mesmo geometrismo, em que as formas opostas se equilibram ou se anulam, isto é, se reduzem a um jogo, de começo inaparente, de ambíguas cidades dentro da cidade, efeitos de **trompe-l'oell**, mistério muito liso e calmo que mil «inocentes» jogos de verdade-mentira preciosamente enriquecem e diversificam. A pureza da factura, a decisão da pincelada no rumo da ilusão constituem a cerrada, antilírica, escrita plástica de Maluda, que, sem ser diáfana, nos surge sólida, inquietante, envolvente. Uma Lisboa vista, pensada, gelada, por um olhar moderno.

Maluda está plenamente consciente do carácter da sua pesquisa. Diz-nos:

Procuro pintar a síntese de múltiplas visões, dar vida não a uma profundidade espacial mas a uma realidade labiríntica, à soma no tempo de sucessivas apreensões do instável da superfície urbana, sempre fantástica, sempre equívoca, despojando-a de vibração atmosférica, de impulso humano. O que, no fundo, quero dizer é uma temporalidade, negando todo o vazio. Para atingir esse meu objectivo, que até é modesto, rejeito toda a improvisação, parto do cubo para as formas curvas sem sombra, casas sem janelas. Lisboa?, ou a cidade, uma cidade?, estruturada em que luz, em que espaço, em que tempo? Vocês dirão...

Resta dizer que o **atelier** de Maluda fica na Lapa, sobre uma das mais ricas, belas e mutantes imagens de Lisboa. Foi lá que vimos estes óleos que ela vai expor.

U.T.R.

Charles Bronson, um dos trunfos do filme

"O CASO VALACCHI":

A Mafia volta ao cinema

...Com o espectacular sucesso de «O Padrinho», os costumes do povo siciliano passaram a interessar a um número cada vez maior de cineastas que, munidos das mais diversas histórias sobre a Máfia, invadem, diáriamente, a bucólica província meridional da Itália.

De facto, depois do êxito do «Godfather», Vittório Schiraldi escreveu e dirigiu «Baciamo le Mani», Alain Delon anunciou que vai produzir e estrear um filme sobre os mafiosos e Terence Young concluiu «O Caso Valacchi», película que obteve imediato sucesso popular em Nôva Iorque e que Lisboa verá dentro em breve.

Por outro lado, este pode ser também o último filme do ciclo «Máfia», uma vez que os «padrinhos» sicilianos estão nervosos com o devassar cinematográfico dos seus hábitos, e já anunciaram mesmo um vigoroso «basta» aos produtores e realizadores que procuram na ilha e nos seus habitantes, assuntos capazes de levar mais público às semi-abandonadas salas de exibição.

OS PROJECTOS

Vittório Schiraldi, cujo livro — «Baciamo le Mani» — é sucesso comercial em alguns países europeus, apesar de ter nascido na Sicília, encontrou alí diversas dificuldades para realizar o seu filme. Ameaças e actos de sabotagem retardaram os trabalhos da equipa, realizando-se as filmagens num clima de nervosismo, segundo testemunham as agências noticiosas. Quanto a Alain Delon, as suas intenções de seguir o filão aberto pelo «Padrinho» foram conhecidas através de entrevista do actor, divulgada em fins de Novembro passado. De lá para cá não surgiram mais notícias sobre o projectado filme, acreditando certas fontes que Delon tenha arquivado a sua história depois de receber alguns amáveis conselhos dos «capos» sicilianos. Verdade ou não, o assunto pode ser encerrado aqui, pois dele não se conhece mais nada.

«VALACCHI PAPERS»

Desta maneira, sobra «O Caso Valacchi», filme de Terence Young, que mereceu de Philip Walters, crítico cinematográfico da NBC-TV, estas palavras: «Será tão bom como «O Padrinho»? Não. É melhor».

Deixando para o público a discussão da justeza ou não desse julgamento crítico, fornecemos aqui alguns dados sobre o filme:

...Charles Bronson — o actor americano que o cinema francês revelou — é Joe Valacchi, o «mafioso» que, arrependido, resolveu denunciar a organização «Cosa Nostra» à polícia norte-americana. Com esse papel, Bronson, entre outras coisas, cumpre a promessa que fizera a si mesmo de que um dia viria a transformar-se num dos **dez mais** da bilheteira dos Estados Unidos: o filme, além das críticas favoráveis, regista receitas tão boas quanto às obtidas por «O Padrinho».

Por outro lado, o próprio realizador de «O Caso Valacchi», Terence Young, reconhece que, grande parte desse êxito, é devido à interpretação de Bronson. Diz o conhecido cineasta:

— Ele possui a tranquila autoridade de Gary Cooper e a presença dinâmica de Clark Gable, além de lembrar, em certos momentos, Humphrey Bogart e John Garfield, actor, aliás, com quem Bronson se identifica. Como realizador, a única coisa que posso afirmar é que, para interpretar a figura de Joe Valacchi, Bronson utilizou essas semelhanças.

Aliás e ainda sobre o trabalho de Charles Bronson, afirmou a revista **Playboy**: «Não sabemos se «O Caso Valacchi» foi a melhor coisa que aconteceu a Charles Bronson, ou se Charles Bronson foi a melhor coisa que aconteceu a «O Caso Valacchi. De qualquer maneira o seu retrato de Joe Valacchi é emocionante».

Por sua vez, Charles Bronson declara:

— Não foi fácil trabalhar neste filme. Terence Young, baseando-se em documentos reais, procurou narrar a história dentro do maior realismo possível. Filmámos em ambientes naturais. A cadeia é cadeia mesmo, a penitenciária é penitenciária mesmo. Como a história é recente, este realismo era também uma coisa um tanto difícil: muita gente ainda se lembra do verdadeiro Valacchi. Mas, creio, tudo saiu bem.

Assim, conforme as palavras de Bronson, o espectador pode encontrar nesse filme de Terence Young, não apenas os factos que levaram o verdadeiro Valacchi à traição, mas ainda todo o ritual mafioso da sua condenação: o «beijo da morte», que Vito Genovese (Lino Ventura) lhe deu na Penitenciária de Atlanta; os seus contactos com Charles Lucky Luciano (Angelo Infanti); o assassinato de Joe Beck (Fred Valleca) e de Dominick Petrilli (Walter Chiari).

Sintetizando: foi exactamente esta preocupação de fidelidade aos factos, de documentação de uma época, que levou o «O Caso Valacchi» a interessar aos críticos, fazendo com que um deles afirmasse: «O Caso Valacchi» é o retrato frio e objectivo das confissões de um «soldado» do submundo do crime. É um filme que se transforma assim, numa espécie de documentário de uma fase negra da história dos Estados Unidos. São quase cinquenta anos dominados por personagens — históricas — que não figuram nos livros tradicionais da História: Vito Genovese, Lucky Luciano, Salvatore Maranzano, Albert Anastasia, Tony Bender e muitos outros. Terence Young conseguiu dar-nos um perfil deles, situando-os numa época e numa sociedade que proporcionaram, não apenas o seu aparecimento, mas e principalmente, a que eles organizassem uma poderosa empresa, com as suas leis e os seus códigos, uma espécie de «Estado dentro do Estado». Um filme para ver e meditar».

BETÃO COM «MELITOL»
RESISTE À CHUVA E AO SOL
ETERNAMENTE IMPERMEABILIZANTE
RUA S. NICOLAU, 41-3.º LISBOA
Telefs. 322118/361805

Aplique o seu dinheiro em propriedades construídas por J. PIMENTA, SARL

Em Lisboa, Paço de Arcos, Cascais, Reboleira (Amadora), Sesimbra, Coimbra, Figueira da Foz, Castelo Branco, Porto e Algarve (Praia da Rocha)

PODE COMPRAR

Andares, Apartamentos, Estabelecimentos Comerciais, Garagens, Armazéns ou Fábricas para a Indústria onde o seu dinheiro rende

J. Pimenta SARL
Organização séria de sólido prestígio

EDIFÍCIO-SEDE QUELUZ — Av. António Enes, 25. Tel. 95 20 21/5

ESCRITÓRIOS

LISBOA — Praça Marquês de Pombal, 15-1.º. Tel. 4 58 43
CASCAIS — Conjunto Turístico da Pampilheira. Tel. 28 39 88
PAÇO DE ARCOS — B.º Comendador Joaquim Matias. Tel. 243 35 11/243 14 23
PORTO — Rua Campo Alegre, 17-3.º. Tel. 69 32 71/69 32 28/69 32 58
PRAIA DA ROCHA — Estrada do Vau. Tel. 2 43 32

DELEGAÇÕES

BRAGA — Av. Marechal Gomes da Costa, 590-3.º, Dt.º. Tel. 2 64 16
CASTELO BRANCO — Rua da Figueira, 5-1.º
COIMBRA — Av. Fernão de Magalhães, 470-1.º, Sala 1. Tel. 2 41 52
GUARDA — Rua Marquês de Pombal, 3-2.º. Tel. 765
VISEU — Aven. Dr. António José de Almeida, 23-4.º, Fr. Tel. 4 61 03/2 52 47

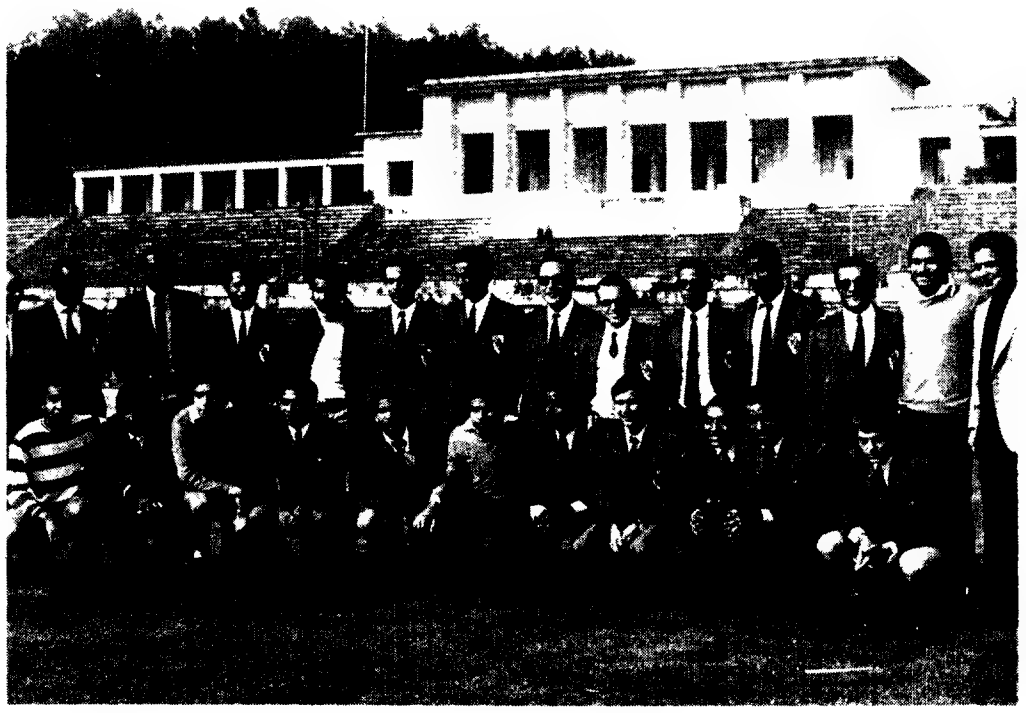
AGENTES — AVEIRO — Rua de S. Sebastião, 127. Tel. 2 26 91 ● LEIRIA — Av. Combatentes da Grande Guerra, 12-1.º. Tel. 2 41 33. ● PORTALEGRE — Av. Pio XII, 1-1.º, Esq.º. Tel. 728 ● BRAGANÇA — Largo do Toural ● TORRES VEDRAS — Tel. 2 29 56 ● LAMEGO — Rua do Almacave, 114. Tel. 373 ● VILA REAL — Rua Alexandre Herculano, 5. Tel. 2 36 29 ● S. BRÁS DE ALPORTEL — Tel. 4 23 88 ● CHAVES — Rua de Santo António, 169.

SUBAGENTES

Alexandre Lopes Leal — Vale de Espinho — SABUGAL ● Alexandrino Leal Perdigão — MEDA ● José Rodrigues Alves — ALMEIDA ● Joaquim Lopes — AGUIAR DA BEIRA ● Jorge Luís Amado Pinto — TRANCOSO ● António Lopes Tibúrcio — VILA FRANCA DAS NAVES ● Abílio Traça — Freixedas — PINHEL ● Evaristo Andrade de Campos — FORNOS DE ALGODRES ● Delfim Mendes Saraiva — CELORICO DA BEIRA ● Manuel Pereira Monteiro Quinaz — PINZIO ● Joaquim Augusto Freitas Cardoso e Rui A. M. Evangelista, Rua da República, 133, 1.º — FIGUEIRA DA FOZ ● Laurentino Batista da Costa Peixoto — Noval Anha — VIANA DO CASTELO ● António Carlos Rebelo da Silva — PÓVOA DE LANHOSO ● Augusto José Miranda Quintas — Lugar da Estação — Barroselas — VIANA DO CASTELO ● Casimiro José Lages — Lanhelas — VIANA DO CASTELO ● Romeu Teixeira de Queirós Saavedra — Canedo de Basto — CELORICO DE BASTO ● Domingos Torres Vieira — Castelo do Neiva — VIANA DO CASTELO ● Eugénio António de Jesus Alves — ESTREITO ● Hermano Martins Reis — Sobreira — FORMOSA ● Abel Natário — ORVALHO ● José Gaspar «Conde» — FUNDÃO ● José Maicata — ROSMANINHAL ● Argentinos & Pintos, Lda. — CASTRO D'AIRE ● Germano Ferreira da Costa — Parada — CARREGAL DO SAL ● Fernando Lopes Pereira — Vilharigues — VOUZELA ● Agência de Viagens Barbosa, Lda.—VILA NOVA DE TASÉM ● Agência de Viagens Barbosa, Lda. — SEIA ● Francisco Lopes — TABUAÇO ● António Augusto da Costa — TABUAÇO ● Horácio Oliveira Matias — CADAVAL ● Raul Fernandes Gomes — VINHAIS ● Amadeu Pereira Leite — MIRANDA DO DOURO.

DESPORTO

Ultramarinos em Lisboa



Para cumprirem o melhor que puderem e souberem a missão que lhes foi destinada pelo sorteio (para a «Taça de Portugal») estão em Lisboa as representações de Moçambique e Guiné. Já que a «Taça de Portugal» é a festa do futebol português, é perfeitamente compreensível que os ultramarinos sejam considerados nas esferas da sorte e venham até ao continente ou recebam nas suas terras as equipas metropolitanas.

O que estará menos certo, no actual figurino da «Taça» é o facto de estas turmas, nitidamente inferiores, serem chamadas à disputa de uma eliminatória, quando na prova só já estão equipas que lhes são superiores, e numa altura em que o defeso rouba os seus jogadores aos treinos e à competição. Só assim se aceitam os resultados desnivelados que assinalam a presença destas simpáticas equipas na «Taça de Portugal», que não podem encarar a sua participação na prova além de um passeio pago com uma pesada derrota.

No entanto (e às vezes) alguns jogadores dão nas vistas, e ficam por cá. É o caso de Trindade (o terceiro, em pé, a contar da esquerda na primeira imagem) e Rufino (o primeiro, também em pé, a contar da direita), que já ficam no continente por conta e risco do Boavista. Leandro e Luís Carlos (sempre um modelo de camaradagem) não faltaram às boas-vindas.

Na outra foto, podemos admirar o clima de confraternização que reinou na reunião dos jogadores do Ferroviário de Lourenço Marques com alguns dos seus conterrâneos que vingaram no futebol metropolitano: aí podem-se ver Manaca, Rui Rodrigues, Abel, Zeca, Eusébio e Juca, que não se furtaram ao abraço amigo às gentes da sua terra.

Em Cardiff, no dia 28: País de Gales - Polónia

DE VARSÓVIA (por Howard Tyner, da UPI - exclusivo da ANI em Portugal) — A Polónia nunca defrontou o País de Gales num desafio internacional de futebol, e a última vez que derrotou a Inglaterra foi há quase 40 anos. Não obstante, o treinador dos actuais compeões olímpicos, Kazimier Gorski, acredita que a sua equipa tem cinquenta por cento de probabilidades de afastar as duas equipas britânicas do campeonato mundial.

«**Teremos de jogar melhor do que em Munique** — afirma Gorski — **mas eu diria que as nossas probabilidades são de cinquenta por cento.**

No dia 28 do corrente, Gorski terá uma ideia mais firme de quão exacta foi a sua previsão. É então que a Polónia defronta o País de Gales (em Cardiff), no seu primeiro encontro da série de qualificação para a «Taça Mundial» de 1974, em Munique.

Nove dias mais tarde (a 6 de Abril) a situação tornar-se-á ainda mais clara: a Polónia enfrenta, no seu ambiente, a Inglaterra, terceira e última equipa do grupo cinco da série de qualificação.

— «**Tudo depende do primeiro encontro** — salienta Gorski. **Sabemos que os galeses vão jogar ao ataque. Se os conseguirmos suster, se os conseguirmos vencer, os nossos rapazes ficarão moralizados, e as probabilidades de terminar no primeiro lugar do grupo cinco serão enormes».**

De acordo com Gorski, os polacos — cujo jogador mais alto tem um metro e 82 — receiam a Inglaterra e o País de Gales pelo mesmo motivo: ambas fazem frquente uso dos centros por alto, a «pingar» sobre a baliza — técnica a que os polacos não estão habituados.

— «**É um estilo extremamente perigoso, muito diferente do nosso** — explica o treinador polaco. — **Temos de neutralizar as suas linhas avançadas, compostas por jogadores altos, como Toshak (do País de Gales) e Chivers (da Inglaterra).**

Gorski revela-se modesto no que respeita ao talento defensivo da sua equipa. Nos últimos dez encontros que disputou, a Polónia venceu, entre outras, três equipas altamente cotadas — Bulgária, Rússia e Checoslováquia — **consentindo apenas o total de cinco golos.**

Deste modo, parece pouco provável que a Polónia recorra por completo ao sistema defensivo, abandonando o estilo veloz que a levou a vencer a Hungria por 2-1, na final do torneio olímpico de Munique. Nesse encontro, dezenas de treinadores admiraram as excelentes exibições dos dois melhores jogadores polacos, os quais alinharão em Cardiff, no dia 28.

Um é Kazimierz Deyna, de 24 anos, «artilheiro» que marcou golos em 22 dos 35 encontros internacionais em que participou. Nove destes tentos foram obtidos em Munique, pelo que se tornou o melhor marcador do torneio.

O outro é Wlodzimierz Lubanski, baixo, entroncado, veterano da equipa, 62 vezes «internacional». A sua exibição em Munique foi tão extraordinária que os campeões europeus (Ajax de Amsterdão) tentaram, sem êxito, levá-lo a tranferir-se do seu clube, o Gornik de Zagreb.

Muito embora os preparativos imediatos sejam para o embate de Cardiff, Gorski tem a Inglaterra no pensamento.

— «**Sejam quais forem os seus problemas, ou seja o que for que se diga, a Inglaterra continua a ser uma das melhores equipas do Mundo** — opina Gorski. — **Alf Ramsey pode ter, de momento, dificuldades em formar o onze certo, mas não admira porque tem muito por onde escolher. Lembrem-se do que a Inglaterra fez à Escócia (vitória por 5-0). Pode ser que ele agora esteja no caminho certo. Veremos...»**

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido no Café Cura, Rua da Belavista, Lote 1 PINHEIRO DE LOURES

PUGILISMO EM VÁRIAS FRENTES

John Conte é campeão europeu na categoria de "meios pesados"

O pugilista inglês John Conté arrebatou o título europeu de «meios-pesados» ao alemão Rudi Schmidtke, por KO técnico ao 12.º dos quinze «assaltos» do combate. O árbitro interrompeu a luta para evitar maior punição de Schmidtke.

Conté atacou logo de início e no quarto «assalto» atingiu com dureza o adversário. No sexto, derrubou-o três vezes.

Schmidetke, que conquistara em Novembro o título europeu a Chris Finnegan, pesou 79,11 quilos, contra 79,14 de Conté.

«O próximo adversário de John Conté será, certamente, o suiço Erik Nussbaun — declarou o «manager» do pugilista inglês.

Por outro lado, Harry Levene, promotor do combate, declarou que tenciona opor Conté ao antigo detentor do título europeu, Chris Finnegan, e que o vencedor defrontará Bob Foster para o ceptro mundial.

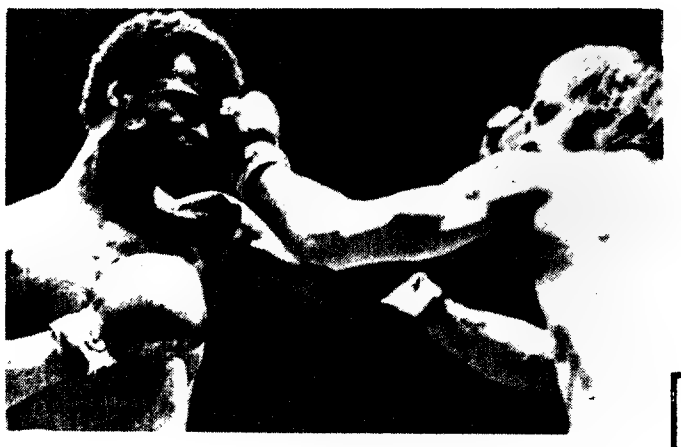


Imagem do combate para o título europeu de «meios-pesados» entre o inglês Conte e o Alemão Schmidtke. O «colored» britânico venceu por KO técnico.

ÉLIO COTENA

Outra notícia: Élio Cotena mantém o título italiano na categoria de «meios-leves», depois de vencer o pretendente Enzo Farinelli, aos pontos, num combate de 12 assaltos.

Cerca de duas mil pessoas, que não concordaram com a decisão do árbitro ao dar a vitória a Cotena, «bombardearam» o rinque com todos os objectos que apanhavam, incluindo garrafas de vinho.

Cotena pesou 57,1 quilos e Farinelli 56,8.

CHRIS FINNEGAN

Por seu lado, o inglês Chris Finnegan venceu aos pontos o galês Roy John, ao duodécimo dos quinze assaltos do combate, e manteve os títulos inglês e da comunidade britânica na categoria de «meios-pesados».

Finnegan fora derrotado, em Setembro, pelo norte-americano Bob Foster, num combate para o título mundial e dois meses depois perdeu o título europeu a favor de Schmidtke.

O inglês defendeu agora pela primeira vez os dois títulos — levou John ao tapete ao duodécimo assalto, único derrube do combate — que conquistou a Eddie Avoth, do País de Gales, há dois anos.

LARRY PAUL

Mais pugilismo: o espanhol António Torres foi vencido aos pontos, em oito assaltos, pelo inglês Larry Paul, num combate de pugilismo da categoria de «médios» realizado em Wolveshampton, Inglaterra.

Torres, de Barcelona, substitui à última hora o pugilista escocês Don McMillan.

JOHN STRACEY

O «Meio-Médio» portoriquenho José Peterson (64,4 quilos) foi vencido aos pontos, em oito assaltos, pelo inglês John H. Stracey (67,5), primeiro pretendente ao título britânico da categoria.

A vitória foi atribuida pelo árbitro com a diferença de um ponto — 40-39 — e vaiada pelo público.

BILLY WILLIAMS

Por último, o pesado inglês Billy Williams, conservou a sua invencibilidade ao derrotar o norte-americano Brian Omelia, aos pontos, num combate de dez assaltos disputado em Miami Beach.

Williams (85,75 quilos) dominou por completo o norte-americano (86,1 quilos).

Sociedade «ESTORIL»

Caminho de Ferro do Cais do Sodré a Cascais

CONCURSO PARA EXPLORAÇÃO DE UMA LOJA NA ESTAÇÃO DE CASCAIS

1 - Até às 16 horas de 20 de Março de 1973, aceitam-se propostas para a exploração durante o período de 1 de Abril de 1973 a 30 de Dezembro de 1976 de uma loja na estação de Cascais.

2 A adjudicação será feita por contrato cuja minuta estará patente nos escritórios centrais, estação do Cais do Sodré 1.º andar, todos os dias úteis das 9-30 às 12 h e das 14-30 às 18 h, excepto aos sábados.

Lisboa, 10 de Março de 1973.

O DIRECTOR-GERAL
A. Bual

ALERTA SETÚBAL VEM AÍ O TOTTENHAM!

DESPORTO

Decorridos quase quinze dias da célebre jornada de Withe Hart Lane, durante a qual o Vitória de Setúbal escreveu mais uma das brilhantes páginas da história do seu futebol, recordamos ainda com certa emoção o que foram aqueles noventa e sete minutos que o húngaro Bircsak decidiu conceder para tempo de jogo. Nós e os milhares de portuguesa cujas vozes não chegaram para calar o famoso **coro** dos «spurs», mas que fizeram ecoar vibrantemente o nome do Vitória, acompanhando o inconformismo dos jogadores setubalenses que entre as quatro linhas do rectângulo pareciam ignorar a incontestável classe do Tottenham.

A eliminatória está ao alcance do Vitória mas a cidade tem de saber corresponder à classe do seu representante

Sabem todos os que viram o encontro pela televisão o que foi o comportamento da equipa de José Maria Pedroto nessa jornada de Londres. E ficaram fazendo uma ideia do que vai ser a próxima quarta-feira, em Setúbal. A nossa opinião — que assistimos à final Norwich-Tottenham, em Wembley, que constatámos a capacidade físico-atlética dos pupilos de Bill Nicholson quatro dias depois — é a de que está muito mais difícil, para o Vitória, decidir a eliminatória no Bonfim o que foi conseguir um bom resultado em Hart Lane. Mais: só em noite de boa inspiração (estamos a lembrar-nos dos 4-0 ao Spartak de Moscovo) será possível à equipa vitoriana eliminar o Tottenham. Terão os setubalenses — jogadores e público — de convencer-se que a famosa equipa londrina só poderá ser arredada da «Taça», cujo actual título lhe pertence, se o Vitória tiver mesmo uma grande noite. É que para bater Pat Jennings é preciso passar por muitos e extraordinários jogadores!...

Significa isto, que as possibilidades do Vitória são muito remotas? Pedroto, há dias, dizia-nos estas grandes verdades: **«se tivéssemos de competir com as equipas inglesas da categoria do Tottenham em campeonato, claro que viriam ao de cima as vantagens que eles têm sobre nós; mas como, no caso presente, se trata de uma eliminatória de uma taça, o que representa um jogo com duas partes, temos muitas possibilidades de impôr as qualidades que tantas vezes surpreendem os jogadores ingleses — e que mais uma vez os surpreendeu no jogo de Londres»**. E mais adiante ainda nos disse o técnico sadino: **«há um aspecto de jogo em que lhes somos nitidamente superiores: em imaginação»**.

Steve Perryman, o excelente n.º 8 do Tottenham, parece dizer: « que grande dor de cabeça vai ser o jogo com o Vitória!!!»

Indiscutivelmente, Setubal vai viver mais uma grande jornada de futebol: O Vitória — único sobrevivente português nas provas europeias — vai ter, por certo, o apoio e calor humano que tanto merece. E não serão apenas os setubalenses. De Lisboa, de toda a região setubalense, de outros pontos mais distantes, hão-de acorrer espectadores e vibrarem e a sofrerem por um desejado êxito do Vitória, que será, também, um êxito do futebol português.

E bem o merece, a categorizada equipa sadina! Uma equipa que consegue fazer o **milagre** de, **«por vinte e cinco tostões»**, fazer a vida cara ou bater conjuntos que valem milhões!

. Alerta, Setúbal: Vem aí o super-famoso Tottenham Hotspur! A cidade tem de saber merecer o representante que possui e que tão dignamente a representa.

JOÃO LÚCIO

Após a final da Taça da Liga Inglesa, em Wembley, em que o Tottenham bateu o Norwich por 1-0, os «Spurs» deixaram-se fotografar com o «manager» Bill Nicholson e o seu assistente Eddie Baily. Martin Peters exibe eufóricamente o belo troféu conquistado.

BRUXO ZANGADO

O «Bruxo de Peloro» está mesmo zangado. **«se o clube de futebol de Messina quer fugir ao mau olhado»** — afirma — **Terá de pedir um feitiço duplo. E irá ao tribunal, também»**.

«Tenciono processar o clube tanto pelo pagamento a que tenho direito como para proteger o meu prestígio pessoal» — afirmou aos jornalistas o feiticeiro autodidacta, Salvatore Caizzone.

Segundo afirma, o treinador do Messina, Giovanni Zanotti, contratou-o para afastar o feitiço que levou o clube ao último lugar da Terceira Divisão, mas no derradeiro momento cancelou a consulta.

«Estou a ver, no futuro, o Messina na Quarta Divisão no próximo ano» — afirmou Caizzone. E acrescentou que ele próprio deitou mau olhado ao Messina, há quatro anos, **«a pedido de uma pessoa cujo nome não pode citar»**, mas que está desejoso de retirar o feitiço.

«Depois do comportamento dos dirigentes do Messina, continuarei a exercer a minha influência negativa cada vez mais intensamente».

Zanotti, em Messina, pelo seu lado, revelou aos jornalistas que tinha já alugado um autocarro para conduzir toda a equipa a uma entrevista com Caizzone, mas que o presidente do clube, Giovanni Gullota, impediu a viagem no último momento, porque o facto já era do conhecimento da imprensa.

Logo que os meus afazeres me proporcionem um pouco de tempo livre, irei ver o bruxo e pedir desculpa» — disse Zanotti — **«Os funcionários do clube não se opuseram em princípio à ideia da feitiçaria, mas depois pareceu ter havido uma mudança de ideias, no último momento»**.

Empresa integrada em Grupo Nacional, com interesses a nível Mundial e investimentos em Moçambique da ordem dos 1,8 milhões de contos.

Admite para funções de staff ou fabris:

ENGENHEIROS

QUÍMICOS-MECÂNICOS-ELECTROTÉCNICOS
MINAS

AGENTES TÉCNICOS

ELECTROMECÂNICOS-MINAS-QUÍMICOS

São condições de preferência:

— Juventude e experiência profissional
— Serviço militar cumprido

RESPOSTAS À RUA BRAAMCAMP, N.º 7 - LISBOA

GUARDA-SE SIGILO ESTANDO EMPREGADO.

STAND EM ELVAS

Óptimo, no melhor local, para automóveis, máquinas, agência bancária, seguros, etc.

Trespassa-se, negócio urgente. Apartado 27—ELVAS—Telef. 486

RALLYE TAP
também
CRONOMETRAGEM
LONGINES

PAPEL PARA FOTOCÓPIAS
MITSUBISHI
alta qualidade japoneza
peça directamente
aos seus importadores exclusivos
ESTABELECIM. M. SIMÕES JR., S.A.R.L.
Rua da Prata 68 — LISBOA
Rua St. António 208 - PORTO
PREÇOS ESPECIAIS PARA QUANTIDADES

LEIA

motor

PARA O PERÍODO DE 19 A 25 DE MARÇO — horóscopo pelo astrólogo HORUS

ÁRIES

(21 de Março a 20 de Abril)

AMOR: Não crie complicações e abstenha-se de novos compromissos Cuidado com suposições menos exactas Empregue toda a sua boa vontade no sentido de sustentar no lar um clima feliz e despreocupado

DINHEIRO: Não conte com grande resultados financeiros Assim, perserve-se das grandes despesas e permaneça firme

PROFISSÃO: Deparar-se-ão obstáculos no exercício da sua actividade profissional A preocupação por não conseguir avançar nas suas empresas causar-lhe-á aborrecimentos e um certo desânimo Não fará grandes progressos, mas também não diminuirá no seu trabalho habitual

SAÚDE: Cuidado com as deslocações na via publica A despreocupação que sentira durante esta semana pode ocasionar-lhe aborrecimentos

TAURUS

(21 de Abril a 21 de Maio)

AMOR: As benéficas influências de Venus provocam boas harmonias e ajudas do sexo oposto que não deve desperdiçar Seja afável e não aprofunde excessivamente os sentimentos alheios

DINHEIRO: A vida financeira experimenta uma semana benéfica, por outro lado, a sua intuição, que os astros estimulam, permitir-lhe-á aproveitar um ensejo para angariar fundos interessantes.

PROFISSÃO: Benéficas influências contribuirão para os bons resultados profissionais. Se tentar meter-se em pequenos empreendimentos o êxito está assegurado

SAÚDE: O abatimento que possa sentir será derivado em grande parte a abusos físicos

GEMINI

(22 de Maio a 21 de Junho)

AMOR: Seja menos positivo nas suas relações amorosas Os interesses domésticos exigem maior carinho e apreço Domine a sua impaciência e evite ver só as coisas pelo lado material.

DINHEIRO: Conseguirá obter algumas vantagens através exclusivamente do seu esforço pessoal. Todavia, os astros mostram-se propícios às boas relações

PROFISSÃO: Propício a todas as iniciativas pessoais, qualquer que seja a natureza das suas ocupações obterá bons resultados. Imaginação fertil e grande intuição para realizações de grande alcance futuro.

SAÚDE: Os seus nervos andarão um tanto excitados motivado pelos seus afazeres. São também de temer quaisquer infecções.

CANCER

(22 de Junho a 22 de Julho)

AMOR: O período que se apresenta será ditoso Reinará atmosfera sadia no ambiente familiar As amizades e os interesses do coração estão bem favorecidos

DINHEIRO: A actividade que exercer será satisfatoriamente compensadora Aproveite o ensejo para aumentar o seu peculio Não esbanje demasiado nos seus casos pessoais

PROFISSÃO: Favorável para traçar projectos, criar e idealizar, mas não para pôr em prática De momento cinja-se simplesmente a ideia e quando lhe for propício então aproveite para entrar em acção

SAÚDE: Em relação ao período anterior, a sua posição neste capítulo está bastante beneficiada

LEO

(23 de Julho a 22 de Agosto)

AMOR: Alguém experimentará o desejo de contribuir para proporcionar-lhe maiores venturas A harmonia familiar e quase absoluta. Use de amabilidade com os outros

DINHEIRO: Tome em atenção que o emprego de capitais nesta altura não traz vantagens, pelo contrário, só pode desacreditar o seu nome e criar-lhe uma situação embaraçosa Atenção aos gastos

PROFISSÃO: Aconselhamos que se mantenha atento às suas iniciativas presentes, não procurando tomar novas responsabilidades

SAÚDE: As suas condições de saúde neste período serão um pouco delicadas, sobretudo, o sistema nervoso e os rins podem abalar-se. Evite todo o género de excitantes, e procure descansar e recrear o espírito em ambientes saudáveis.

VIRGO

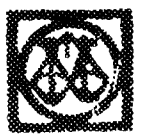
(23 de Agosto a 22 de Setembro)

AMOR Tempo venturoso aos casos de amor Propício para os namorados se dedicarem aos problemas construtivos da vida O ambiente familiar será tranquilo

DINHEIRO Excelente para efectivar as suas esperanças, divulgar as suas ideias originais, o que contribuirá imenso para arranjar novas fontes de receita

PROFISSÃO Dentro da situação que desfruta os seus problemas estarão bem equilibrados. Os novos empreendimentos nesta altura não são bem sucedidos, razão por que deve evitá-los

SAÚDE Nada de importante haverá a registar nas suas condições de saúde durante este período



LIBRA

(23 de Setembro a 22 de Outubro)

AMOR Semana mediana nos assuntos sentimentais Não convém tomar atitudes extremas, nem seguir o caminho da indiferença Entretanto, uma contrariedade surgida no convívio com a pessoa que ama afectara a sua disposição de espírito

DINHEIRO Disponha em ordem as suas contas e espere uma agradável surpresa Entre as pessoas que o rodeiam aparecerá uma que, subitamente recorrera ao seu auxílio, proporcionando-lhe mais tarde bons lucros

PROFISSÃO Não adianta preocupar-se, a situação não se modificará por isso Deixe que as coisas se passem normalmente Evite a teimosia e não interprete os casos só pelo lado materialista

SAÚDE Durante esta semana as suas influências astrologicas aconselham cuidado com a alimentação e as bebidas fortes Há tendência a perturbações biliares

SCORPIUS

(23 de Outubro a 21 de Novembro)

AMOR Está sob boas influências nos seus casos sentimentais Alguém contribuirá para lhe proporcionar melhor bem-estar na vida domestica e amorosa

DINHEIRO: Período benéfico a finanças O espírito optimista que demonstrará nesta altura, concorrerá de certa maneira para o êxito monetário Boas perspectivas financeiras e propostas de interesse darão incremento aos negócios

PROFISSÃO Os problemas antigos têm agora oportunidade de poderem ser bem resolvidos. Bom para começar construções, assuntos ligados com materiais, e os que se dedicam a edições e publicações estão, também favorecidos.

SAÚDE No domínio físico, as condições são favoráveis Andará com muito boa disposição

SAGITTARIUS

(De 22 de Novembro a 21 de Dezembro).

AMOR Algumas pequenas decepções sentimentais podem inclinar à melancolia. Mas pense nas desilusões que tem feito sofrer aos outros. Contudo, nada de grave acontecerá.

DINHEIRO Os ganhos neste período serão normais. Assim, é de toda a conveniência que controle bem as despesas

PROFISSÃO Continue pelo caminho trilhado e não se meta em novos empreendimentos ou negócios que lhe pareçam de grande futuro.

SAÚDE Use de cuidado em todos os actos da sua vida, a fim de não ter surpresas desagradáveis

CAPRICORNIUS

(22 de Dezembro a 20 de Janeiro)

AMOR O clima astrológico para este período é contrário aos seus interesses de família Porduzir-se-ão choques com as pessoas com as quais vive Não siga a sua primeira impressão, que será a de reagir violentamente

DINHEIRO Tome em atenção que o emprego de capital em negocios que mereçam pouco credito lhe podem ocasionar embaraços na sua vida e criar-lhe uma situação censurável

PROFISSÃO O clima astrológico quanto a este campo é muito lisonjeiro. Os assuntos ligados a arte chamarão o seu interesse e merecerão elogios

SAÚDE Não é favorável Cuidado com crises biliares, assim só deve preferir a alimentação leve e suprimir as bebidas espirituosas

AQUARIUS

(21 de Janeiro a 19 de Fevereiro)

AMOR Gozará de felicidade na vida conjugal, que se manifestará cada vez mais acentuadamente Seja prudente nas suas aventuras sentimentais O ambiente familiar será bastante agradável

DINHEIRO Todas as realizações que fizer serão bem compensadas Lucros apoiados e felizes promessas

PROFISSÃO As coisas correrão a seu contento Propício para ir tratando de dar execução às suas ideias, mesmo que estas se relacionem com o estrangeiro. Todavia, não é ainda chegada a altura para fazer uma mudança radical na sua situação

SAÚDE A humidade pode ter consequências nos membros superiores.

PISCIS

(20 de Fevereiro a 20 de Março)

AMOR Continua a desfrutar das benéficas influências astrais. Indicado para empreender mudanças no aspecto doméstico e comprar objectos de ornamentação. As viagens de recreio darão muita satisfação

DINHEIRO Em relação a dinheiro, o período poderá ser auspicioso, se para tanto contribuir o seu esforço e se tiver bom senso nas suas transacções, e diplomacia no trato.

PROFISSÃO As resoluções que tiver necessidade de adoptar relacionadas com a vida profissional devem ser devidamente ponderadas. Toda a actividade neste sector deve ser bem conduzida.

SAÚDE Predisposição para perturbações gástricas e do aparelho respiratório.

Inglês em Inglaterra

ANGLO-CONTINENTAL SCHOOL OF ENGLISH
(Reconhecida oficialmente)
CURSOS PRINCIPAIS INTENSIVOS
CURSOS PREPARATORIOS PARA EXAMES DE CAMBRIDGE
CURSOS DE VERÃO
CURSOS ESPECIAIS para pessoal em Viagem e Turismo, Secretárias, Executivos, Professores de Inglês, Funcionários de Banco, pessoal de Hotel e Restaurante

INTERLINK School of English
CURSOS INTENSIVOS
CURSOS DE VERÃO

ACSE International School
CURSOS DE FÉRIAS
para menores, 10—16 anos

Documentação pormenorizada das escolas e cursos em Bournemouth, Londres e Oxford sem compromisso para
INTERSCHOOL INFORMATION SERVICE, Ellen F. Broom, Rua Castilho, 38 - 1º E, Lisboa, Telef. 45698

Nome Sr. / Sra
Rua Cidade
PP12A

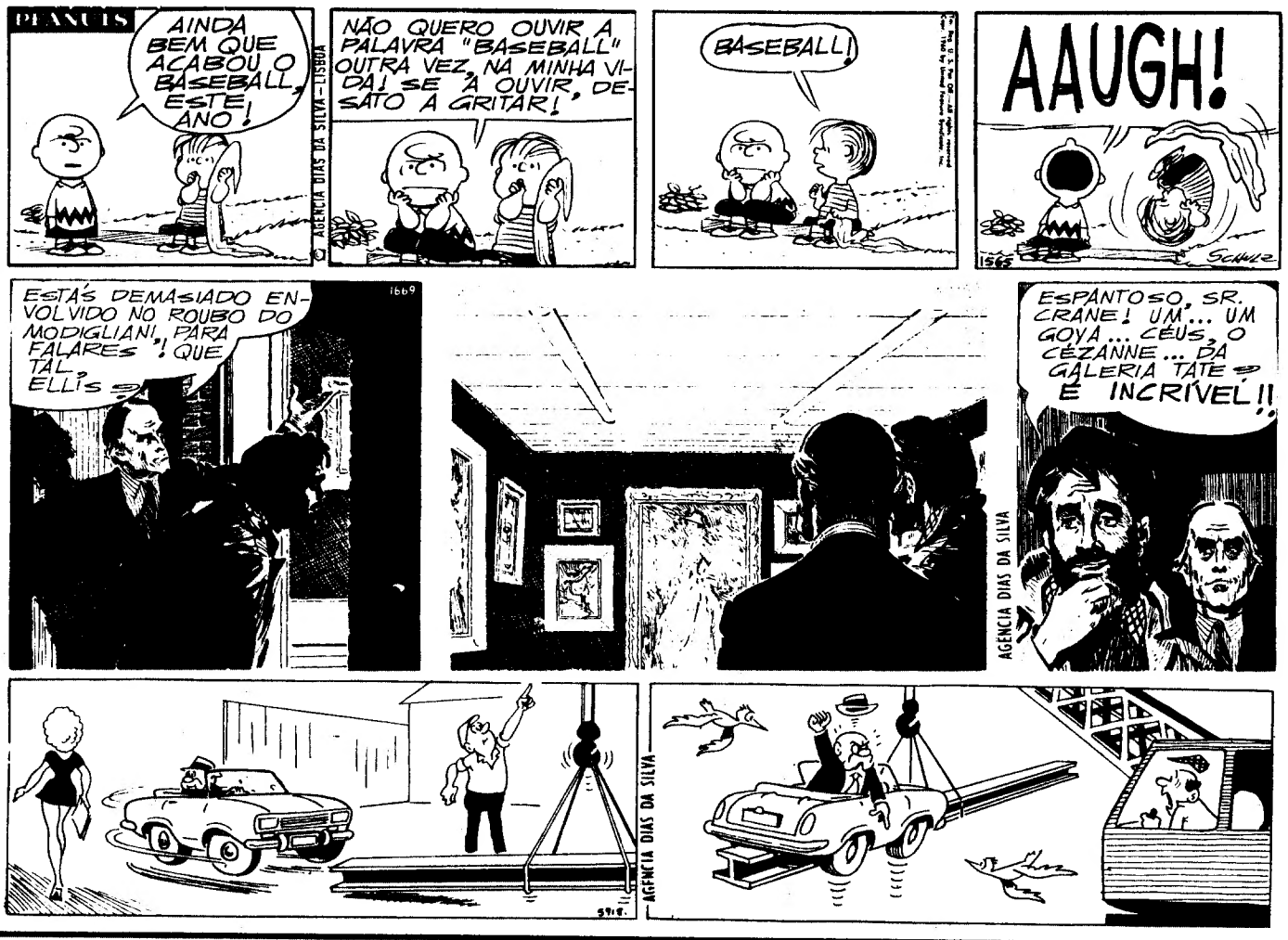
TOYOTA
SERVIÇO OFICIAL
EM LOCAIS CENTRAIS DE FÁCIL ACESSO
OFICINAS DE REPARAÇÃO
EQUIPAS ESPECIALIZADAS
FERRAMENTAL INDICADO
PECAS DE ORIGEM
TABELA DE PREÇOS DE MÃO-DE-OBRA AFIXADA A PÚBLICO
COTAL A — Rua de Artilharia Um, 105-A e B
COTAL B — Rua dos Lusíadas, 113 - A e B

CENTRO DE MEDICINA DENTÁRIA
— RATO —
Obturações, extracções, correcção de dentes, dentaduras
— PREÇOS DE POLICLÍNICA —
CONSULTAS DAS 9 AS 19 HORAS
ENCERRADO AOS SABADOS E DOMINGOS
Calçada. Bento da Rocha Cabral, 1 (ao Rato) — Tel. 68 41 91

INDÚSTRIAS CAMBOURNAC
Das nossas fábricas directamente ao público
A bem da sua economia consulte-nos
FIOS PARA TRICOT
Em defesa da sua comodidade utilize a nossa Frota Automóvel que, gratuitamente, transportará as encomendas a sua casa.
Descontos especiais às tricotadeiras
FILIAIS E DEPÓSITOS
Largo da Anunciada, 11 - T. 326415
Av. Almirante Reis, 28-B - T. 833811
LISBOA

HORUS
RAUL LOURENÇO LAPA
QUIRO-ASTROLOGO
CONSULTE «HORUS» e ficará a conhecer
OS ANOS MAIS IMPORTANTES da sua vida, os momentos mais felizes ou menos favoráveis que lhe estão reservados, EM TODOS OS CAPÍTULOS DA SUA EXISTÊNCIA!...
E AINDA muitas outras informações de grande interesse àcerca de si próprio e do seu Destino...
Todos os dias úteis das 10 às 12 e das 14 às 19 horas. Av.ª João XXI, 3-2.º Frente (Junto à Praça do Areeiro) - Telef. 724162 - LISBOA

Nascido há poucos dias, o pequeno «Patty Cake» é o primeiro gorila que viu a luz do dia no cativeiro do Central Park Zoo (Nova York). O fotógrafo fixou o seu primeiro olhar para o mundo que o rodeia



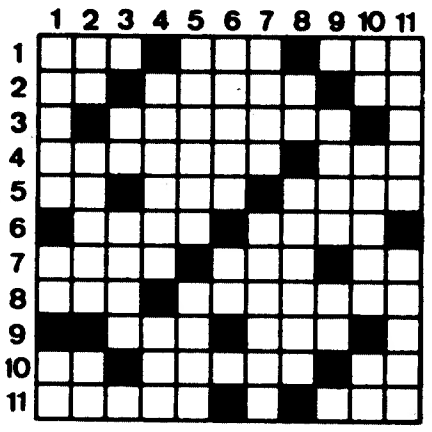
PASSATEMPOS

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 10371

HORIZONTAIS:

1 Um milhar. Grande. Víscera.
2 O sono das crianças. Falta de trabalho. Moderato.
3 Tombarias.
4 Ponderar. Heroína francesa que foi queimada viva.
5 Nota musical. Tanto. Aguça.
6 Numeral cardinal. Artérias.
7 Pronome relativo. Preposição. Aqui.
8 Botequim. Aprender de cor.
9 Abreviatura de acético. Herdade delimitada por marcos. (Ant.)
10 Viração. Queimava. Freguesia do concelho de Oliveira de Azeméis.
11 Pássaro do Brasil. Deseja.



VERTICAIS:

1 Estado de espírito. Quanto baste. Campeão.
2 Satélite de Júpiter. Faz tatuagem em. Batráquio.
3 Cério (s.q). Raera.
4 Retruquem (pop). Desaba.
5 Bradas. Oferecera.
6 Zombarão. Nome de letra.
7 Empunhar. Teme.
8 Palavra latina pela qual começsm muitos documentos pontifícios de interesse para Portugal. Nome de mulher.
9 Apaga. Letra grega.
10 Prefixo de negação. Traça. Artigo indefinido.
11 Pessoa importuna (fig). Armadilha.

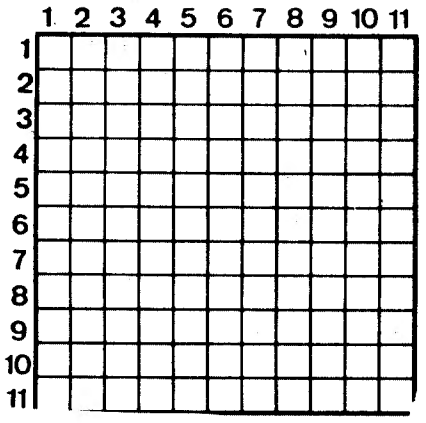
Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 6527

HORIZONTAIS:

1 Sacerdote tártaro-maometano. Aliança.
2 Sentiria ânsia de.
3 Bário (s.q). Ilha pertencente á provincia de Macau. Crómio (s.q)
4 Habilidades. Espécie de andorinha.
5 Caminharás. Pantorrilha.
6 Árvore com cuja casca se aromatiza o vinho. Preposição. Conjunção.
7 Rainha da Arábia também conhecida por Belkiss. Grande cão de fila.
8 Acabamentos.
9 Distar. Aperfeiçoar. Pronome pessoal.
10 Adicionar. Ócio.
11 Flancos. Jaqueta.



VERTICAIS

1 Bailadeira do rei de Daomé. Cidade de Itália.
2 Cidade de França. Lista.
3 Bromo (s.q). Devastar. Ruim
4 Pequenos barcos de recreio. Ribeira de Portugal.
5 Fechas as asas para descer mais depressa. Região montanhosa da Ásia central (Russia e Afeganistão).
6 Seis em romano. Preposição. Antes do meio dia.
7 Freguesia do concelho do Cataxo. Roia.
8 Lavrais. Descobrirás.
9 Cálcio (s.q.). Pilhas. Gálio (s.q.)
10 Ave brasileira de grande porte. Palavra gaélica que significa filho e precede um grande número de nomes irlandeses e escoceses.
11 Pães de milho. Crio.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10370

HORIZONTAIS

1 Asa. Tua. Aos.
2 Citar. Manta.
3 Catalunha.
4 Meterão.
5 If. Magas. Al.
6 Som. Dar. Cré.
7 Criva. Arabi.
8 Amai. Vila.
9 Mós. Fia. Ato.
10 Os. Pirão. Rs.
11 Soera. Ródão.

VERTICAIS

1 Ac. Riscamos.
2 Sic. FORMOSO:
3 Atam. Mias. E.
4 Atem Vl. Pr.
5 Tratada. Fia.
6 Lega. Vir.
7 Amurara. Aar.
8 Anas. Ra. Oó.
9 Anho. Cala.
10 Ota. Arbitra.
11 Sa. ALEIVOSO:

PROVÉRBIO: Formoso e aleivoso

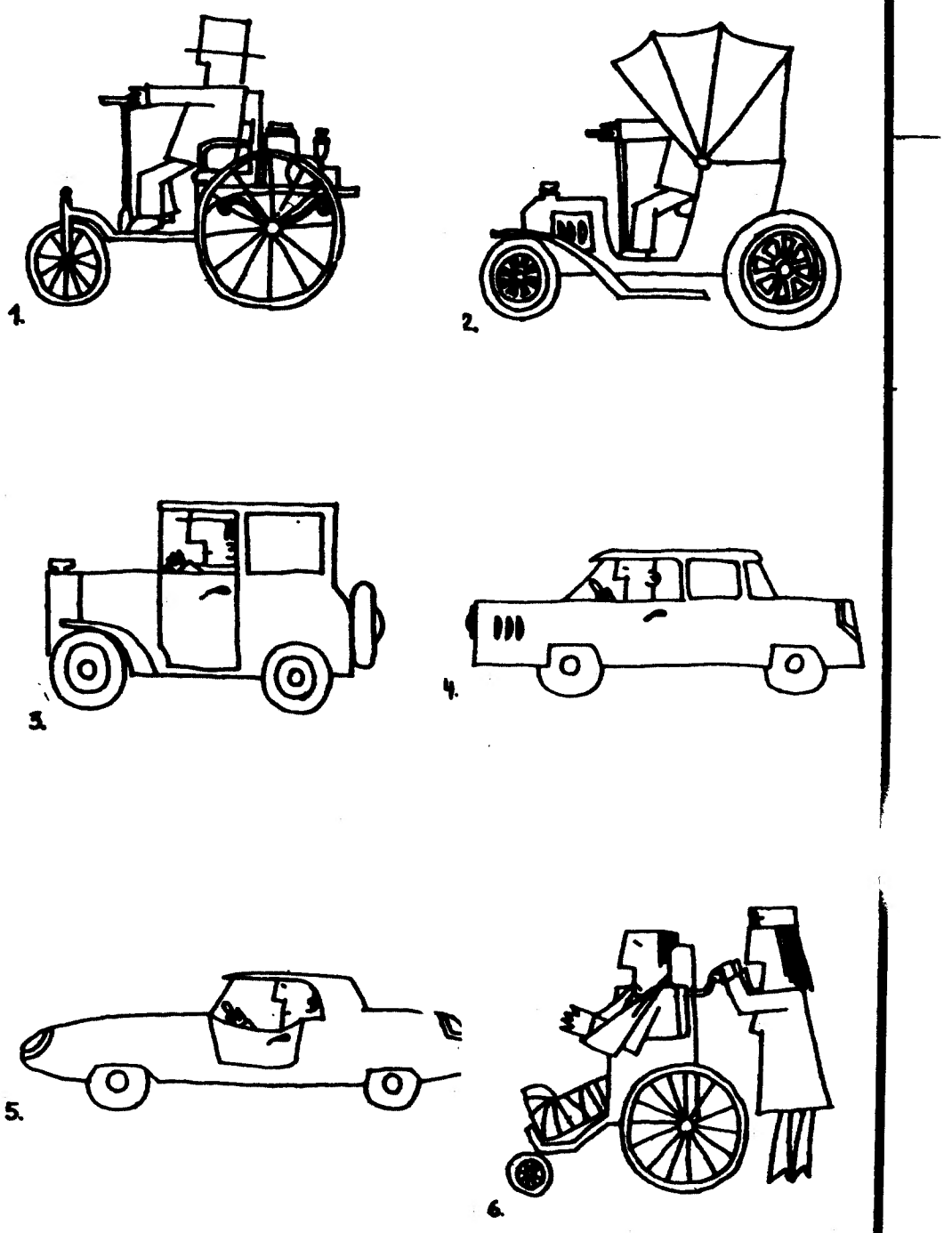
SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6526

HORIZONTAIS:

1 Quinteiro.
2 Ba. Amai. Dor.
3 Era. Pu. Ma.
4 Ola. Berat.
5 Sitar. Açane.
6 Sora. Ralo.
7 Só. Dá.
8 Eu. Tremores.
9 Pairo. Ala.
10 Tua. Arão. Or.
11 Arremessa.

VERTICAIS

1 Abeis. Festa.
2 Ar. Si. Ur.
3 Aotos. Par.
4 Ua. Larota.
5 Impara. Riam.
6 Nau. Berre.
7 Ti. Bar. Moas.
8 Pecado. Os.
9 Id. Ralara.
10 Romano. Elo.
11 Orate. Asaro.



ÚLTIMOS MODELOS

NUMISMÁTICA — MEDALHÍSTICA — PINTURAS
ANTIGUIDADES — OBJECTOS DE ARTE ANTIGA

IMPORTANTE

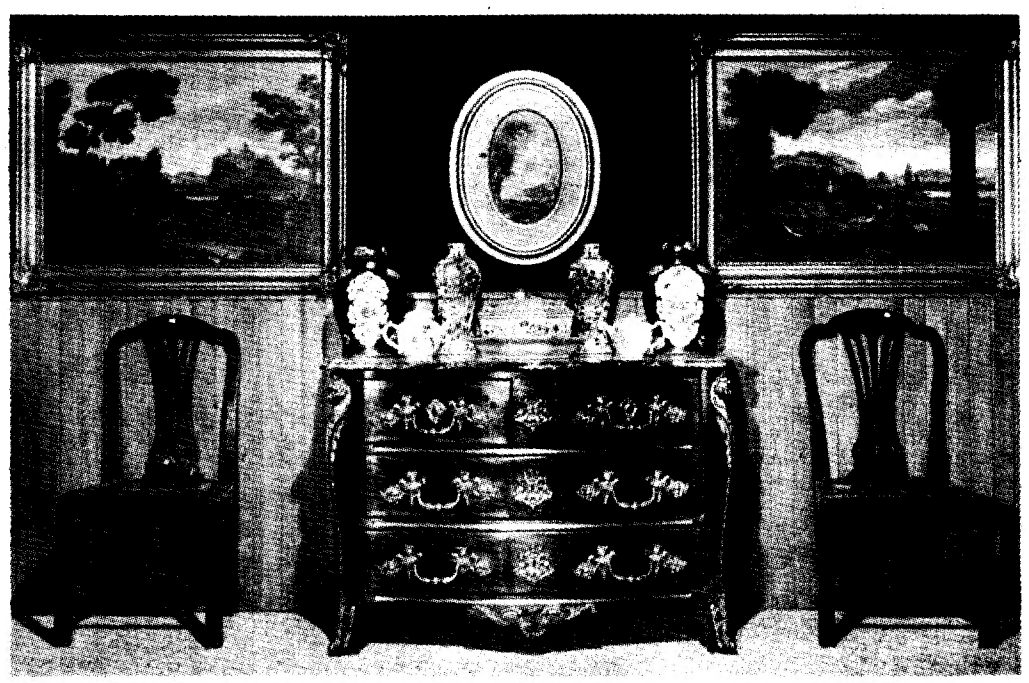
LEILÃO

2.ª E 3.ª FEIRA, ÀS 21 HORAS

no n/ salão de leilões, na AVENIDA CASAL RIBEIRO, N.º 17

— **NUMISMÁTICA E MEDALHÍSTICA: 2.ª-FEIRA, ÀS 21 HORAS,** compreendendo lotes de colecções completas e moedas várias em prata e bronze dos seguintes períodos e épocas: D. Manuel II, D. Carlos, D. Luís, D. Pedro V, D. Maria II, D. João VI, D. Maria I, D. José, D. João V, D. Pedro II, D. Miguel e da 1.ª e 2.ª República, Províncias Ultramarinas e algumas inglesas, russas, francesas, belgas, suecas, espanholas, chinesa, árabes, palestinianas, Dinamarca, Estados Unidos, etc., etc. MEDALHAS muito diversas num total de 150. **EM EXPOSIÇÃO 2.ª-FEIRA, das 10 às 13 e das 15 às 19 horas, recomendando-se aos interessados a visita à exposição para análise prévia porquanto será impossível a mostra morosa dos lotes no acto do leilão.**
Folheto descritivo em distribuição no local, às horas de exposição.

— PINTURAS E ANTIGUIDADES: 3.ª-feira, às 21 horas



(Na gravura: quadro de PILLEMENT, quadros de Thomaz de Moura, potes chocolate e cómoda francesa Luís XV, da colecção Dauniaz, cadeiras inglesas, terrina e outras peças C.ª das Índias)

— **ÓLEOS, AGUARELAS E DESENHOS** dos seguintes autores:
Acácio Lino — Albertino Guimarães — Alves de Sá — Alberto Souza — Alfredo Moraes — Alexandrina Chaves — Alípio Brandão — Almada Negreiros — Anjos Teixeira — Armando Lucena — Artur Loureiro — António Pedro — Eduardo Malta — D. Carlos — Carlos Botelho — Celestino Alves — Columbano — Domingos Rebelo — Cargaleiro, E. Casanova — Eduarda Lapa — Ezequiel Pereira — Falcão Trigoso — Fausto Sampaio — Fernando Santos — Frederico Ayres — Fred Kradolfer — Gil Perdigão — Guilherme Filipe — Jaime Murteira — Jean Pillement — J. J. Ramos — João Reis — João Vaz, Jorge Barradas — José Contente — J. Ribeiro — Júlio Resende — Luiz Ortigão Burnay — Luiz Salvador — Manuel Bentes — Manuel Tavares — M. A. Lima Cruz — Maria Keil — Mário Augusto — Mário Eloy — Mário Salvador — Mário Silva — Raquel — Ribeiro Cristino — Ricardo Hogan — Roberto Domingo — Romano Esteves — Sérgio Telles — Simão da Veiga — Silva Lino — Stuart — Tomaz Anunciação — Tomaz de Melo Jr. — Thomaz de Moura — Tomazinni — Tulio Victorino — Ventura Moutinho e de AUTORES DAS ESCOLAS francesa, inglesa e italiana: A. Hall — André Gorse — Arthur Jenkins — Devarreux — Emile Frian — Ernest Albert — G. Fauvel — Joys Hill — N. Diaz — Teduan — Sidney Cooper — W. C. Knell — W. H. Dyer.

— MOBILIÁRIO — LOIÇAS — OBJECTOS DE ARTE, ANTIGOS:
Cómoda francesa Luís XV, relógio caixa alta, inglês, mesa de sala jantar e móvel «svde-board» inglês, cómoda D. Maria I c/ marqueterie, cama em bronze de tradição, «Cama da Rainha D. Amélia», com docel. Arcão Renascença portuguesa, meias cómodas e mesas de abas D. João V, 3 lustres franceses sendo um com marca Baccarat. Altar, oratório e imagens em madeira e marfim séc. XVIII. Par de tremós Império, cama para casal, D. Maria II. Burra séc. XVII em ferro com magnífica ferragem. Máquina musical, curiosíssima e de extraordinário interesse, marca ORCHESTRION ELDORADO XIV, funcionando com introdução de moedas e de belo efeito musical. Pratas antigas séc. XVII, XIX e de marca Javali. Loiças China, C.ª das Índias e Cantão, terrina c/ travessa, par de potes chocolate (da colecção Dauniaz), travessas folha de tabaco, outras Família Rosa armoreadas, covilhetes, fruteiras, bules, pratas e peças diversas. Variados objectos de IMPOSSÍVEL DISCRIMINAÇÃO.

EM EXPOSIÇÃO — 2.ª-f.ª, nos horários acima indicados para a exposição e leilão das moedas, e 3.ª-f.ª, das 10 às 13 e 15 às 19 horas.

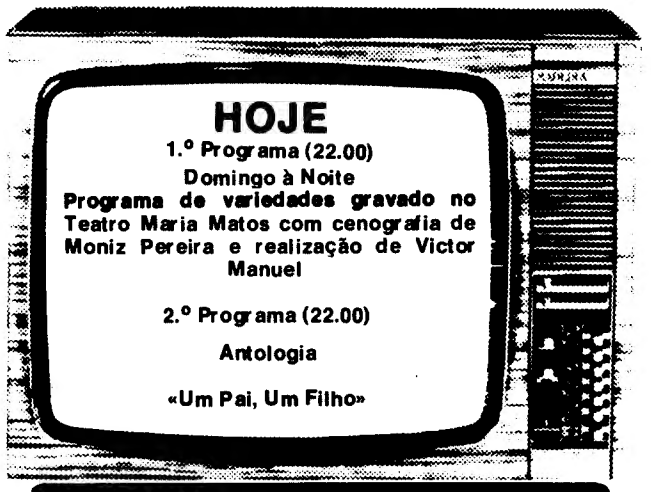
TRATA A

SOC. DE LEILÕES
AV. DUQUE DE LOULÉ, Nº 1
Telfs. P.P.C. (9 Linhas)
532929 · 51478 · 532446
AFRA FILHOS, Lda

O «DIÁRIO DE LISBOA» VENDE-SE NO PORTO

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Rotunda da Boavista, Carvalhido, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras

televisão



MADEIRA SIEMENS
ISLAND
O MAIS MODERNO TV COM ECRAN TOTAL

HOJE

1.º Programa

1.º Período

12.30 Abertura e missa de domingo
13.10 Dia do senhor
13.30 Nos bastidores da aventura
13.45 Telejornal — 1.ª edição
14.00 «Robin dos Bosques»
14.25 Hoje pode ver
14.40 Expedição
15.00 TV educativa — Educação Musical
15.30 Tarde de cinema «Eternamente Tua»
17.00 TV infantil
17.45 TV rural
18.15 Domingo desportivo — 1.ª EDIÇÃO
18.35 Semi-breve
19.30 Telejornal — 2.ª edição
19.45 «Adeus 15 Anos»
20.00 TV 7
21.00 «Agente Secreto À Força»
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 Domingo à noite
23.45 Domingo desportivo — 2.ª EDIÇÃO
00.00 Telejornal — 4.ª edição
00.05 — Meditação e fecho

2.º Programa

20.30 Abertura e «Regresso de Lucy»
21.00 Dó lá si
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 Antologia «Um Pai, Um Filho»
23.30 Fecho

AMANHÃ

1.º Programa

1.º Período

12.45 Abertura e desenhos animados
13.00 Feminino singular
13.15 «A Família Partridge»
13.45 Telejornal — 1.ª edição
14.00 Vivendo o futuro
14.25 Logo à noite

2.º Período

14.40 Ciclo preparatório TV
19.00 TV educativa — Língua Portuguesa
19.30 Telejornal — 2.ª edição
19.45 TV juvenil «Vida Subaquática»
20.00 Momento desportivo
20.30 Ao serviço da nação
21.00 Desenhos animados «Merrie Melodies»
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.05 «Columbo» «Uma Mulher Só»
23.45 Telejornal — 4.ª edição
23.50 Meditação e fecho

2.º Programa

20.30 Abertura e desenhos animados
20.45 Vivendo o futuro
21.00 «A Família Partridge»
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 Museu do cinema
23.15 Fecho

urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
C.V.P.	56 5342	Aeroporto	71 1397
H. de S. José	86 0131	CRGE	53 7021
H. de S. Maria	73 0231	C. Aguas	36 1361
P.S.P.	36 6141	Combóios	32 6222

tempo

Situação do tempo

09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava geralmente limpo e o vento era fraco; havia neblina em alguns locais.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H

PORTO	8º
P. DOURADAS	1º
COIMBRA	8º
PORTALEGRE	8º
LISBOA	6º
FARO	12º
FUNCHAL	15º

TEMPERATURAS EXTREMAS

Monte Estoril
Máxima 17º

Penhas da Saúde
Mínima 4,8º

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar 12,8º
Atmosfera 12,7º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
3.40	4,1 m	9.27	0,7 m
16.04	4,0 m	21.39	0,7 m
DIA 19			
4.21	4,1 m	10.03	0,6 m
16.42	4,0 m	22.15	0,7 m
DIA 20			
4.59	4,1 m	10.36	0,7 m
17.18	4,0 m	22.50	0,7 m

PREVISÃO GERAL
ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu geralmente limpo; vento fraco de Nordeste; condições favoráveis à formação de geada em locais abrigados do interior.

— AMANHÃ —

NASCER ÀS — 7.42
OCASO ÀS — 19.47

DIA 18 DIA 26 DIA 3 DIA 10

rádio

EMISSORA 1. PROGRAMA

14.30 Resumo do programa. Tarde desportiva: rádio desporto. Futebol: relatos e informações dos Jogos da 24.ª Jornada do Campeonato Nacional da 1.ª DIVISÃO: Actualidades desportivas.
17.30 Música sem palavras.
18.05 Girândola.
18.10 Música da Europa.
20.00 Diário sonoro.
20.20 Êxitos em parada. 21.00 Rádio desporto.
21.30 Variedades no estúdio.
22.00 Teatro das comédias: «Olenka», de Anton Tchekov.
22.35 Música portuguesa.
23.05 Sol e toiros.
23.30 De um dia para o outro - por Fernando Garcia.
00.00 Junção - (Entra o MF 1 de Lx) - Sinal horário. De um dia para o outro (cont.)
00.30 Diário sonoro.
00.45 De um dia para o outro (cont.)
02.00 Fecho.

PROGRAMA EM MF 1 DE LISBOA

23.00 Rádio Universidade.
00.00 Junção com o 1.º Programa

PROGRAMA ESTEREOFÓNICO MF2

21.00 Música ligeira variada.
22.00 Música de orgão.
22.25 Música sinfónica
23.40 Canções de crianças mortas (Mahler)
00.10 Sonata em mi bemol maior (Haydn)
00.30 Concerto em la M. (Tomasini).
01.00 Fecho.

RÁDIO CLUBE
Onda Média

14.55 Tarde desportiva.
17.00 Chave do Totobola.
18.02 Música pelo caminho.
18.45 Ritmos em desfile.
19.03 Fórmula 1.
19.30 Vedetas e canções.
20.00/21.00 Rádio 73
20.15 Comentador desportivo.
20.30 DE SETE EM SETE DIAS: «»: A estrela da noite.
21.00/24.00 Quadrante 2-9-0
21.32 Impacto.
22.30 Quando o telefone toca.
23.05 Mensagens bíblicas.
23.19 Canções ao acaso.
23.30 PBX
02.00 A noite é nossa.
06.00 Diário rural.
07.00 TAlismã

Modulação de frequência

16.04 Pêndulo.
17.00 Chave do Totobola.
18.02 O nosso programa.
19.04 Vértice.
21.00 Noticiário
21.02 Boa noite em FM
02.02 Programa à gô-gô
00.02 Em Órbita-dois.
01.02 Banda Sonora Sonipol.
02.00 Perspectiva.
03.00 Fecho.

Emissor de Miramar

14.55 Tarde desportiva.
17.02 Auto-rádio.
17.45 Presença Coimbrã
18.02/21.00 Norte dia-a-dia desportivo
21.00/24.00 Genérico.
viagens na nossa terra.
21.30 A voz da esperança.
22.03 O arauto da verdade.
22.17 A hora do templo.
22.17 Variedades.
23.04 Clube da juventude.

RÁDIO RENASCENÇA

14.30 Boa viagem
14.45 Onda desportiva.
17.30 Música ao volante.
18.00 Automobilismo.
18.30 Terço e missa.
20.05 Zona verde. E:SPAÇO OCUPADO PELA FAMÍLIA: »): Intervalo.
20.55 Meditando
21.08 Suplemento especial.
22.00 Quando o telefone toca.
22.30 Programa dos sócios.
23.05 A 23.ª hora.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

RÁDIO PENINSULAR
Das 6.00 às 8.00 das 10.00 às 12.00 e das 22.00 às 2.00

CLUBE RADIOFÓNICO DE PORTUGAL
Das 8.00 às 10.00 e das 17.00 às 19.30

RÁDIO GRAÇA
Das 12.00 às 14.30 e das 19.30 às 22.00

RÁDIO VOZ DE LISBOA
Das 14.30 às 17.00

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO F-1
__ Até às 22 horas __

AJUDA
Lídia Calçada da Ajuda, 170 (Tele. 637318)
ALCÂNTARA
Probidade Rua de Alcântara, 15-A (Tele. 638589)
ALTO DO PINA
ALTO DO PINA
Eusil R. Barão de Sabrosa, 104 (Tele. 841912)
ALVALADE
Rainha Santa R. Afonso Lopes Vieira, 57-B (à Avenida do Brasil) (Tele. 765262)
Belo Av. de Roma, 53-A (Tele. 776314)
AMEIXOEIRA
S. Bartolomeu Vila Paulo Jorge, 1 (às Galinheiras) (tele. 790969)
ANJOS
Guerra Rua Andrade, 32 (Tele. 845513)
AREEIRO
Central Avenida Paris, 2 (Tele. 720820)
AVENIDA DA LIBERDADE
Galénica Rua das Pretas, 12 (Tele. 322588)
AVENIDAS NOVAS
Saldanha Av. Praia da Vitória, 53 (Tele. 43938(
Santa Maria Av. 5 de Outubro 283-A (Tele. 763016)
BAIRRO ALTO
Oliveira Rua D. Pedro V, 123 (tele. 327880)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Ascenso Praça do Norte, 11 (Tele. 311216)
BENFICA
São João Estrada da Luz, 124-A (Tele. 783179)
Marques Estrada de Benfica, 648 (tele. 700096)
CAMPOLIDE
Rualto R. Alto de Carvalhão, 5-A (Tele. 651721)
CAMPO DE OURIQUE
Condestavel Rua Coelho da Rocha, 119 (Tele. 666206)
ESTRELA
Aurélio Rego Calçada da Estrela, 139 (Tele. 661758)
GRAÇA
Alves de Carvalho Rua Vale de St.º António, 7 (Tele. 840125)
Anunciada R. do Vigário, 74 (Tele. 866360)
GRILO
Grijó Rua do Grilo, 25 (Tele. 385264)
OLIVAIS
Fernandes Borges R. Cidade de Benguela, Lote 300 (Olivais-Sul) (Tele. 315539)
PENHA DE FRANÇA
Dimar R. Conde de Monsaraz, 17-B (Tele. 842533)

TURNO F-2
__ Toda a noite __

ALCÂNTARA
Infante Santo Rua do Olival, 290 (Tele. 661003)
ALVALADE
Alentejo Av. da Igreja, 28-B (Tele. 712682)
Estados Unidos Av. dos Est. Unidos da América, 16-B (Tele. 725859)
AVENIDA DA LIBERDADE
Vieira Borges Rua Alexandre Herculano, 28 (Tele. 40536)
AVENIDAS NOVAS
Cardoto Av. Visconde Valmor, 28-A (à Avenida da República) (Tele. 772291)
BAIXA
Internacional Rua Aurea, 228 (Tele. 322017)
BENFICA
Vitex Estrada de Benfica, 373-B (Tele. 780548)
CAMPOLIDE
Imparcial Rua General Taborda, 28 (Tele. 680931)
CAMPO DE OURIQUE
Almeida Rua Silva Carvalho «0! (tele. 681726)
CONDE REDONDO
Contemporânea Rua Conde Redondo, 26-30 (Tele. 45048)
GRAÇA
Monte Rua da Senhora do Monte, 30-A (Tele. 867842)
LUMIAR
Patuleia Rua do Lumiar, 120 (Tele. 790332)
OLIVAIS
Central dos Olivais Rua Alferes Barrilano Ruas, 7-C (Olivais-Norte) (Tele. 315539)
PEDROUÇOS
Restelo R. Duarte Pacheco Pereira, 11-C (Tele. 610741)
PICHELEIRA
Mariuz Calçada da Pichaleira, 140-B (Tele. 720703-728395)
RESTELO
Restelo Rua Duarte Pacheco Pereira, 11-C (Tele. 610741)
SANTO AMARO
Santo Amaro Rua Filinto Elísio, 29-A (Tele. 637070)
S. BENTO
Valentim R. Poço dos Negros, 88-90 (Tele. 679453)
S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Latina Av. António Augusto de Aguiar, 17-A (Tele. 42312)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Almeida Nito, Av. Comb. G. Guerra, 64 (Tel. 212070)
CAXIAS
Nova, Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel. 242839)
PAÇO DE ARCOS
Godinho da Silva, Av. Patrão Lopes, 4 (Tel. 2432039)
OEIRAS
Oeiras, L. Henrique Paiva Couceiro (Tel. 2430485)
PAREDE
Brandão, Av. da República, 77-C (Tel. 2471054)
SS. PEDRO DO ESTORIL
S. Pedro (Tel. 263052)
ESTORIL
Ostende, R. de Espinho, 1 (Tel. 261186)
CASCAIS
Cordeiro, Av. Comb. G. Guerra, 40 (Tel. 280170); Nova, Est. de Alvide, Fontainhas (Tel. 281044)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Melo, P. D. João I, lote 146, B.º Janeiro (Tel. 932756); Central, Av. Cardoso Lopes, 25 (Tel. 932210); Igreja, P. da Igreja, 22-A (Tel. 937740); Jardim, Av. Conde de Oeiras, 15-A, Reboleira (Tel. 938424)
DAMAIA
D. João V, Av. Gurgel do Amaral, 2-A (Tel. 970461)
VENDA NOVA
Nova, R. Elias Garcia, 10 (Tel. 972530)
QUELUZ
Zeller, R. da República, 83 (Tel. 950045); Correia, L. do Mercado, 3 (Tel. 950906)
CACÉM
Garcia, Av. dos Missionários, 2 (Tel. 2942181)
MEM MARTINS
Química, Est. de Mem Martins, 285 (Tel. 2910012)
S. PEDRO DE SINTRA
Valentim (Tel. 980456)
SINTRA
Simões, R. Heliodoro Salgado, 26 (Tel. 980832)
COLARES
Abreja (Tel. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 15 (Tel. 243100)
ALHOS VEDROS
Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (Tel. 224020)
ALMADA
Galeno, R. Capitão Leitão, 85-B (Tel. 2760565)
BAIXA DA BANHEIRA
Aliança, Est. Nacional, 174 (Tel. 224302)
BARREIRO
Central, Av. Alfredo da Silva, 48 (Tel. 2273207)
COVA DA PIEDADE
Castro Rodrigues, L. 5 de Outubro, 62 (Tel. 270121)
MOITA
Silva Rocha, P. da República, 16 (Tel. 239029)
MONTIJO
Montepio, R. Almirante Reis, 93 (Tel. 230095)
SESIMBRA
Leão, Av. Salazar (Tel. 229471)
SETÚBAL
Oliveira, L. da Misericórdia (Tel. 22488)
SEIXAL
Soromenho, R. Paiva Coelho, 38 (Tel. 2218560)

PORTO

3.º TURNO

SUB-TURNO A
Alves Moreira, Av. Rodrigues de Freitas, 167. Clérigos (dos), , Rua dos Clérigos, 36. Cruz (da), Rua Costa Cabral, 1082. Maia, Rua do Campo Alegre, 192. Monte dos Burgos, Rua do Monte Burgos, 802

SUB-TURNO B
Aliança, Rua da Conceição, 2. Botelho, Rua da Alegria, 863. Estácio, Rua Sá da Bandeira, 120. Guarani, Rua Pedro Hispano, 387. Menezes de Lima, Pr. Dr. Ped. Teo. Perei. 227. Vilarinha (da) Rua da Vilarinha, 161

COIMBRA

TURNO L
Paiva, , Pr.ª do Comércio, 57-58 (Tel. 23231)

cinemas

CINEMA CASTIL (Tel. 530194)
15.00 - 17.00 - 19.00 e 21.45
Grupo B (10 anos)
6.ª Semana
Technicolor. Barba Streisend e Ryan O'Neal em «QUE SE PASSA DOUTOR» Rua Castilho __ Metro Rotunda. Estacionamento Parque Castil.

MONUMENTAL (Tel. 555131)
15.15-18.15 e 21.30
(Grupo D-18 anos)
Eastmancolor. «LIBERDADES FEMININAS», Monica Vitti e Claudine Auger.

SATÉLITE (Tel. 555131)
15.00-17.00-19.00 e 21.45
(Grupo D-18 anos)
5.ª Semana
«O ULTIMO A RIR» um filme de Alain Tanner

IMPÉRIO (Tel. 555131)
ás 15.15, 18.30 e 21.30
(Grupo D - 18 anos)
2.ª Semana
«A PAPISA JOANA» Com Liv Ullmann Franco Nero e Maximilian Shcell. Panavision. (Metro: Alameda)

ESTÚDIO (Tel. 555134/5)
15.00-17.00-19.00 e 21.45
(Grupo D-18 anos)
Um filme de René Allio «Os CASMISARDOS» Quem são? Porque entram? Em nome de quê? (Metro: Alameda).

AVIZ (Telef. 47163)
ás 15.30, 18.30 e 21.45
(Grupo B-10 anos)
60.ª Semana «Record» de exibição em Portugal! «TRINITA COW-BOY INSOLENTE» com Terence Hill e Bud Spencer. Color-Scope.

ESTÚDIO 444 (Tel. 779095)
ás 15.30, 18.30 e 21.45
Grupo D - 18 anos
«ENCONTRO COM UMA MULHER DE 30 ANOS». Massimo Raneri e Florindo Bolkan. Eastmancolor

APOLO 70
ás 15.15. 18.30 e 21.45 13.ª semana Technicolor. Grupo D (18 anos) Genial! «O GRANDE CONQUISTADOR» com Wood Allen.

ODEON (Tel. 326283)
15.15 - 18.15 - 21.30
(Grupo D - 18 anos)
A famosa peça de Casona num filme arrojado «AS 3 PERFEITAS CASADAS»

MUNDIAL (Tel. 538743)
ás 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos) 2.ª Semana de êxito. Alberto Sordi e Elga Anderson num dos mais extraordinários e polémicos filmes do ano «À ESPERA DE JULGAMENTO» «Urso de Oiro do último festival de Berlim Technicolor. (Metro: Estação Picoas)

ROMA (Tel. 727778)
15.30-18.30 e 21.45
(Grupo D-18 anos)
Technicolor «DELIVERANCE» John Voigth, Burt Reynolds.

BERNA (Tel. 776098)
ás 15.15, 18.30 e 21.45
Grupo D - 10 anos) Panavision. Colorido. «A AVENTURA DO POPEIDON» com Jene Hackman, Ernest Bargnine, Red Buttores, Carol Lynley e Stella Stevens.

ALVALADE (Tel. 717480)
ás 15.15, 18.15 e 21.45
Grupo C - 14 anos - 2.ª Semana. Eastmancolor. «Um filme de Laurence Olivier. «AS 3 IRMÃS» com Alan Bates.

POLITEAMA (Tel. 326305)
ás 15,15, 18.15 e 21.45
Grupo B - 10 anos á noite. Grupo A 6 anos ás matinées. 3.ª Semana triunfal de Franco Franchi e Ciccio Ingrassia. «CONTINUAVAM A CHAMAR-LHES OS 2 PILOTOS MAIS MALUCOS DO MUNDO».

CONDES (Tel. 322523/326710)
14.00-16.30-19.00 e 21.45
(Grupo B-10 anos)
Colorido. A mais excitante aventura jamais filmada «A AVENTURA DO POSEIDON», com Jene Hackman, Ernest Borgnine, Red Buttons, Carol Lynlei e Stella Stevens.

IMPERIAL (Tel. 821933)
no: Arroios-Praça do Chile). Ás 18.30 Grupo A 6 anos. «O COMBOIO QUE LEVAVA SAUDADES».

CASINO (Tel. 2642/264949)
ás 15.30, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
«AVENTURA É AVENTURA»

LONDRES (Tel. 731313)
ás 14.00, 16.30, 19.00 e 21.45
Grupo D 18 anos, 17.ª Semana. Colorido. A estrela do ano Elza Minneli. «CABARET» (Adeus Berlim)». Snake-bar» Pub Theflag». O melhor encontro gastronómico.

EUROPA (Tel. 661016)
15.15 e 21.30
(Grupo D-18 anos)
6.ª Semana
Eastmancolor. Um filme de Dino Risi «EM NOME DO POVO ITALIANO» c/ Vittorio Gassman e Ugo Tognazzi. Tardes infantis. Hoje às 18.15 (Grupo A-6 anos) um espectáculo para crianças com que os adultos deliram «O MAIOR CIRCO DO MUNDO»

ROYAL (Tel. 865037)
ás 15 e 21 h.
Grupo D (18 anos)
«ATÉ Á MATERNIDADE». Em complemento «TESTEMUNHA SUSPEITA»

S. JORGE (Tel. 54151)
15.15-18.30 e 21.45
Em 3.ª Semana
Grupo D 18 anos
O Carnaval continua! «COM JEITO VAI... NA PÂNDEGA»

LYS (Tel. 48560)
14.45 e 21.00
(Grupo D-18 anos)
«MULHERES SEM MARIDO» e «A PARTILHA». Às 18.30 «MULHERES SEM MARIDO» (Metropolitano: Intendente.

EDEN (Tel. 320768)
15.30-18.30 e 21.45
(Grupo C-14 anos)
Eastmancolor «CALIBRE 9» Gaston Moschini, Barbara Bouchet, Philippe Leroy.

VOX (Tel. 720808)
ás 15,15 18,30 e 21.45
4.ª Semana, o mais ousado filme de Otto Perminger». AMANTES DESCONHECIDOS». Technicolor. Grupo D (18 anos)

TIVOLI (Tel. 50595)
15.15 - 18.30 - 21.45 2.ª Semana
(Grupo D - 18 anos) Eastmancolor Annie Girardot em «DESENCONTRO» Um filme de Serge Korber

LEIA ÀS QUINTAS - FEIRAS motor

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

VARIEDADES
20.45 e 23.00 (14 anos)
«Sua Excelência o Pendura»

CASA DA COMÉDIA
22.00 (18 anos)
«OH papá pobre papá».

MARIA VITÓRIA
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Cá vamos pagando e rindo»

TRINDADE
21.45 (18 anos)
«Adriano VII»

MONUMENTAL
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Mulheres é comigo»

A. B. C.
20.45 e 23.00 (18 anos)
«É o fim da macacada»

CAPITÓLIO
21.45 (18 anos)
«Sexo nunca! Somos britânicos»

LISBOA/Cinemas

OLÍMPIA
19.00 (18 anos)
«O Lago de Drácula»

CINEARTE
21.00 (14 anos)
«O Juiz Roy Bean»

PARIS
21.00 (10 anos)
«As noites loucas do dr. Jerryel».

JARDIM CINEMA
21.30 (10 anos)
«Corrida para a aventura».

MAYER
21.10 (10 anos)
«Com os olhos da alma»

MOSCAVIDE
21.30 (18 anos)
«Os Diamantes são eternos»

PROMOTORA
21.00 (18 anos)
«Curvas na zona»

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Stadium
21.30 (14 anos)
«O Lobo Vermelho»

OEIRAS
Oeiras-Cine
21.00 (18 anos)
«Meu marido esse desconhecido»

PAREDE
Royal-Cine
21.15 (10 anos)
«O Filho de Shane»

ESTORIL
Casino
15.30 - 18.30 - 21.30 (18 anos)
«Aventura é aventura»

Palácio
21.30 (14 anos)
«Um violino no telhado»

CASCAIS
S. José
21.30 (18 anos)
«Encontro com uma mulher só»

LINHA DE SINTRA

DAMAIA
D. João V
21.30 (18 anos)
«As Rainhas do petróleo»

QUELUZ
Queluz Cinema
21.15 (10 anos)
«Maciste nas Minas do Rei Salomão»

SINTRA
Carlos Manuel
21.30 (18 anos)
«Só as borboletas são livres»

OUTRA BANDA

COVA DA PIEDADE
União Artística
21.15 (18 anos)
«X, Y e Z»

ALMADA
Incrível
21.15 (18 anos)
«Bulevar do Rum»

Academia
21.15 (18 anos)
«Carne de primeira»

TRAFARIA
Pavilhão Jardim
21.15 (14 anos)
«Cinco para o Inferno»

LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.30 (14 anos)
«A parte de leão»

BARREIRO
Cine Barreirense
21.00 (18 anos)
«Tempo de amar»

PORTO/Teatros

SÁ DA BANDEIRA
20.45 e 21.00 (14 anos)
«A Cama dos Comuns»

PORTO/Cinemas

OLÍMPIA
21.30 (18 anos)
«O Esquadrão da morte»

VALE FORMOSO
21.30 (18 anos)
«Variedades»

BATALHA
21.30 (18 anos)
«Centuriões do século XX»

CARLOS ALBERTO
21.30 (10 anos)
«O Pirata Vermelho»

TRINDADE
21.30 (18 anos)
«Amor ilícito»

COLISEU
21.30 (18 anos)
«Os toiros de Mary Foster».

JÚLIO DINIZ
21.30 (18 anos)
«Companheiros»

RIVOLI
21.30 (18 anos)
«Mulheres sem marido»

ESTÚDIO
21.30 (18 anos)
«As brancas montanhas da morte»

PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«Noite sem fim»

S. JOÃO
21.30 (18 anos)
«Perseguição»

ÁGUIA D'OURO
21.30 (10 anos)
«O ás vale mais»

ESTÚDIO 400
21.30 (18 anos)
«Companheiros»

COIMBRA

AVENIDA
21.00 (18 anos)
«O Mecânico»

GIL VICENTE
21.30 (14 anos)
«Alexandre Nevsky»

TIVOLI
21.30 (14 anos)
«As Grandes manobras»

SOUSA BASTOS
21.30 (18 anos)
«Ora bolas eu amo-te».

BARS BOITES restaurantes típicos DANCINGS

FANTASMA-Dancing Caveau com variedades. Maria Helena. Odete Maria. Domingos Ramos e o fabuloso Tony Sandro e Garcia e o seu conjunto **R. Gomes Freire, 145-B Aberto das 18h as 21 h e das 22.30h às 05.00h.**

TAMILA __ Marão e s/conjunto «Matinées» todos os dias. Encerra aos domingos. **Avenida Duque de Loulé 69. Telef. 534117.**

LUSO __ Grande elenco de folclore fado de Lisboa por Augusta Erminda e Jose Luis Tomar; fado de Coimbra por Américo Silva. Em fado castiço Cristina Maria. **Travessa da Queimada, 10 Telef. 362889. Aberto todos os dias.**

SAN-PAYO __ Bar-boite c/música constante. Aberto até às 5h da madrugada. **Rua Rodrigues Sampaio, 34 Telef. 561422.** (Ar condicionado)

HIPOPÓTAMO __ Com Helder Reis. Encerra aos domingos. **Av. António Augusto de Aguiar, 5-A Telef. 48384**

PRINCIPE NEGRO __ **Dancing com variedades Calçada da Glória, 2 Telef. 368987.**

EL CIDE __ Dancing com o conjunto «X 4». **Rua Bernardo Lima, 18-A** (Ao conde Redondo) **Telef. 560538** Com variedades

CASEBRE __ Rua da Barroca, 133 **Telef. 369760.** Encerrado aos domingos. Cantam: Carlos Barra, Deolinda Rodrigues e Nazaré. À 1.00 h convidado special em tempo-Show. Folclore pelos cinco típicos de Vila Franca de Xira. Tocam Carvalhinho e Julio Gomes

CACO __ Dancing c/música ambiente com singular quarteto. **Rua Camilo Castelo Branco, 23-A.**

FRAGATA REAL __ Maria Valejo Maria Jô-Jô Nelo e Joaquim Campos em Fado lisboa. João Quiróz em Fado de Coimbra, acompanhamento de António Parreira e Francisco Gonçalves. Artistas convidados Ana Rosmaninho, Natalia Desejos e João Cabral. **Trav. S. Miguel, 22-Alfama-Telef. 868552**

SOLAR DA HERMÍNIA __ Hermínia Silva, hoje e sempre. **Largo Trindade Coelho n.º 10 e 11** Encerra aos domingos **Telef. 320164.**

CASINO ESTORIL __ Jogo autorizado. Variedades internacionais. **Telefones 26461, 264526, 264596, 264621 e 264946**

NINA __ Dancing com atracções. **Rua Paiva de Andrade, 7-13 Telef. 34859/365167**

DL

RENASCENÇA GRAFICA S. A. R. L.
PROPRIETARIO DO
DIARIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185 - 1.º, 2.º E 4.º
TELEF. 654531/2 - 3 - 4
SERVIÇOS TECNICOS:
RUA LUZ SORIANO, 44
RUA DA ROSA, 57
END. TEL. DIBOA. TELEX 1363
LISBOA - PORTUGAL

OS NOVOS AMERICANOS DO VIETNAME

Continuação da pag. 1

por um especialista em longística, o major-general John E. Murray — deveria instalar-se no quartel-general do antigo «Pentágono Leste». Metade destes adidos estão encarregados de vigiar as actividades comunistas.

Foi também criada uma nova direcção no seio da embaixada — que é a mais importante missão americana em todo o mundo. Chama-se ela «Reconstruction and Resettlement» ou «R. e R.» e é dirigida por um novo assistente do embaixador, o antigo coronel George D. Jacobson. Segundo o **New York Times**, pela sua organização e os seus objectivos, faz pensar no antigo programa de «pacificação» WHAM (.«Ganhar os corações e os espíritos») e está habilitada a repartir o auxílio americano. O seu pessoal compõe-se de duzentos e cinquenta membros ,antigos militares ou funcionários de pacificação, em especial todos os funcionários civis superiores do CORDS (Civil Operations and Rural Development Support). Estes trabalharão em pequenos grupos nas províncias. A sua logística será assegurada pela Air America, a companhia da C.I.A. Entre o pessoal encontram-se antigos «conselheiros», como Albert I. (Buck) Kotzebue, a desempenhar este lugar há já quatro anos, na província déltica de Kien-Hoa. Paralelamente, um pouco menos de um milhar de pesssoas trabalham para o programa de auxílio ao desenvolvimento (A.I.D.): elas não deixam de ter contactos com os serviços especiais.

Finalmente, para aperfeiçoar a nova implantação americana, foram instalados quatro consulados — três deles novos — em Danang, Nhatrang, Bien-Hoa e Cantho, capitais das quatro regiões militares. Umas cinco dezenas de diplomatas, que falam vietnamitas, foram chamados com urgência, das embaixadas em que prestavam serviço, sem poderem trazer as famílias consigo. Estão repartidos por estes quatro consulados, para uma estadia que poderá durar seis meses.

Se se acrescentar a estes programas a ajuda financeira e em material de Washington a Saigão, o peso dos Estados Unidos no Vietname continua a ser considerável. Eele não pode deixar de influenciar a situação política num sentido, bem entendido, favorável ao general Thieu. As prisões, aonde se encontram por exemplo, um grande número daqueles que se dizem da «terceira componente», não são financiadas pelos fundos americanos?

PATRICE BEER

Resistência india

Os índios sioux que se amotinaram em Wounded Knee, no Dakotta do Sul, proclamaram aquela pequena localidade «território índio independente, em guerra com os Estados Unidos». Para fazer face ás necessidades de alimentação agravadas pelo cerco da polícia e da tropa, este índio acaba de abater uma rez que servirá para alimentar os trezentos e cinquenta amotinados que ali se encontram e ainda resistem.

A VIDA ÍNTIMA DOS ROOSEVELT

-DESCRITA POR UM FILHO DO CASAL

A revelação de alguns pormenores íntimos da vida do pai — o Presidente dos E.U.A. de 1933 a 1945 — lançou a dissenção entre os filhos de Franklin Delano Roosevelt. Na origem do conflito está um livro escrito pelo mais velho dos quatro, Elliot, que reside em Portugal desde Maio de 1972.

«**The Ladies home Journal**», um semanário feminino de Nova York, acaba de revelar algumas passagens do livro que Elliott Roosevelt publicará em Abril: «Uma história desconhecida: Os Roosevelts de Hyde Park». Hyde Park é o local de nascimento do antigo presidente, que pela primeira vez na história dos EUA recebeu quatro mandatos sucessivos para ocupar a Casa Branca. A morte interrompeu o último, em 12 de Abril de 1945, quando se avizinhava a vitória aliada na grande guerra.

Mas não é a vida política do grande dirigente democrata que o seu filho põe em causa no livro que escreveu alguns anos depois de ter editado as cartas da família. A cisão com os irmãos surgiu quando Elliott afirma que os seus pais Franklin e Anna Eleanor, deixaram de viver como um casal cerca de 1915, ao fim de dez anos de casamento. O presidente desenvolvera uma relação afectiva com Lucy Mercer, que vivia na Casa Branca como secretária social de Anna Eleanor. A poliomielite atingiu-o em 1921, obrigando-o a deslocar-se numa cadeira de rodas.

A esposa de Franklin Delano era sobrinha do antigo Presidente Theodore Roosevelt, de quem Franklin era, por seu lado, primo direito. Anna Eleanor ganhou nos EUA uma popularidade quase idêntica à do marido, que acompanhava em quase todos os actos públicos e com quem colaborava estreitamente, mesmo ao nível das grandes decisões políticas. Desde que enviuvou até que morreu, em 1962, Eleanor teve sempre as honras e a audiência duma verdadeira figura nacional americana.

SEM LIMITES

A nossa admiração, respeito e amor pelos nossos pais continuam, sem limites, à medida que os anos passam e, por muito que nos custe, desligamo-nos completamente da publicação deste livro», declaram John, James, Franklin e Anna Roosevelt num comunicado distribuído após a publicação do excerto na revista feminina.

«O Ladies'Home» anunciou para Abril a publicação de segunda passagem do livro, em que revela o amor do presidente Roosevelt por outra mulher, **«caso que se manteve secreto até hoje»**. A agência United Press afirma que se depreende do texto já publicado tratar-se de Marguerite Lahand, que foi secretária do presidente.

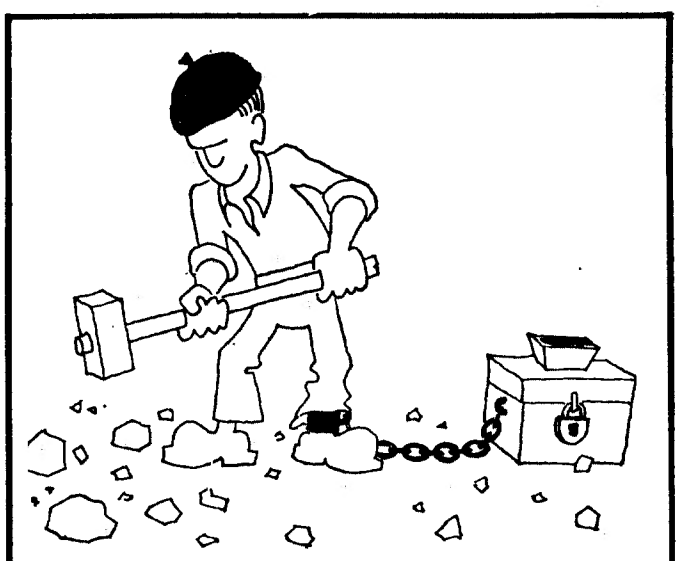
Elliott Roosevelt, com 62 anos, teve uma curta carreira política, apoiado pelas forças do Partido Democrático na Florida, chegando a «Mayor» de Miami Beach. Piloto de guerra, lutou em todas as frentes do conflito de 39-45, que terminou coberto de medalhas e com as estrelas de brigadeiro.

Desligado de altas responsabilidades no Pentágono, o primogénito de Roosevelt lançou-se no mundo dos negócios e da grande indústria, incluindo a rádio, a televisão e a publicidade. Escolheu Portugal para o seu último projecto: criar cavalos de alta escola, para exportar para os circos dos EUA. Ao chegar a Lisboa, em Maio passado, Elliott Roosevelt — **«tenho a memória do meu pai sempre presente!»** — declarou-se a favor da participação americana na guerra do Vietname, para onde iria lutar **«se não estivesse já ligeiramente velho»** (UPI/ANI/«DL»)

A FRANÇA PÓS-ELEITORAL: GUINADA PARA O CENTRO

A lição serviu para alguma coisa. Com efeito, depois das eleições legislativas deste mês em França, nas quais os gaullistas no poder apanharam o seu maior susto em 1 anos, se exceptuarmos Maio de 1968, assiste-se aos preparativos pós-eleitorais de uma guinada para o centro. Passado o perigo imediato de uma tomada do poder pela esquerda, representada pela nova frente socialista-comunista de François Mitterrand e Georges Marchais, que reuniu no entanto mais votos do que o partido gaullista se abstrairmos os seus aliados, os dirigentes da maioria governamental respiraram com maior alívio mas vão anunciando mudanças, com os olhos postos na eleição presidencial de 1976.

Assim, o presidente Georges Pompidou, herdeiro político do general de Gaulle, apressou-se a concluir que a França afirmou «com clareza o seu desejo de progresso social pela acelerada participação de todos nos frutos da expansão económica e pela rápida correcção das desigualdades». E deu a entender que a rígida fidelidade ao gaullismo ortodoxo estava ultrapassada. Isto é, o próprio presidente deu o tom do deslizamento para o centro, que o secretário-geral do partido gaullista, Alain Peyrefitte, não deixou de sublinhar depois. Segundo ele, a nova «mística» socialista-comunista obriga os componentes da maioria a «ser republicanos no progresso, a ser progressista».



AS ELIÇÕES FRANCESAS VISTAS POR KONK

Perante semalhante tendência, admitia-se já no fim da semana passada que o primeiro-ministro gaullista, Pierre Messemer, seria sacrificado e falava-se na eventualidade da nomeação para a chefia dp Governo do ministro das Finanças, Valéry Giscard d'Estaing, dirigente dos republicanos independentes, aliados dos gaullistas. Entretanto, também Giscard não perdia tempo e considerava que os eleitores se haviam pronunciado pela abertura, pela renovação dos métodos, do estilo e dos homens. O ministro preconizou ainda uma maior consideração pela esquerda e a sua defesa de liberalização da maioria poderá conduzir a um centro alargado de forma a abranger o agrupamento dos reformadores, chefiados por Jean Lecanuet e o político-jornalista Jean Jacques Servan-Schreiber.

A semana francesa não terminou, por outro lado, sem a demissão de dois membros do Governo — Maurice Schumann (Negócios Estrangeiros) e René Pleven (Justiça), fazendo pressagiar uma vasta remodelação.

PORTUGÁLIA EDITORA:

Mil titulos publicados

. Com o lançamento de «A 27.ª Mulher», de Irving Wallace, atingiu a Portugália Editora o seu milésimo título. Fundada em 1942 pelo saudoso bibliógrafo e coleccionador de arte Joaquim Agostinho Fernandes, a Portugália empenhou-se desde logo, na divulgação de autores portugueses, numa época em que estes eram sistemáticamenteesquecidos pelos principais editores.

Ficaram assim no seu catálogo, entre muitos outros, Teixeira Gomes, Basílio Teles. Augusto Gil, Trindade Coelho, Jaime Cortesão, José Régio, Alves Redol, Irene Lisboa, Vergílio Ferreira, Branquinho da Fonseca, José Gomes Ferreira, Carlos de Oliveira, Manuel da Fonseca, Almeida Faria etc.

Ao completar 30 anos de actividade, a Portugália bem merece, pela intensa actividade cultural desenvolvida, uma palavra de felicitação de quantos, entre nós, são verdadeiramente «amigos do livro».

ECONOMISTA PRECISA-SE

Realiza-se no próximo dia 1 de Abril em Tróia-Torralta, um almoço com a participação dos alunos finalistas de Económicas, de membros do Corpo Docente e aberto a todos os alunos daquele Instituto bem como a ex-alunos.

O almoço é organizado pela comissão promotora da viagem de fim de curso e tem um duplo objectivo: confraternização e angariação de fundos.

As inscrições estão abertas até ao dia 26 e podem ser feitas pelo telefone 974687.

A propósito de viagens para universitários recebemos a seguinte carta do nosso leitor João Marques Almeida:

. «O seu jornal traz a seguinte notícia em 12 de Março: o voo circular Lisboa / Luanda/ Rio de Janeiro/ Lisboa, com partida a 31 de Março e regresso a 26 de Abril é totalmente preenchido pelos alunos finalistas do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras, que escolheram Angola eo Brasil para motivo da sua viagem de fim de curso. Esta notícia integra-se no comunicado intitulado «Viagens para Universitários».

Quererá V. Ex.ª informar-me caso saiba e talvez possa saber, já que os jornalistas portugueses são dos mais bem informados do mundo (e arredores — se essa é a única actividade dos ditos finalistas. As aulas ainda não começaram e o fim do ano, costuma ser a 31 de Maio. Ou será como no ano findo, em que os mesmos universitários compraram os pontos ao contínuo, que os passa ao duplicador?

. Mas eu não sei e gostaria de saber. É que preciso de um economista e estou ansioso por contratar um dos 400 e tal que vão terminar tão brilhante curso este ano!

. Agradeço reconhecido uma resposta no mesmo local, se possivel — note-se que não invoco a lei (?) de imprensa.»